



DOR PARA FAMÍLIAS

Paraíba registra 225 pessoas desaparecidas no 1º trimestre

Número é 47% maior do que o do mesmo período de 2023 e mobiliza o Poder Público em investigações. **Página 7**

Foto: João Pedrosa



Mulheres dividem experiências da maternidade na internet

Grupos virtuais cumprem papel importante para mães que vivenciam etapas parecidas na criação dos filhos e se tornam rede de apoio fundamental. **Página 5**

Movimentos negros do país defendem revisão do 13 de Maio

Data que marca a abolição da escravatura é questionada por militantes, que denunciam o processo de exclusão da população e sugerem o dia 20 de novembro como mais significativo para a celebração e conscientização.

Página 25

Agricultura 5.0 incentiva o uso da tecnologia

Novos recursos auxiliam o manejo de culturas e reduzem custos de produção, com uso de práticas sustentáveis.

Página 20

Foto: Edson Matos/Arquivo



Memórias

Por 45 anos, Carlos Vieira fez de A União sua segunda casa

Do começo, ainda estudante, até a edição das páginas diárias repletas de notícias, o jornalista conta sua trajetória profissional marcada por desafios, conquistas e momentos que estão gravados no jornalismo paraibano.

Páginas 14 e 15

Vida acelerada pode levar à síndrome de burnon

Termo remete à situação cotidiana em que a pessoa se mantém em constante estado de atenção.

Página 6

Botafogo volta a campo para defender a invencibilidade

Time enfrenta o Volta Redonda, às 19h, no Estádio Raulino de Oliveira, no Rio de Janeiro.

Página 23

Demanda elevada amplia mercado vegano em João Pessoa

Novos e diferentes tipos de negócios surgem para suprir as necessidades do público na capital.

Página 17

■ “Não há nada mais modesto do que a Academia Paraibana de Letras, casa dedicada à consagração dos nossos escritores, artistas e cientistas. Salvo engano, chama a atenção dos que a visitam certamente por isso”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Vejo em quando gosto de rastrear meu arquivo de cartas. Acumulei, ao longo dos anos, um estoque razoável desses documentos da alma humana, dos traços peculiares deste ou daquele contexto histórico e geográfico”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Custa-me crer que, num momento de tanta dor, desespero e aflição vivida no Rio Grande do Sul, haja pessoas que se desdobram para propagar fake news e desinformação. Falta empatia e sobra vontade de ampliar o caos”.

Angélica Lúcio

Página 26

Editorial

Um novo capítulo

A terceira cidade mais antiga do Brasil nasceu de costas para o oceano, às margens do Rio Sanhauá. Naquele fim de século 16, a economia dessa pequena urbe, chamada de Cidade Real de Nossa Senhora das Neves, orbitava o Porto do Varadouro, mais conhecido como Porto do Capim. Era a partir de suas docas que a cidade fazia negócios e se conectava com o interior e com os outros estados.

Depois da inauguração do Porto de Cabedelo, em 1935, o Porto do Capim perdeu o posto de principal ancoradouro da Paraíba — sendo gradualmente desativado — e, a partir dos anos 1940, a capital paraibana avançou em direção ao mar. Daí em diante, a área ao redor do velho porto entrou em decadência.

Depois de décadas de invisibilidade, e já com comunidades ali instaladas há quase 80 anos, o governo municipal decidiu intervir no local. Mas os projetos pensados para lá não foram bem recebidos, visto que não consideraram um detalhe: a relação de sociabilidade da população local com o território e com o rio.

Agora, o Porto do Capim tem outra chance. Na quarta-feira passada, o Governo Federal anunciou, em solenidade no Palácio do Planalto, um investimento de R\$ 100 milhões no lugar, dentro do Novo PAC Seleções. Os recursos virão por meio de um projeto que não exige a retirada de famílias ribeirinhas, como aconteceu nas tentativas anteriores — todas frustradas, depois dos protestos e resistência que gerou, em várias frentes.

Para isso, prevê, entre outras ações, regularização fundiária, remanejamento de casas, melhorias habitacionais e de infraestrutura (como iluminação, saneamento e drenagem); construção de píeres, trapiches e caixas; recuperação de construções antigas; e implantação de equipamentos públicos em prédios antigos tombados. Ou seja, medidas urbanísticas, ambientais, habitacionais e sociais, tanto no Porto do Capim quanto em comunidades adjacentes, alcançando mais de duas mil pessoas.

Para liberar esses recursos, o Governo Federal exigiu a criação de um Posto Territorial Periferia Viva dentro do Porto do Capim. Nesse espaço, uma equipe de assessoria técnica multidisciplinar atenderá as populações beneficiadas, sanando dúvidas e colaborando sempre que houver demandas referentes ao projeto a ser executado.

Costurado em audiências e encontros realizados entre a Secretaria Nacional de Periferias do Governo Federal, o Ministério Público Federal na Paraíba, a Prefeitura de João Pessoa e representantes da própria comunidade, o projeto tem, como uma de suas prioridades, a permanência dos moradores em seu próprio território.

Que o sofrimento imposto à população do Porto do Capim nos últimos anos seja, por fim, uma página virada. E que esse espaço, a partir das intervenções previstas, faça jus ao título de berço da bela e histórica cidade de João Pessoa!

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

O poder revolucionário da leitura

Quem não tem o hábito da leitura está condenado a crer em tudo o que lhe dizem. Aos outros transfere a responsabilidade de interpretar o que teria obrigação de saber. Perde a condição de análise crítica. Aí fica fácil aceitar a opinião do outro como sendo verdadeira. Apropria-se do pensamento alheio. Fica a mercê de julgamentos muitas vezes incorretos.

A ditadura das mídias sociais e das bolhas ideológicas transforma aqueles que não têm o costume de ler em robôs repetidores do que divulga, embarcando no que podemos chamar de hipnose coletiva. A leitura nos dá a oportunidade de criticar o que nos tentam vender. Assim, ficamos imunes às manipulações de consciência. Se não conseguimos criar referências, não podemos promover mudanças em nossas vidas.

Entramos, portanto, num ciclo da mediocridade. Fica difícil interpretar o mundo, questioná-lo e analisá-lo. A leitura nos convida a sair da zona de conforto e procurar descobrir o desconhecido. Tornarmo-nos capazes de confrontar o outro. Não podemos correr o risco de metamorfosarmos-nos em pessoas inúteis porque achamos a leitura algo sem importância. Quando assim agimos, abrimos mão da capacidade de pensar.

A futilidade das informações que nos são fornecidas pela internet faz com que nos tornemos indivíduos alienados. Ficamos impossibilitados de apreender a realidade da vida. Sem o hábito da leitura, não podemos sequer sonhar, porque nos conformamos com o que nos é apresentado. Vem daí a razão dos déspotas em inibir o acesso às informações. O melhor para eles é que o nosso saber seja limitado pelo que a eles convém.

Ler é sinônimo de libertar-se. Dar asas à imaginação, ainda que contrarie muitos, principalmente aqueles que desejam im-

por algemas no direito de caminhar com os próprios passos. Quando proíbem a leitura livre, impõem a censura para estabelecer a submissão. Estimulam a apatia, para não enfrentarem problemas de questionamentos. Eles têm medo das leituras que despertem consciências.

A leitura tem poder revolucionário, porque desenvolve o pensar. A falta de leitura fecha nossos olhos para a realidade que alguns tentam esconder, porque temem que se encontrem explicações para aquilo que possa pôr em risco seus poderes. Lendo, nos livramos da humilhante posição de subserviência.

“

A ditadura das mídias sociais e das bolhas ideológicas transforma aqueles que não têm o costume de ler em robôs repetidores

Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Restaurando o passado

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A nossa modéstia

Chega o táxi e abrem-me a porta: Bom dia! Um motorista com gestos de recepcionista pergunta qual o destino.

- APL, Academia.

Percebi que não lhe tinha caído a ficha. Troquei, então, para São Francisco, a vizinha Igreja de São Francisco. O homem continuou na mesma, o olhar de quem procurava o que não sabia. Entendi logo, amarrei-me ao cinto e resolvi guiá-lo. Ele muito afável, com jeito de quem pedia desculpas.

- É daqui?

- Não, sior, sou de São Paulo. Estou aqui há poucos dias.

Esperei que, por si mesmo, adiantasse mais alguma coisa, entrasse nos motivos que o trouxeram a João Pessoa, contendo-me para não falar nas migrações naturais provocadas pelo desemprego.

Apanhando o carro nos Expedicionários, sugeri que evitasse a Eptácio e dobrasse, mais na frente, pela Rio Grande do Sul, uma tornada mais tranquila para quem deseja fugir do congestionamento e alcançar a cidade velha. Meu caminho quando ainda dirijo.

Educado, simpático, ele desculpava-se por estar me fazendo de guia e explicou-se: perdeu o emprego numa revendedora de automóveis e, com o afastamento do mercado, fugiu dele, convertendo o carro particular em táxi, escolhendo um novo meio de vida e uma cidade mais tranquila para trabalhar.

- E quem lhe disse que isto aqui estava tranquilo?

- E não está?! - redarguiu espantado.

Lembrei-me do pavor que senti numa das minhas últimas passagens pelo Rio, saindo de carona amiga da Ilha do Governador para o Centro Histórico. Dando graças a Deus, respirando um pouco, quando o tráfego congestionava e, por instantes, não me via lançado indefeso no comboio colado de carros, um chispando no outro. Para muitos desses imigrantes, o sufoco da nossa Eptácio é realmente um desafoço. Como ele reparou, não é preciso madrugar para chegar às oito horas no trabalho. Tudo ainda fica mais perto em quilômetro e em tempo de trânsito.

“

Entendi logo, amarrei-me ao cinto e resolvi guiá-lo. Ele muito afável, com jeito de quem pedia desculpas

Gonzaga Rodrigues

- Aqui à esquerda, por favor.

Mostrei-lhe, ao lado, já diante do adro, a mais importante referência da cidade: “Quando lhe falarem em São Francisco, é isto aqui. É uma das igrejas mais bonitas do Brasil”. Ele acreditou, estacionou mais à frente e foi conferir. E fiquei em dúvida se fiz certo, se não lhe furtei o tempo de outra corrida. Suponho que não, o calcário do cruzeiro com seus pelicanos de volta à cor original, as laterais se alvejando, além da presença de grupos visitantes desembarcados da fila de ônibus estacionada à margem do adro.

São Francisco não entra apenas na conta do turismo religioso. É único em sua singularidade do Barroco. Em sua fidelidade aos 400 anos de modéstia econômica da Paraíba e, em particular, ao comportamento do meio cultural e de boa parte dos seus componentes. Não há nada mais modesto do que a Academia Paraibana de Letras, casa dedicada à consagração dos nossos escritores, artistas e cientistas. Salvo engano, chama a atenção dos que diariamente a visitam certamente por isso. Descem na calçada de São Francisco e de volta avistam a placa da imortalidade numa pequena casa antiga de rua decadente. O taxista paulistano bem-acomodado em nosso trânsito vai levar tempo em se acomodar à nossa modéstia.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762



Fotos: Divulgação

A construção de passagens molhadas na zona rural de vários municípios do estado é mais um dos benefícios do Projeto Cooperar

NA PARAÍBA

Projeto Cooperar investe recursos e amplia ações

Programa do Governo do Estado tem como objetivo a redução da pobreza rural

Daniel Abath
 abathjornalista@gmail.com

O pleno abastecimento de água potável sempre foi uma demanda urgente do semiárido nordestino. Preocupado com o bem-estar do seu povo e com a questão da estiagem, o Governo do Estado da Paraíba vem investindo recursos da ordem de US\$ 80 milhões, sendo US\$ 50 milhões do Banco Mundial e US\$ 30 milhões de recursos estaduais, no Projeto Cooperar, política de redução da pobreza rural e apoio à agricultura familiar, considerada uma referência internacional.

Algumas das principais ações desenvolvidas pelo Projeto Cooperar compreendem a implantação de cisternas de placas, a construção de passagens molhadas, sistemas de dessalinização e tecnologias sociais.

Conhecendo o Cooperar

Com foco na promoção do desenvolvimento sustentável e redução da pobreza rural, o Projeto Cooperar consiste em um acordo firmado entre o Governo do Estado e o Banco Mundial. Melhorar o acesso à água e fortalecimento dos mercados da população rural são objetivos que o projeto persegue e vem alcançado há mais de 40 anos.

As ações do Governo do Estado empreendidas junto ao Cooperar envolvem diversos tipos de obras e tecnologias sociais. Como explica Omar Gama, coordenador geral do projeto, “as tecnologias sociais são voltadas, sobretudo, para a segurança alimentar da família, com recursos destinados à criação de caprinos, cultivo da palma forrageira e produção de mel”. Tudo isso visando, primeiramente, à melhoria da

qualidade de vida dos beneficiários, a partir do acesso à alimentação.

Além disso, o projeto trabalha com alianças produtivas por meio de ações direcionadas para cooperativas. “Já atendemos a 25 cooperativas. As alianças são importantes para que as cooperativas locais possam acessar o mercado privado, fazendo com que, por exemplo, os pequenos produtores possam vender sua produção excedente a um supermercado”, explicou Omar.

A construção de cisternas no semiárido é uma obra fundamental para o armazenamento de água da chuva, coletada através de um sistema de calhas, tornando possível o enfrentamento do período de estiagem. Essa água tanto pode ser filtrada para consumo como também utilizada para a produção de alimentos em atividades sus-

tentáveis. O coordenador do projeto afirma que o Cooperar vai muito além disso. Os recursos do projeto são destinados também ao “abastecimento de água”, levando água já tratada até as casas, e ao “abastecimento singelo”, realizado através de chafariz. A depender da região, como no Município de Cuité, outra obra implementada pelo projeto é o “sistema de dessalinização”, em função da presença de sais nas águas subterrâneas. Já as “passagens molhadas” são obras destinadas a resolver o problema de escoamento pluvial das vias no período de chuvas, evitando os danos na pavimentação dos acessos na zona rural.

Omar Gama disse ainda que a equipe envolvida no projeto já está pensando em um novo projeto, tendo em vista a descontinuidade do acordo vigente em 2025.

UN Informe

Da Redação

REGIONALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE NO ESTADO

O Governo do Estado realizou, na sexta-feira e no sábado, mais uma etapa do Cidadania Democrática, evento que tem por finalidade aproximar os serviços dos órgãos estaduais da população durante os dias em que são realizadas as plenárias do Orçamento Democrático Estadual (ODE). Na sexta, foi atendida a população de Cajazeiras e, no sábado, a de Sousa. Um dos serviços é a Feira de Serviços: Aqui Tem Mais Saúde, que ofertou 680 fichas para atendimento médico com clínicos; atendimento com médicos cirurgiões gerais; consultas cardiológicas para realização de risco cirúrgico; exames laboratoriais pré-operatórios; ultrassonografias e marcação de procedimentos eletivos para o Programa Opera Paraíba, além de vacinação contra a Influenza, testes rápidos de ISTs, aferição de pressão e glicemia. Outro destaque da iniciativa é o Castramóvel, que está presente nos eventos realizando coleta de sangue e procedimentos de castração em cães e gatos. De acordo com o secretário de Saúde do estado, Jhony Bezerra, a saúde está cada vez mais próxima da população paraibana, por meio das ações do Governo do Estado para regionalizar os serviços. “Levar os serviços para o interior do estado, para localidades que muitas vezes são desassistidas, ou possuem um vazio assistencial em alta e média complexidade, é uma das premissas do Governo do Estado. A nossa Feira de Serviços: Aqui Tem Mais Saúde oportuniza essa aproximação e dá celeridade às demandas da população”, frisa o secretário.



CANTEIRO DE OBRAS (1)

Com os recursos do PAC Seleções e do empréstimo autorizado nesta semana pela Câmara de João Pessoa, a capital deve se transformar em um canteiro de obras. O Porto do Capim receberá projetos que vão atender a demanda da população, contribuir para a preservação do meio ambiente e proporcionar mais um equipamento para o turismo na capital.

CANTEIRO DE OBRAS (2)

A urbanização e revitalização das margens do Rio Jaguaribe vão beneficiar os moradores do bairro São José e garantir segurança para a população que mora em áreas de risco. Fora essas obras, João Pessoa ganhará novos ônibus elétricos e melhorias no corredor de transporte público na Avenida Epitácio Pessoa e na 2 de Fevereiro.

RECADASTRAMENTO

A Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) está realizando o cadastramento de dados pessoais dos servidores da Casa. Essa atualização é obrigatória e deve ser realizada ainda neste mês de maio, a fim de que não haja interrupção no salário. No site da ALPB, aparece um banner, e basta clicar nele e informar CPF, matrícula e anexar cópias de documento de identificação e comprovante de residência.

POSSE NA DEFENSORIA

A convite da Defensoria Pública do Estado, lideranças da comunidade do Aratu, em Mangabeira, deram posse aos 10 novos membros da instituição, em uma cerimônia realizada na Associação Amigas Solitárias, na última quarta-feira (8). A comunidade já é atendida pela Defensoria e abraçou a iniciativa inédita da instituição de promover uma posse popular.

CAMPANHA PELO RS

A Justiça Federal na Paraíba lançou uma campanha de solidariedade em resposta às enchentes no Rio Grande do Sul. Foi estabelecido que o edifício-sede da JFPB, em João Pessoa, bem como as Subseções Judiciárias de Campina Grande, Sousa, Monteiro, Guarabira e Patos, servirão como centros de coleta de doativos destinados às vítimas desses desastres climáticos.

MAIS TURISMO PARA JOÃO PESSOA

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) aprovou na sexta-feira (10) o financiamento de mais de R\$ 100 milhões para a construção de um resort com parque aquático em João Pessoa. A expectativa é que o empreendimento gere 500 empregos diretos e 1.500 indiretos. João Pessoa que já tem ganhado destaque no cenário nacional, devido ao turismo, deve receber ainda mais turistas com os novos empreendimentos.

Parceria com o Banco Mundial e inclusão social

Esse tipo de política se iniciou na década de 1970, por meio do decreto federal nº 74.794 de 1974, com a criação do Programa de Desenvolvimento de Apoio de Áreas Integradas do Nordeste (Polonordeste).

Na Paraíba, o projeto foi implementado em 1978 com recursos do Banco Mundial para o chamado Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural (PAPP), criado em 1983 e sucessor do Polonordeste. Passando por mudanças em 1993, transformou-se em Projeto Cooperar do Estado da Paraíba - Cooperar/PB a partir de 1997 com a criação da Lei nº 6.523/1997.

O primeiro acordo para empréstimo junto ao Banco Mundial aconteceu em 1998, com o financiamento do Projeto de Combate à Pobreza Rural (PCPR). Tendo encerrado suas atividades em 2006, voltou a executar mais um programa em parceria com o Banco Mundial em 2011. Em 2019, o Governo do Estado renovou acordo de empréstimo e sua conclusão está prevista para junho de 2025.

Outras iniciativas

Além dos recursos do estado, o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), por meio do Programa Nacional de Apoio à Captação de Água de Chuva e Outras Tecnologias Sociais de Acesso

à Água (Programa Cisternas), lançou esse ano um novo edital com recursos federais de até R\$ 300 milhões para implantação de tecnologias sociais de acesso à água para consumo humano, produção de alimentos e inclusão social no Nordeste. As propostas de

trabalho podem ser apresentadas por órgãos da administração pública dos Estados do Nordeste e são destinadas a famílias de baixa renda, residentes no meio rural e inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal.



As cisternas de placas beneficiam a população rural com a captação de água da chuva

Geraldo Moreira

Diretor-geral da Agevisa-PB

“Protegemos a saúde da população por meio do controle sanitário”



Foto: Divulgação

Gestor fala sobre controle de qualidade, suspensão da venda do álcool 70% e apreensão de cigarros eletrônicos

João Evangelista
joao.evangelista.11@gmail.com

Nos últimos 22 anos, a população paraibana, nativa e visitante, conta com a atuação efetiva do Governo do Estado na promoção da saúde pública e da segurança sanitária na Paraíba. A missão especial é da Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa), criada pela Lei nº 7.069, de 12 de abril de 2002, e hoje comandada por Geraldo Moreira de Menezes, diretor-geral da instituição e incentivador da saúde preventiva como instrumento de redução dos gastos com a saúde curativa. Nesta entrevista, Geraldo Moreira fala das ações desenvolvidas pela Agevisa, especialmente na atual gestão administrativa estadual, e ressalta a importância da valorização profissional, do estímulo ao envolvimento pessoal de cada dirigente, servidor e colaborador na busca pelo aperfeiçoamento dos processos de trabalho da agência, da implantação e execução do Sistema de Gestão da Qualidade e das ações voltadas para o atendimento célere e eficiente aos responsáveis pelos produtos, bens e serviços sujeitos à regulação sanitária no estado. O diretor da Agevisa fala também do teor das Notas Técnicas 01 e 02 de 2024, que tratam, respectivamente, da limitação da venda livre da forma líquida do álcool a 70% e da apreensão dos cigarros eletrônicos no território paraibano.

Entrevista

■ Nos últimos 22 anos, o que mudou na saúde paraibana com a criação da Agevisa pela Lei nº 7.069/2002?

A criação da Agevisa foi fundamental para a implementação de um dos elementos essenciais de defesa da vida das pessoas, que é a saúde preventiva. Vinculada à Secretaria de Estado da Saúde (SES), a agência integra o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária (SNVS), sendo responsável pela coordenação das ações de promoção, proteção e recuperação da saúde pública. Seus alicerces se firmam nas ações preventivas, por meio da regulação sanitária, com vistas à garantia da qualidade e da sanidade dos produtos, bens e serviços disponíveis para consumo da população, no poder de polícia sanitária e na conscientização social sobre a importância da prevenção dos riscos como elemento imprescindível à segurança da saúde coletiva. Nesses 22 anos, a Agevisa evoluiu muito e hoje se encontra em franco processo de consolidação da gestão da qualidade como meio de aperfeiçoamento das suas ações. Mesmo dispondo de natureza autárquica com independência administrativa e financeira, atua de forma integrada com a SES, em conjunto com a Gerência Executiva de Vigilância em Saúde (GEVS), com as Vigilâncias Epidemiológica e Ambiental, com o Laboratório Central da Paraíba (Lacen-PB) e com o Centro de Referência Estadual de Saúde do Trabalhador (Cerest).

■ Como podem ser avaliados os resultados obtidos nos últimos anos na área de atuação da Agevisa?

A Agevisa é uma autarquia especial dotada de autoridade sanitária, poder de polícia e competência para emitir atos administrativos destinados à efetivação e eficácia das ações regulatórias da Vigilância Sanitária. Sua atuação se detém na promoção e proteção à saúde da população por meio do controle sanitário da produção, da fabricação, da embalagem, do fracionamento, da reembalagem, do transporte, do armazenamento, da distribuição e da comercialização de produtos e serviços submetidos ao regime de vigilância sanitária,

inclusive dos ambientes, dos processos, dos insumos e das tecnologias a eles relacionados. Nos últimos anos, considerando o período de gestão do governador João Azevêdo, podemos afirmar que os resultados têm sido muito positivos em todas as áreas. Fatores primordiais para isso estão ligados ao apoio do governador, à parceria com os demais órgãos da estrutura de saúde do Estado e ao profissionalismo e comprometimento dos dirigentes, servidores e colaboradores da instituição.

■ Dentre os resultados obtidos, quais poderiam ser destacados durante o atual governo?

De 2019 até agora, foram muitas as ações desenvolvidas em todas as áreas de atuação da Agevisa, tanto de caráter regulador, com as inspeções sanitárias e demais processos e resultados delas decorrentes, quanto de teor educativo, com muitas capacitações, treinamentos e outras atividades voltadas para o fortalecimento do Sistema Nacional de Vigilância Sanitária. Nesse período, um dos momentos mais difíceis enfrentados pela Agevisa foi motivado pela pandemia da Covid-19, quando, ao mesmo tempo em que tivemos que proteger dirigentes, servidores e colaboradores da ameaça de morte que atingia o mundo, fomos para a linha de frente coordenar o combate e a prevenção ao coronavírus no solo paraibano. E, nessa guerra, a Agevisa cumpriu (e continua cumprindo) muito bem o seu papel. Também nesse período, em 2021 a Agevisa colocou a Paraíba no top 3 do ranking dos estados com melhor desempenho da Vigilância Sanitária no tocante ao cumprimento dos objetivos, metas e indicadores estabelecidos no Plano Integrado para a Gestão da Segurança do Paciente em Serviços de Saúde para o quinquênio 2021-2025. Esse resultado está expresso em Relatório Técnico apresentado pela Anvisa em novembro de 2022.

■ Como funciona o Sistema de Gestão da Qualidade implantado na Agevisa desde o início de sua gestão na diretoria-geral da agência?

Nossa determinação é que as atividades da Agevisa sejam sempre pautadas na eficiência e na busca pela celeridade dos seus processos. Nesse sentido, adotamos o Sistema de Gestão de Qualidade (SGQ) como modelo para a organização das ações de vigilância sanitária de âmbito estadual. A gestão da qualidade na Agevisa tem foco no aprimoramento dos processos de trabalho para maior eficiência, eficácia e efetividade das ações de vigilância sanitária na Paraíba. O SGQ é um conjunto de processos de negócios que ajuda uma organização a entregar produtos que alcancem a satisfação do cliente. Nesse modelo, a garantia da qualidade está condicionada à totalidade das ações necessárias para fazer com que os serviços prestados estejam dentro dos padrões de qualidade exigidos para os fins a que se propõem.

■ Como são distribuídas as competências dentro da Agevisa para garantir eficiência e celeridade nos seus processos de trabalho?

Além das diretorias geral, administrativa, financeira e de integração regional, a Agevisa conta com a atuação de três diretorias técnicas distribuídas nas áreas de estabelecimentos e prática de saúde e de saúde do trabalhador; de medicamentos, alimentos, produtos e toxicologia; e de ciência e tecnologia médica e correlatos. Há, ainda, quatro gerências técnicas regionais sediadas nos municípios de Guarabira, Campina Grande, Patos e Sousa. Em todas as unidades, priorizamos o engajamento dos dirigentes, servidores e colaboradores e estimulamos a consistência das informações para tomada de decisões, a abordagem eficaz dos processos e a perfeita observância aos princípios de liderança, foco nos clientes, melhoria contínua e gestão de relacionamento.

■ A Agevisa está concluindo minuta de ato normativo destinada ao envio à Assembleia Legislativa, pelo Poder Executivo, de Projeto de Lei instituindo o Código Sanitário da Paraíba. Como está esse processo e qual a importância do código para o estado?

A proposta do Código Sanitário está sendo elaborada e concluída por Comissão Especial da Agevisa, dentro de projeto coordenado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) destinado à revisão e/ou criação dos Códigos e Regrimentos Sanitários para o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária. A finalidade é harmonizar as ações de vigilância sanitária no território nacional e explorar os fundamentos básicos da organização e das práticas no Sistema Único de Saúde, respeitando as peculiaridades regionais. O projeto tem foco principal na harmonização das ações do SNVS, na gestão da qualidade, no gerenciamento dos riscos à saúde, na avaliação das atividades desenvolvidas e nos perfis e competências da Vigilância Sanitária. O código é importante para o estado por se tratar de um regramento jurídico norteador de ações e práticas da Vigilância Sanitária, que possibilita a adoção de instrumentos ligados à promoção e defesa da saúde das pessoas, tais como: inclusão de conceitos de risco e benefícios, autonomia para as normas locais, aprimoramento do

conhecimento, modernização e informatização das ações de regulação e controle sanitário, segurança e efetividade das ações de vigilância sanitária, conhecimento da realidade territorial, intersectorialidade e transversalidade das atividades, aprimoramento do poder de polícia das autoridades sanitárias e construção coletiva e participativa dos vários atores dos poderes públicos e da sociedade em geral.

■ Que diretrizes estão sendo consideradas na elaboração da minuta do projeto do Código Sanitário?

Para a criação do novo modelo do Código Sanitário, foram eleitos 10 diretores, começando pela estrutura organizacional da Vigilância Sanitária e passando pelas competências e atribuições do SNVS, pelo Mapa da Saúde e Descentralização das Ações de Vigilância Sanitária, pelo Planejamento das Ações de Regulação e Controle Sanitário e pelo Gerenciamento do Risco Sanitário. Também foram eleitos temas como Sistema de Gestão da Qualidade do Órgão de Vigilância Sanitária, Comunicação e Gestão do Conhecimento, Processo Administrativo Sanitário, Controle e Participação Social e Financiamento das Ações de Vigilância Sanitária.

■ A Paraíba ficou entre os três estados com melhor desempenho da Vigilância Sanitária no cumprimento dos objetivos, metas e indicadores estabelecidos no Plano Integrado para a Gestão da Segurança do Paciente em Serviços de Saúde. O que levou a esse resultado?

A Agevisa trata esse tema como prioridade absoluta, dispondo, inclusive, do seu próprio Núcleo de Segurança do Paciente (NSP), instituído em cumprimento às recomendações do Plano Integrado para a Gestão Sanitária da Segurança do Paciente em Serviços de Saúde, da Anvisa. Ao NSP cabe gerenciar as notificações de eventos adversos relacionados à assistência à saúde, coordenar e monitorar a execução das ações do Plano Integrado no Sistema Nacional de Vigilância Sanitária e contribuir para as revisões e atualizações periódicas que se fizerem necessárias. Além disso, o núcleo é responsável por monitorar os indicadores do Plano Integrado para identificar riscos e prioridades de intervenção; monitorar, analisar e consolidar as notificações de incidentes dos serviços de saúde e do cidadão; analisar individualmente as notificações de óbitos e os *never events*; e implementar ações de melhoria com base nos indicadores do Plano Integrado voltadas para a implantação de NSPs, notificação de incidentes relacionados à assistência à saúde e implantação das práticas de segurança do paciente.

■ O que são *never events*?

“*Never events*” é um termo em inglês utilizado para designar eventos muito específicos relacionados à segurança do paciente, que, quando ocorrem, podem resultar em danos graves ou até mesmo na morte dos pacientes. Assim como os demais erros que podem ocorrer na assistência à saúde, como erro de medicação, por exemplo, os *never events* são evitáveis

e podem ser prevenidos por meio da avaliação rotineira dos processos de cuidado, identificação de potenciais falhas ou pontos vulneráveis e intervenção adequada para a correção das possíveis falhas.

■ A Agevisa publicou Nota Técnica proibindo a venda, ao público em geral, da forma líquida do álcool a 70% na Paraíba. Em que base se sustentou essa iniciativa?

A NT nº 01/2024 apenas adequou a legislação estadual à legislação federal, que restringe a venda da forma líquida do álcool a 70% aos serviços de assistência à saúde, como hospitais e laboratórios, por exemplo, e a alguns tipos de empresas ou instituições, públicas ou privadas, que necessitam de esterilização específica. Na verdade, a venda do álcool a 70%, na forma líquida, já é proibida no Brasil há mais de 20 anos. Com a pandemia da Covid-19, a Anvisa publicou a RDC nº 766/2022 liberando a venda livre do álcool a 70%. Entretanto, no próprio texto da RDC, a Anvisa deixou claro o caráter extraordinário, temporário e emergencial da medida. Além disso, estabeleceu o término da vigência da normativa para o dia 31 de dezembro de 2023. E, para possibilitar o esgotamento dos estoques de álcool a 70% nos estabelecimentos comerciais, a venda livre ficou permitida para até 120 dias após o término da vigência da RDC, ou seja, até o dia 30 de abril de 2024.

■ Outra Nota Técnica da Agevisa determinou a apreensão dos dispositivos eletrônicos para fumar, e seus insumos, que estejam sendo comercializados e utilizados na Paraíba.

Isso mesmo. A iniciativa seguiu a decisão da Diretoria Colegiada da Anvisa, tomada no dia 19 de abril, de atualizar as disposições da RDC nº 46/2009, reafirmando a proibição da fabricação, da importação, da comercialização, da distribuição, do armazenamento, do transporte e da propaganda de todos os dispositivos eletrônicos para fumar, conhecidos como cigarros eletrônicos, no Brasil. A proibição, agora renovada e reafirmada pela Anvisa, se deve à completa inexistência de estudos científicos que comprovem a mínima segurança no uso desses dispositivos e não se restringe aos dispositivos eletrônicos para fumar. Também são proibidos todos e quaisquer acessórios e refis destinados ao uso dos cigarros eletrônicos, inclusive aqueles com alegada, mas sem comprovação científica, propriedade de suplementação alimentar. E, para fazer valer a proibição, a Agevisa, em conjunto com o Ministério Público e demais órgãos parceiros da Vigilância Sanitária estadual, está sempre atenta ao cumprimento da legislação, realizando blitzes e orientando seus inspetores sanitários, assim como os profissionais das Vigilâncias Sanitárias municipais, a apreenderem esses produtos, quando encontrados, e responsabilizarem os infratores nos termos da legislação sanitária vigente, sem prejuízo das responsabilidades civil e criminal.

MÃES ON-LINE

Do mundo virtual para amizade real

Durante a maternidade, mulheres compartilham experiências pela internet e criam uma rede de apoio

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Todo dia nasce um bebê e uma mãe. E a culpa. Seja porque a mulher acha que não se encaixa na perfeição da maternidade “vendida” pela sociedade, seja pelas infinidades de dúvidas que permeiam o cuidado com os filhos, especialmente na “primeira viagem”. É neste momento que a ficha cai e o provérbio africano “é preciso uma aldeia para cuidar de um bebê” passa a fazer todo sentido na jornada materna, por vezes solitária, silenciosa e cansativa, com requintes de perrengues e, ao mesmo tempo, tão incrível, tão incondicional, tão feliz. Para abrandar esse abismo que muitas se veem rodeadas no dia-a-dia, cada vez mais as mães têm se unido em um universo bem conhecido por todos: a internet.

Esse acesso digital vem reconfigurando as relações e modificando a forma como as mulheres trocam suas dúvidas, medos, inseguranças, experiências e informações sobre a criação dos filhos. O que antes significava sentar

Foto: João Pedrosa



Universo digital é aliado das mães durante período da gestação e no dia a dia com os filhos



na calçada e conversar com as vizinhas, enquanto as crianças brincavam nas ruas, vem dando lugar a redes sociais e blogs, focados em tornar a maternidade de uma forma mais leve, tranquila e menos solitária. Tudo por meio de conexão, conteúdo e informação.

Pelas redes sociais, por

exemplo, muitas mães têm conseguido criar redes de apoio, para trocar experiências ou, simplesmente, para “acalmar o coração”, como enfatiza a psicóloga Elizabeth Costa. “A troca de experiências torna a maternidade muito mais leve e acolhe mães que estão vivenciando pela pri-

meira vez este momento tão marcante. Nem todo mundo tem amigas ou pessoas próximas vivendo tudo isso ao mesmo tempo”, explica a profissional.

Segundo Elizabeth, além de se sentir mais acolhida nesses grupos de redes sociais, as mulheres acabam se sentin-

do mais à vontade para expor suas vulnerabilidades, sem medo de se sentirem incapazes ou “fora do padrão”. Isso abre caminho para debater, inclusive, temas incômodos e que são considerados tabus, como a romantização da maternidade, a posição idealizada das mães na cultura e o ar-

repêndimento materno. “Isso torna a mulher protagonista do seu matinar e mais confiante. A maternidade não é exercida de uma maneira única e, com o apoio dessas redes digitais, as mães acabam trilhando seu próprio caminho e filtrando o que funciona para ela”, destaca.

Grupo virtual ajuda nos dilemas e receios típicos da maternidade

Mãe de primeira viagem em 2011, a doutora em Ciência da Informação e docente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Alzira Karla Araújo teve total apoio na gravidez e no puerpério. Mas, isso não a livrou de se sentir frágil, sensível e cansada. “Alguns detalhes vão nos trazendo momentos de tristeza, como não ter um apoio 24h do dia, não poder vestir mais as mesmas roupas e nem dormir uma noite inteira e acordar a hora que esgotar o sono”, conta. E foi nessa fase que ela enxergou o poder da internet, como um meio de conversar com outras mulheres que passavam pelo mesmo momento e compartilhar seus medos e angústias de ser mãe.

Logo passou a seguir o grupo “Cantinho Pais e Filhos”, comunidade que havia sido criada há pouco tempo no Facebook, por outras mães. Sua participação foi tão ativa que logo se tornou uma das administradoras do grupo e ajudou a comunidade a se tornar referência na Paraíba, principalmente João Pessoa e Região Metropolitana. No Cantinho, mães, pais, grávidas e “tentantes” trocavam experiências sobre os cuidados, passeios, eventos, profis-

sionais e tudo o que envolvia o universo materno. Periodicamente, havia, ainda, encontros presenciais com todas as famílias seguidoras.

O grupo funcionou ativamente até 2017, quando o Facebook foi perdendo sua força. Já em outros projetos, Alzira e as outras mães administradoras do Cantinho não conseguiram migrar o grupo para outras plataformas, a exemplo do perfil no Instagram (@cantinhopaisefilhos), que já existe, mas não é mais alimentado. “Foram anos de muito aprendizado e o maior deles foi me ver parte de uma comunidade com pessoas que tinham os mesmos medos, as mesmas inseguranças, buscavam informações do mesmo universo, e que se apoiavam na mesma causa – cuidar dos filhos em suas diversas fases, com o laço fortalecido do amor”, resume Alzira, que também é pesquisadora da temática das redes sociais.

Hoje, Alzira é mãe de três filhos (com 12 anos, oito anos e seis anos) e já não participa de nenhum grupo no Facebook e nem no WhatsApp, mas continua usando a internet como apoio para a busca de informações sobre educação, saúde e eventos, além de



Foto: Arquivo Pessoal

“

Alguns detalhes vão nos trazendo momentos de tristeza, como não ter um apoio 24h do dia e não poder vestir mais as mesmas roupas

Alzira Karla Araújo

seguir profissionais ligados ao seu universo “como mãe que gosta de estar bem informada e conhecer experiências que agreguem ao arsenal de conhecimentos”, finaliza.

Redes sociais aproximam mães que vivem mesma fase da vida

Quando o “Cantinho Pais e Filhos” parou de ser usado, a maternidade ainda não tinha chegado para a nutricionista Mayla de Almeida e para as fisioterapeutas Juliana Eleuthério e Ana Isabele Neves, mães de Joaquim, Raul e Gabriel. Elas engravidaram, em 2020, no auge da pandemia, e seguiram isoladas durante os nove meses de gestação e puerpério.

Mayla e Isabele moravam no mesmo prédio, mas, com o isolamento social, não se conheciam; e Juliana e Isabele estudaram juntas na universidade, mas não mantinham contato. E talvez nunca fossem se encontrar, não fossem os perrengues da amamentação, a pouca diferença entre os nascimentos dos três pequenos e o poder dos grupos do WhatsApp. Raul nasceu no final de janeiro e Joaquim e Gabriel, em abril (com diferença de um dia entre os dois).

Com dificuldades na amamentação, Isabele e Juliana contraram a mesma consultora, que logo tratou de incluir as duas em um grupo sobre o assunto, no WhatsApp. Não demorou muito para as duas se identificarem e passarem a trocar “figurinhas” entre elas. Tempos depois, Isabele, enfim, conheceu Mayla e já a incluiu no grupo também. Daí para o grupo “Amigos dos peitos” foi um pulo. “Eu morava em outro prédio e queria me mudar para um bairro mais central e pedi a Belinha [Isabele] para procurar no prédio que ela morava. E tinha. Antes de vir pra cá, ela fez esse grupo e nos colocou”, explica Juliana.

Os assuntos no grupo são os mais diversos, desde as

angústias maternas até a troca de receitas daquele “lambedor” capaz de curar a tosse persistente; das pesquisas de material escolar aos relatos engraçados do matrimônio. Um espaço livre de julgamentos e recheado de carinho, de afeto e de boas gargalhadas, que transformou a amizade da internet – e dos meninos – em uma rede presencial e real de apoio.

Tão presencial que elas combinam até a hora de descer para a área comum do prédio, as aulas de natação e, até, a programação do fim de semana. Juntas, elas têm conseguido acompanhar cada fase dos pequenos e cada dificuldade também, uma ajudando a outra a passar pelas dificuldades e comemorando cada conquista dos pequenos e de cada uma, como mulher, como profissional e como mãe. “Somos três perfis bem diferentes, que se complementam em diversos pontos. E os nossos fi-

lhos também”, relata Isabele, enquanto Mayla reforça: “Que a gente continue assim até eles crescerem. Somos todas proibidas de nos mudar daqui do prédio. Eu mesma já tive vontade, mas, por eles e por nós, não consigo”.

E já que o futuro reserva ainda muitos momentos inesquecíveis e caóticos (como a maternidade pode ser, em vários momentos do mesmo dia), elas seguem para o próximo plano juntas, que inclui uma viagem das três famílias para Gramado, no final deste ano. O roteiro, claro, ainda está em construção, com muita pesquisa e trocas de informações pela internet e redes sociais. “Se o piloto do avião não nos expulsar do voo, depois dos meninos brincarem e brigarem, naquele caos tão conhecido de todos, nós chegaremos lá e iremos nos divertir numa programação, exclusivamente, pensada em Raul, Joaquim e Gabriel”, brincam as três.



Gabriel, Raul e Joaquim também se tornaram amigos

Saiba Mais

O uso da internet pelas mães cumpre um papel informativo e integrador, entretanto Alzira Karla – que tem diversos artigos científicos publicados sobre o uso das redes sociais – alerta que é preciso ser cautelosa na escolha das redes sociais e do conteúdo que pretende consumir. “Vejo como ponto negativo a possibilidade de acreditar em informações fantasiosas ou mesmo em pessoas que usam a internet para obter benefícios pessoais. Precisamos estar atentas para distinguir informações sérias e relevantes, fidedignas e de credibilidade, de informações falsas ou sem nenhum respaldo científico”, ressalta.

BURNON

É preciso saber quando desacelerar

Surgido em 2021, termo remete a uma situação cotidiana em que a pessoa vive em constante estado de atenção

Samantha Pimentel
samanthapimentel.jornalista@gmail.com

Atualmente, é cada vez mais comum observar pessoas com uma rotina acelerada, com diversas atividades e sobrecarga de trabalho, além do uso excessivo de telas, como o celular, sem falar nas demandas familiares. Esse dia a dia sempre sobrecarregado pode levar ao adoecimento mental, causando síndromes como o burnout - Síndrome do Esgotamento Profissional - e o burnon, termo relativamente recente, que trata dessa característica crônica de viver constantemente "On", sem nunca relaxar ou se desligar dos afazeres.

O termo burnon foi criado pelos psicólogos alemães Timo Schiele e Bert Te Wildt e descrito pela primeira vez em 2021, no livro "Burnon: Immerkurzvorm Burnout: Das unerkannte Leiden und was dagegen hilft" ("BurnOn: Sempre à beira do Burnout: O sofrimento não reconhecido e o que ajuda contra ele"). Ao contrário do burnout, o problema se caracteriza pela paixão excessiva pelo trabalho e a sensação de estresse constante. Essas pessoas ainda têm a necessidade de manter uma vida social, prática de atividades físicas, cuidar da alimentação, dar atenção à família, se manter informado ou mesmo seguir com os estudos, buscando equilibrar uma série de atividades numa rotina frenética.

Sintomas

Fruto dessa sobrecarga crônica, as pessoas com burnon, inicialmente, parecem muito animadas com seu trabalho e sua rotina, mas a médio e longo prazos podem sofrer de dores musculares, dores de cabeça, bruxismo (ato de ranger os dentes), e até mesmo estarem mais propensas a ter problemas como pressão alta e ataques cardíacos.

Essa falta de descanso, de pausas reais na rotina, também acaba levando ao esgotamento mental, e ao desenvolvimento de problemas como ansiedade, depressão e burnout, um distúrbio emocional caracterizado pela exaustão extrema, estresse e esgotamento físico.

Segundo explica o médico psiquiatra, Napoleão Bezerra, o burnout surge como um reflexo do processo de adoecimento causado pela rotina muito acelerada, sobretudo relativa ao trabalho. "A maior parte das pessoas tem essa percepção de que acidente de trabalho é só um acidente no sentido físico, problemas com movimentos repetitivos, problemas ergométricos, muito tempo sentado, muito tempo na mesma posição, dores lombares, hérnia de disco, sobrecarga de peso. Mas, no mental, nosso trabalho também nos adoce, porque a nossa mente sobrecarrega e esgota", afirmou.



Foto: Pexels

Diferentemente do burnout, síndrome se caracteriza pela paixão excessiva pelo trabalho e a sensação de estresse constante; situação leva ao esgotamento mental

Busca por produtividade excessiva é sinal de alerta

O psiquiatra Napoleão Bezerra explica que o estilo de vida muito focado no aumento da produtividade, a busca pela melhor performance, a competitividade excessiva, tudo isso, pode levar ao adoecimento mental, e que é preciso estarmos atentos aos nossos limites.

"Cabe a nós buscarmos um momento de cuidado da saúde, prática de atividade física, momentos de desacelerar, momentos em que a gente se desconecta da nossa rotina", destacou.

Napoleão ainda aponta que o burnout tem sinais bem específicos, e que o diagnóstico é feito com base na observação e acompanhamento desses sintomas. "Você começa a perceber que você começa a ter mais irritabilidade, apresenta tolerância reduzida e começa a perder o entusiasmo por coisas que você gostava antes. Quando você é submetido ou está próximo ao trabalho, você começa a sentir angústia, começa a sentir desmotivação e começa a sofrer", afirmou.

Tratamento

Ele enfatiza que quando essa ausência de ânimo, tanto para o trabalho como para outras atividades cotidianas, impacta na qualidade de vida, é um sinal de alerta, e que nesses casos as pessoas devem procurar ajuda profissional. O tratamento, segundo Napoleão Bezerra, pode variar de acordo com cada paciente, podendo ser apenas terapêutico ou também medicamentoso.

"Há casos da psiquiatria que não precisa de in-

tervenção medicamentosa e há outros que precisam, que aquela pessoa não consegue lidar com aquela tristeza. Então, a gente precisa de uma intervenção e, claro, de acompanhamento terapêutico, buscar associar o máximo de ferramentas no sentido de melhorar a saúde, como dormir cedo, acordar cedo, ter bons hábitos alimentares, evitar uso de estimulantes com excesso de cafeína, e a atividade física, que não pode faltar", destacou.

“

Cabe a nós buscarmos um momento de cuidado da saúde, de nos desconectarmos da rotina

Napoleão Bezerra

Atenção

■ Ansiedade e depressão são pedidos de socorro

O psiquiatra Napoleão Bezerra explica que o cuidado com a saúde mental é um trabalho de dedicação contínua, e que devemos estar sempre atentos, buscando desacelerar e respeitar nossos limites.

Ele ainda afirma que, nos últimos anos, os problemas de saúde mental vêm aumentando, e que os distúrbios como ansiedade e depressão são, hoje, uma das principais causas de afastamento do trabalho em todo o mundo, e que isso também é um reflexo da sociedade atual, cada vez mais competitiva e acelerada.

"Na grande maioria das pessoas, depressão, ansiedade, principalmente a ansiedade, são pedidos de socorro. A sua mente não está aguentando, a sua mente não está tolerando".

Ele acrescentou que toda a sobrecarga, cobrança exagerada, autonegligência com a saúde, impactam no emocional. "Então, a solução é respeitar o limite de cada um. Nós precisamos trabalhar, todo mundo tem seus compromissos, tem suas obrigações, mas trabalhar para viver bem, não para ficar doente", destacou o psiquiatra.



Foto: Arquivo Pessoal

Psiquiatra diz que acidente de trabalho não é só no sentido físico; o mental também adoce

DESAPARECIDOS

Dor da ausência, diligência na busca

Em meio ao sofrimento das famílias, órgãos do Poder Público se mobilizam para solucionar desaparecimentos

Lilian Viana
 lilian.vianacananea@gmail.com

Para os familiares de um desaparecido, o tempo segue em um ritmo diferente. Enquanto esperam notícias do ente querido, veem os ponteiros de seu relógio parecerem não sair do lugar, ao mesmo tempo em que a angústia aumenta, a cada minuto de ausência. Aqui, na Paraíba, 225 famílias estão sentindo na pele a dor de não saber o paradeiro de um parente, com uma média de mais de dois desaparecimentos por dia e 75 por mês, segundo dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Esse número é 47,06% maior que o do mesmo período de 2023, com o registro de 153 pessoas desaparecidas.

Entre os atuais desaparecidos, 72% são homens e 28%, mulheres. No recorte por faixa etária, as pessoas acima de 18 anos somam a maior parte dos casos, com 76,8%. Os dados, consolidados na plataforma do Sistema Nacional de Informações de Segurança Pública (Sinesp), mostram que a situação na Paraíba ainda é melhor que a de 15 estados brasileiros. No recorte por região, o estado paraiba-

no figura na quarta posição em número de pessoas desaparecidas, atrás de Bahia, Ceará e Pernambuco, sendo que, no ano passado, ocupava o quinto lugar.

De acordo com a Lei nº 13.812/2019, a busca e a localização de pessoas desaparecidas são consideradas prioridade com caráter de urgência pelo Poder Público. Por isso, é imprescindível que os familiares comuniquem a situação às autoridades policiais o

mais rápido possível. “Quando não se sabe o que aconteceu, onde a pessoa está ou ela não é localizada nos lugares que costuma frequentar, essa comunicação às autoridades policiais deve ser imediata. Não precisa esperar 24 horas. Todo minuto é importante. Quanto antes isso for comunicado, mais evidências existem desse suposto desaparecimento e mais fácil se torna a localização”, explica o delegado Pablo Everton.

A Paraíba conta com Delegacias de Crimes Contra a Pessoa em Campina Grande, João Pessoa e Patos, além das seccionais em diversos outros municípios, com polos de plantão 24 horas. Entretanto, Pablo Everton destaca que todas as delegacias estão aptas a receber denúncias e iniciar investigações sobre casos do tipo. “O principal é que a denúncia seja feita o quanto antes, independentemente da delega-

cia. Todos os profissionais estão aptos a realizar a investigação de maneira minuciosa, ao mesmo tempo em que oferecem apoio aos familiares”, ressalta.

Nesse processo, o compartilhamento de informações com o Ministério Público da Paraíba (MPPB) tem feito a diferença. Desde 2017, a instituição passou a integrar o Sistema Nacional de Localização e Identificação de Desaparecidos (Sinalid), com a

criação do Programa de Localização e Identificação de Pessoas Desaparecidas do Estado da Paraíba (Plid-PB). “Essa integração ajuda na localização de pessoas desaparecidas que possam ser encontradas ou terem seus corpos identificados em outros estados, por exemplo. Alguns órgãos cooperam com o Plid quando há diligências, como a Polícia Rodoviária Federal, a Polícia Civil e o Instituto de Polícia Científica, por meio da viabilização de exames e de resultados de exames de DNA”, revela Liana Carvalho, promotora de Justiça do MPPB e coordenadora do Centro de Apoio Operacional da Cidadania, vinculado ao Plid-PB.

Em 2016, o estado também passou a contar com o Núcleo Estadual de Enfrentamento ao Tráfico e Desaparecimento de Pessoas da Paraíba (NetDP/PB) e o Comitê Estadual de Enfrentamento ao Tráfico e Desaparecimento de Pessoas da Paraíba (CetDP/PB). Ligados à Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh), eles atuam na promoção de ações de prevenção e repressão a esses casos na esfera estadual.



Os delegados Pablo Everton e Aldroville Grisi estiveram à frente das investigações sobre o caso Ana Sophia, concluído neste mês

Foto: Edson Matos

Crianças e adolescentes são casos mais delicados

Embora sejam apenas 19,5% do total de notificações de pessoas desaparecidas na Paraíba, os casos de crianças e adolescentes costumam ser mais delicados. Por isso, a Lei nº 11.259/2005 determina investigação policial imediata em ocorrências de desaparecimento entre esse público. A medida é, inclusive, conhecida como “Lei da Busca Imediata”, justamente pela ênfase dada às primeiras 24 horas após o fato.

À frente do núcleo de homicídios da delegacia seccional de Solânea, próximo a Bananeiras, o delegado Pablo Everton presidiu o inquérito do desaparecimento de Ana Sophia, um dos casos recentes mais repercutidos no estado. A criança de oito anos desapareceu por volta das 12h do dia 4 de julho de 2023, no distrito de Roma, em Bananeiras. Imagens de câmeras de segurança mostraram Ana Sophia entrando na casa de Tiago Fontes. Depois disso, a menina não foi mais vista.

Passados meses de investigação intensa, o caso foi concluído no início deste mês. Para chegar ao seu desfecho, foram realizadas ações coordenadas, de modo a englobar diversas linhas de apuração. “Trabalhamos em conjunto com o Corpo de Bombeiros e outros órgãos, para atuar em várias frentes ao mesmo tempo. Era uma situação muito complexa, que precisava de olhares atentos em cada especialidade”, relata Pablo Everton.

O delegado afirma, porém, que a parte mais difícil sobre o caso ainda é a incerteza. Para ele, a falta de notícias é pior do que o luto por enterar alguém. “A verdade é li-

bertadora, por pior que seja. Você encara aquele momento difícil, às vezes com ajuda de um profissional, mas, com o tempo, passa a conseguir lidar com a perda. Mas a incerteza cria uma esperança eterna de que um dia tudo vai voltar ao normal. A pessoa vai ser sempre pela metade”, lamenta.

Ele afirma que, além do caso de Ana Sophia, a delegacia já recebeu diversas outras denúncias de desaparecimento, quase todas solucionadas em cerca de 48 horas. “Na maioria das vezes, conseguimos achar a pessoa rapidamente, sem que ela seja incluída na base de dados dos desaparecidos. É algo muito comum, especialmente com idosos e neurodivergentes. Por isso, reforço, novamente, a importância de nos procurarem o mais rápido possível”, finaliza o delegado.



Na maioria das vezes, conseguimos achar a pessoa rapidamente. Por isso é importante nos procurarem o mais rápido possível

Pablo Everton



Desaparecida em julho de 2023, Ana Sophia, de oito anos, foi vista pela última vez enquanto entrava na casa de Tiago Fontes

Foto: Maria das Graças Gomes/Arquivo pessoal

O que ocorre com os bens do desaparecido?

Além da tristeza e angústia dos que ficam, o desaparecimento de pessoas produz reflexos jurídicos que afetam várias esferas, como a possibilidade de um novo casamento, a partilha de bens, os inventários e até o pagamento de impostos. Segundo a advogada Fernanda Carvalho, a legislação brasileira considera a situação como circunstância excepcional e garante os direitos da família por meio da morte presumida, um procedimento legal para atestar o falecimento de pessoas cujos corpos não foram encontrados.

“Graças a esse instrumento, os familiares de vítimas de catástrofes, ou de pessoas que simplesmente desapareceram sem deixar vestígios, podem garantir judicialmente seus direitos a herança, pensões, seguros de vida, indenizações e outros procedimentos legais, como encerramento de conta bancária e cancelamento do CPF do desaparecido”, detalha a advogada.

Legalmente, o procedimento exige a intervenção do Ministério Público para solicitar ao juiz a declaração de morte presumida, após a

comprovação de que a pessoa está desaparecida. “Para isso, é importante que os familiares reúnam toda documentação que comprove a ausência do sujeito, como testemunhas do desaparecimento e boletim de ocorrência”, complementa.

Passo a passo da denúncia

Cada minuto é precioso para as pessoas que procuram um familiar desaparecido. Por isso, o Ministério Público, por meio do Programa de Localização e Identificação de Pessoas Desaparecidas do Estado

da Paraíba (Plid-PB), elaborou uma cartilha sobre orientações preventivas e direitos na busca de uma pessoa desaparecida.



Através do QR Code, acesse a cartilha do Plid-PB

Saiba Mais

Diante da situação do desaparecimento, familiares e amigos apresentam múltiplos sentimentos. Entre eles, angústia, medo, tristeza, desespero, culpa, ansiedade e cansaços físico e mental. Contudo, é fundamental buscar força junto às instituições e aos órgãos públicos de forma regular, repassar informações novas e apresentar as necessidades que se desdobram no decorrer das buscas. Na prática, entretanto, o que se percebe é que as famílias não querem relembrar a situação e sequer desejam tocar no assunto. Foi o caso desta reportagem. Ao todo, seis famílias foram procuradas para falar sobre o tema, mas não aceitaram, por sofrerem a cada lembrança do dia em que se deram conta do desaparecimento.

CARIRI ORIENTAL

Nascida e movida pela fé no Arcanjo

Com origens que remontam a uma capela de taipa, Barra de São Miguel preserva uma devotada tradição católica

Sara Gomes
saragomesreporteruniaio@gmail.com

Desde seus primórdios, a cidade de Barra de São Miguel, localizada no Cariri Oriental, cultiva um forte sentimento religioso. Celebrada no dia 29 de setembro, a devoção ao seu padroeiro, São Miguel Arcanjo, vem sendo propagada de geração a geração, em uma tradição cuja origem se confunde com a história da própria fundação do município. Além dos eventos organizados por sua ativa comunidade católica, a cidade também se destaca regionalmente por sediar a Festa Barra Bode, que atrai visitantes de todo o Cariri no mês de agosto e ajuda a impulsionar a economia local, baseada na agropecuária e na confecção de tecidos.

Situada a 212 km de João Pessoa, Barra de São Miguel se emancipou politicamente em 14 de dezembro de 1961, desmembrando-se de Cabaceiras – município ao qual se subordinava, quando distrito. Atualmente, a cidade abriga uma população de 5.906 habitantes, em uma área territorial de 609.697 km², de acordo com dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Devoção desde a origem

Não há como falar das origens históricas do município sem mencionar a fundação de sua primeira capela, que se tornaria a Igreja de São Miguel Arcanjo. Segundo o pesquisador barrense Luiz Gonzaga Castelliano, no livro *Castelo de Ilusões* (1971), a capela teria sido erguida, com estrutura de taipa, ainda no século 18, sediando sua primeira missa em 29 de setembro de 1766, Dia de



Fotos: Prefeitura Municipal de Barra de São Miguel

O atual templo da igreja matriz teria sido erguido na virada para o século 20, época de desenvolvimento econômico da cidade



Celebrações do mês mariano dedicam 31 noites ao louvor a Nossa Senhora da Conceição, incluindo novenas e procissões

São Miguel. Conta-se ainda que, naquela época, a estrutura teria sido palco de uma celebração de pacificação entre os bandeirantes e indígenas que ocupavam a região.

O historiador João Paulo França ressalta, porém, que os documentos oficiais mais antigos já encontrados sobre o passado da igreja matriz datam de um período posterior. “Existem registros de celebração de sacramentos na Igreja de São Miguel no século 19, por volta da década de 1840. Já o atual templo (de estilo eclético, sem torres, mas com feições neo-clássicas) pode ter sido erguido na passagem do século 19 para o 20, época de desenvolvimento econômico do lugar, em especial de 1900 a 1907”, contextualiza o especialista.

O que se sabe é que o povoamento da cidade ocorreu a partir do Riacho do Bichinho, sendo que as três primeiras ruas compõem, atualmente, o conjunto próximo à Igreja de São Miguel e à praça central do município.

Ainda de acordo com João Paulo, o atual nome da cidade pode ter sido cunhado, justamente, com base em uma combinação dos elementos topográfico e religioso que marcaram sua origem: “Os riachos do Bichinho e Salgado se encontram nos limites da zona urbana histórica do município, formando uma barra, sendo a junção dos dois mananciais d’água. Como São Miguel é o santo de devoção da população desde os tempos remotos, o nome Barra de Ignácio Tavares (em homenagem a um dos bandeirantes que ocuparam aquelas terras, inicialmente) foi substituído, aos poucos, por Barra de São Miguel”.

Economia local também se vale do turismo religioso e cultural

Outro costume mantido pela comunidade católica barrense são as celebrações do mês mariano, que dedicam as 31 noites de maio ao louvor a Nossa Senhora da Conceição. Um dos destaques da programação ocorre no dia 13, quando uma procissão parte da gruta de Nossa Senhora de Fátima, no alto da serra local, até a Igreja de São Miguel, totalizando um percurso de, aproximadamente, um quilômetro de extensão,

segundo João Paulo França. “Todas as noites, a tradição da novena se renova com inúmeros cantos, inclusive em latim, assim como eram desde antes da reforma religiosa do Concílio Vaticano II – em especial, as ladainhas cantadas”, complementa o historiador.

O secretário de Cultura e Turismo de Barra de São Miguel, Bartolomeu Pinto, diz que os eventos locais do mês mariano devem ser rea-

lizados há mais de 100 anos. “A coroação a Nossa Senhora da Conceição é um momento muito emocionante. Minha avó faleceu com mais de 80 anos, mas, quando criança, já acompanhava sua mãe na novena”, relata.

Ainda sobre o calendário religioso do município, vale mencionar a Procissão do Menino Deus do Brejinho, que acontece no dia 24 de dezembro, véspera de Natal, quan-

do uma multidão se desloca por cerca de seis quilômetros. Carregada pelos fiéis ao longo de todo o percurso, a imagem do menino Jesus permanece na Igreja de São Miguel até o dia 6 de janeiro.

Tecidos e agropecuária

Vizinha ao estado de Pernambuco, Barra de São Miguel encontra na indústria têxtil um dos motores de sua economia, produzindo parte das roupas

comercializadas na feira de Santa Cruz do Capibaribe (PE), considerado um dos maiores polos fornecedores de confecções de tecido do Brasil. Cerca de 200 costureiras barrenses compõem a força de trabalho das empresas locais do setor, que correspondem a 20% da economia do município.

A zona rural, por sua vez, ostenta outro pilar econômico da cidade, a agricultura familiar, que fornece produtos para diversos municípios do país, com destaque para as plantações de tomate, pimentão e cebola.

“Na parte sul da cidade, se destacam a caprinocultura e a criação de gado, com fazendas centenárias que também podem vir a ser ponto de visitação, como acontece na Fazenda Coruja, com queijos premiados nacionalmente”, acrescenta o historiador João Paulo França.

Festa de cultura e música

Outro notório propulsor da economia de Barra de São Miguel é a Festa Barra Bode. Criado em 2009, o evento ocorre em agosto e caminha para a sua 14ª edição, reunindo mais de 160 currais para exposição, entre caprinos e ovinos, além de oferecer itens de artesanato, culinária regional e uma pro-

gramação repleta de apresentações culturais e musicais.

Ao som de muito forró, a festa busca fortalecer e valorizar a cultura nordestina e os artistas locais. De acordo com dados da gestão municipal, o evento se consagrou como um dos mais aguardados da região do Cariri, atraindo uma média de 60 mil visitantes por edição e injetando, em média, R\$ 500 mil na economia barrense.

Segundo o secretário de Cultura e Turismo da cidade, a estrutura da Festa Barra Bode é ainda maior que a da Festa do Bode Rei, celebrada em Cabaceiras e reconhecida nacionalmente. “Cabaceiras soube explorar melhor seus atrativos turísticos, sendo considerada a ‘Roliúde Nordestina’ por ser cenário de filmes e novelas”, conta Bartolomeu Pinto.

Fomentando o cenário e a tradição cultural do município, também cabe citar a centenária Filarmônica São Miguel, criada em 1907 e considerada a mais antiga entidade barrense de cultura. “Com o passar do tempo, a Filarmônica se tornou símbolo da cultura no âmbito coletivo, ganhando prêmios e fazendo apresentações em diversos estados e cidades”, explica o historiador João Paulo França.



Rumo à 14ª edição, evento reúne mais de 160 currais para exposição de caprinos e ovinos

Sucesso

A Festa Barra Bode se tornou um dos eventos mais aguardados do Cariri, atraindo 60 mil visitantes e injetando, em média, R\$ 500 mil na economia barrense

CINEMA

A dor e a delícia de ser mãe nos filmes

Carinhosas ou controversas, elas marcam a sétima arte e rendem prêmios para as atrizes que as interpretam

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Ser mãe é... Bom, ser mãe é muita coisa e não exatamente uma coisa só. Uma das figuras mais presentes nos filmes, ela pode ser apresentada como o maior amor do mundo, mas também pode, em contraste, tomar uma face opressora e terrível. O cinema é apaixonado por todos esses tipos de mães e seus efeitos na vida dos filhos.

Há, por exemplo, um filme clássico emblemático chamado no Brasil de, veja só, "Stella Dallas, Mãe Redentora" (1937), em que Barbara Stanwyck era uma mulher pobre que fazia o que fosse preciso para dar à filha uma possibilidade de ascensão social – mesmo que significasse abrir mão de participar da vida da moça.

Por outro lado, há "Mãezinha Querida" (1981), em que Faye Dunaway vive uma das mais terríveis mães do cinema: a estrela Joan Crawford. Baseado no livro de memórias de sua filha, Christina, muito contestado pelos amigos da atriz (e até por Bette Davis, histórica rival de Joan), o filme mostra a atriz como uma mãe que maltratava sem dó sua filha.

Há, é claro, as dezenas de representações da vida de Jesus Cristo, onde sua mãe tem destaque garantido. Até o Brasil fez a sua, em *Maria, Mãe do Filho de Deus* (2003), com Giovanna Antonelli.

A *União* escolheu 10 das mais memoráveis mães do cinema. Não necessariamente as melhores nessa função, mas certamente elas mostram como mães podem ser um grande assunto.



Foto: Universal/ Divulgação

■ MA

Brie Larson, em *O Quarto de Jack* (2015). Brie ganhou o Oscar de melhor atriz como Ma, a mãe que vive em um catifeiro com o filho Jack e faz de tudo para que ele não sofra. **Onde ver:** DVD, Blu-ray, Prime Video, Telecine.

Mães memoráveis

Foto: Paramount/ Divulgação



■ SRA. GUMP

Sally Field, em *Forrest Gump, o Contador de Histórias* (1994). A Sra. Gump é figura fundamental para proteger o pequeno Forrest dos preconceituosos do mundo. **Onde ver:** DVD, Blu-ray, Netflix, Paramount +.

Foto: Downtown Films/ Divulgação



■ DONA HERMÍNIA

Paulo Gustavo, em *Minha Mãe É uma Peça – O Filme* (2013). O humorista se inspirou na própria mãe para a divertida e histriônica personagem que estrelou outros dois filmes. **Onde ver:** DVD, Blu-ray, Netflix, Globoplay.

Foto: Warner/ Divulgação



■ LEIGH ANNE TUOHY

Sandra Bullock, em *Um Sonho Possível* (2005). Sandra ganhou o Oscar de melhor atriz como a mulher rica e branca que adota um rapaz negro e o ajuda a se tornar um astro do futebol americano. **Onde ver:** DVD, Blu-ray, Netflix, Globoplay.

Foto: Divulgação



■ CESIRA

Sophia Loren, em *Duas Mulheres* (1960). Sophia foi a primeira vencedora do Oscar de melhor atriz em uma língua não inglesa, como a mãe italiana que tenta proteger a filha durante a Segunda Guerra. **Onde ver:** DVD, Looke, Oldflix.

Foto: Disney/ Divulgação



■ MA JOAD

Jane Darwell, de *Vinhas da Ira* (1940). No clássico de John Ford que adapta o romance de John Steinbeck, Ma Joad é a cola que tenta manter a família unida durante as privações da grande depressão americana. **Onde ver:** DVD.

Foto: Disney/ Divulgação



■ RIPLEY

Sigourney Weaver, em *Aliens – O Resgate* (1986). No segundo filme da série, a tenente Ripley volta a enfrentar os aliens, mas agora virando a figura materna de uma garotinha perdida. **Onde ver:** DVD, Blu-ray, Star +.

Foto: Diamond Films/ Divulgação



■ SANDRA VOYTER

Sandra Huller, em *Anatomia de uma Queda* (2023). Acusada de matar o marido, a escritora precisa se defender no tribunal e também não perder a confiança do filho. **Onde ver:** Prime Video.

Foto: Disney/ Divulgação



■ SARAH CONNOR

Linda Hamilton, em *O Exterminador do Futuro 2 – O Julgamento Final* (1991). Simplesmente a mãe daquele que será o líder da humanidade contra as máquinas. E ela faz isso a qualquer custo. **Onde ver:** DVD, Blu-ray, Prime Video, Telecine.

Foto: Paramount/ Divulgação



■ NORMA BATES

Anthony Perkins, em *Psicose* (1960). Norma, que mata no chuveiro a mulher por quem o filho se interessa não é exemplo a ser seguido. Mas é uma das mães mais memoráveis do cinema. **Onde ver:** DVD, Blu-ray, Max, Telecine, Oldflix.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Paulo Freire e a educação libertadora

Já ouvi de algumas pessoas muito inteligentes que prefeririam ser ignorantes, porque isso traria menos infelicidade. Conhecer o mundo como ele é e ter consciência das injustiças, das desigualdades, das incertezas sobre a existência, do sofrimento, é algo insuportável para elas.

Paulo Freire, em sua *Pedagogia do Oprimido*, chegou a interrogar se a consciência crítica levaria a um desmoronamento nocivo do nosso mundo ou a uma atitude fanática. Ele acreditava que a tarefa histórica da libertação humana passava por uma educação crítica e transformadora, que seria muito mais benéfica do que o contrário. A libertação, porém, seria um parto bastante doloroso.

A consciência crítica pressupõe uma radicalização que tem, por sua vez, um caráter criativo, sendo bastante diferente da sectarização. Os sectários, na visão freiriana, são aqueles que possuem uma ideia fechada quanto ao futuro, enquanto os reacionários querem preservar o presente, e, se possível, voltar para o passado. Eles atrasam o desenvolvimento da sociedade e os avanços civilizatórios. Cada um a seu modo.

Parte dos nossos problemas são o resultado de um processo de desumanização. “É preciso reconhecer a desumanização como uma realidade

histórica”, diz Freire. Qualquer possibilidade de humanização, portanto, deve tomar como ponto de partida a realidade concreta e sua dimensão histórica. Não podemos nos entregar ao idealismo ou subjetivismo. Pensamento e ação andam juntos como um casal dialético.

A grande tarefa humanista dos oprimidos é conquistar a sua liberdade e também a dos opressores. Isso

■
A desumanização atinge vários níveis da vida social, como o mundo material do trabalho, as relações raciais...

não significa, portanto, uma inversão na relação de dominação. A ideia de Freire é a de que ninguém se liberta sozinho, o que lembra muito a máxima de Bakunin: “Eu sou verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me rodeiam, homens e mulheres, são igualmente livres”.

Segundo Freire, os oprimidos foram submetidos à condição de “ser

menos”, mas a sua tarefa histórica é “ser mais”. Eles não têm o que perder nessa luta pela emancipação. Ideia que se assemelha à de outro revolucionário: “os proletários não têm nada a perder, apenas os seus grilhões”.

A desumanização atinge vários níveis da vida social, como o mundo material do trabalho, as relações raciais e de gênero, entre outros... A escola é uma instituição fundamental para a reprodução das desigualdades, mas que pode ser transformadora. O tipo de educação dominante reflete os interesses da classe dominante. A “educação bancária” é um exemplo disso, por estar baseada na memorização mecânica dos conteúdos ensinados, na qual o educador vai depositando informações nos estudantes que são vistos como indivíduos sem saber. É uma relação hierarquizada: de um lado os que sabem, do outro os que precisam escutar.

Uma educação libertadora precisa superar a relação educador x educandos, tendo como impulso inicial a conciliação. A superação dessa contradição busca fazer com que ambos os lados sejam, ao mesmo tempo, educadores e educandos.

Freire não está à procura de uma integração, mas de modificar a estrutura que permite opressão. Sua perspectiva é revolucionária.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Acorda, Morfeu

Quem espera nem sempre alcança. Já quem alavanca... Como vai sua performance? Você viu a Madonna? Que doida, né? Você está nessa moda dos três pilares? Papo novo dos líderes – tal o quê – “sexô”, “ninguém merece” “sem noção”. Atenção para o refrão: fuja dos picaretas. “Luiz Inácio, falô, Luiz Inácio falô”

O chefe de polícia de Coimbra pelo telefone mandou avisar que Milton Marques viu na TV dia e a hora quando Luiz Inácio falô – “São 400-picaretas”. Hoje são 601 picaretas

Orlando Silva cantou, Orlando Silva cantou: “você jurou, jurou mas não cumpriu, fingiu e me enganou, pra mim você mentiu, pra Deus você pecou”

Eu li que vão exumar o Brasil

Nada de restos, réstias talvez, mas zere a reza, cada um em seu lugar. prosa caótica do menino que não nasceu no engenho. O último conhaque de araque, nem vinho tomei.

Eu sou o menino Jesus de Praga, mas que nada, nada de praga, não pega mais. Em voz baixa, pelos caminhos das índias, mas se for falar, diga indígenas. Os índios estão noutra vibe.

Debaixo da ponte sem trabalhar, eu te bato, viu? Nem me peça pelo amor de Deus, com esse sorriso brilhante da IÁ.

Destroços, natureza morta, naufrágios na barca de Noé e a mais intensa dor dos gaúchos. O apressado vai na frente e às vezes embarra na morte.

Desça daí, dessa página, tira o pijama que eu quero você sério, sal grosso, o belo Oxalá -minha sereia rainha do mar na Santa Ceia, de um mapa antigo. Cartografias.

Luz é mais que eléctrica, não perde força no escuro, no crucifixo, na emenda, segredos de liquidificador auxílio que vem poesia entrona a agonia. Estranho mesmo é o verbo dormir: leva-se de 6 a 9 horas pra conjugar corretamente.

Vira mundo, tenha modos, vira copos, os olhos vidrados na cara da moda, de brim, algodão ou latim, Dolce & Gabbana ou chita, para chegar ao mando do Rei dos Reis. Ô de casa Ô de fora.

Movem-se figuras, linguagens, as romarias de Drummond e a sensação de estar ou de estares (a sonhar)imerso, na Salve a Rainha, vida doçura esperança nossa Leia meu livro *Pancadas no Morto*, leiam Márcia Tiburi, *Mundo em Disputa*, que corta na carne a mesmice sem tropeçar nas palavras, aliás, vamos engrossar o caldo, a ponta virada para não cair nos braços de Morfeu tão cedo. Ah, o deus do sono, do sonho. Vamos embora, lá vem barca chamando o povo pra liberdade que se conquista. “Acorda, amor, acorda”

Tudo é chuva, água de beber, cadê? Outra semelhança do não ser o ato contínuo que se vive e se morre. Timidamente, saio por aí, com a camisa listrada.

Rios de imagens tristes, lembranças alegres que criamos e despertamos esfregamos os olhos, para enxergar lágrimas de tantas tragédias.

Jogo no espeço dos rios, Jaguaribe e Guaíba, Capiberibe e Beberibe, Sumaré distante, numa memória impossível, que, mesmo atraindo olhares do mundo todo, já estamos todos bem longe dos outros, – ou que, pelo menos, o super-homem venha nos restituir a glória da compreensibilidade, mas não puxe a capa do Superman.

Kapetadas

1 - Eu só não jogo tudo pro alto porque depois sou eu que vou ter que arrumar.

2 - Ano passado eu morri mas esse ano, help!



‘A ponta virada para não cair nos braços de Morfeu tão cedo’

Colunista colaborador

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

‘Amor fati’

Seja de modo consciente ou inconsciente, suportar um sofrimento estimula a descoberta de si mesmo, resultando em dignidade diante da existência dolorosa. A pulsão que conduz o ser humano ao confronto com a angústia, superando quaisquer defesas, revela falhas na vontade de reconstruir pertencimentos e afetos. Sua origem é inaccessível, por isso o ser humano também existe onde não pensa.

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) foi filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor. Ele nasceu na atual Alemanha. Nietzsche é conhecido por suas críticas à rigidez do pensamento provocada pelas religiões, à falsa moral que restringe a liberdade humana, bem como à submissão da filosofia aos dogmas científicos e metafísicos. Sua principal tese gravita em torno do “amor fati”, que significa o amor pela própria existência. Para ele, deve-se aceitar o passado como algo imutável, considerando que as opiniões são um fenômeno do presente, portanto são elas que se deve alterá-las. O pensador prioriza a importância de viver de forma serena, compreendendo que o presente é o único momento que importa e que se deve lidar com ele com uma melhor atitude, sem lamentar os erros ou desejos não realizados. Faz-se necessário transformar um erro em uma oportunidade de recriar um propósito de vida sem depender de uma influência transcendental e nem fora de si. Assim, é indispensável aceitar e amar o próprio destino para construir a identidade e o que se é na autenticidade. Essa força ativa é essencial para cultivar o amor por si mesmo e pela vida.

Em seu livro *Gaia Ciência*, Nietzsche diz: “Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas. Amor fati (amor ao destino): seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!” (1882, §276). O pensador apresenta esse amor à vida sendo o movimento do Eterno Retorno como um cami-



Foto: Reprodução

‘Amor fati é minha natureza mais íntima’, afirmava Nietzsche (1844 – 1900)

nho para suportar as tempestividades e os conflitos. Uma das justificativas da existência dessa força interior é a existência dos instintos estéticos sendo os responsáveis para a autossuperação. Nessa tese é possível a intuição existir onde não se pensa.

Diante do Eterno Retorno, o conceito de ‘amor fati’ se transforma em uma ética através da seleção das forças ativas para se afirmarem perante a vida como uma expressão de amor pelo próprio destino, resultando em uma descoberta de beleza moral na existência. A defesa dessa estética está em todas as situações, tanto na adversidade quanto na alegria. Para Nietzsche, deve-se potencializar a voracidade humana sem ser influenciado por qualquer impulso transcendental ou externo. Essa tese é apresentada em sua obra *Assim Falou Zaratustra*, publicado em 1883, no capítulo “Da Redenção”. No prólogo, é mencionado que o homem está aprisionado pela metafísica, a qual desvia a sua dignidade e o enfraquece constantemente. Para superar essa angústia, é preciso abraçar o ressentimento e afastar a consciência superficial de dogmas infundados, a fim de construir uma nova moral por meio de uma entrega ativa ao

‘amor fati’. A postura de enfrentamento impulsiona o ser humano a rejeitar o conformismo e de não aceitar tudo que é imposto para si, inserindo-se assim no ato do ‘amor fati’. É necessário abraçar os paradoxos e as contradições a fim de transcendê-los para criar uma nova ética. Nessa luta, é preciso evitar a violência, a brutalidade e a submissão. O ‘amor fati’ deve guiar o ‘sim’ à vida e afirmar a realidade humana tal como ela é... constituída de sofrimento e loucura. Esse movimento incorpora o conceito do Eterno Retorno.

No livro *Ecce Homo* (1908), Nietzsche afirma: “Quero ser, algum dia, apenas alguém que diga Sim! [...] O necessário não me fere; o Amor fati é a minha essência mais íntima”. Suas ideias despertam o potencial de criatividade inerente a todos os seres humanos, gerando os desafios de construir os próprios caminhos em um mundo sem conceitos pre-determinados. Em seu livro *Crepúsculo dos Ídolos*, publicada em 1888, o filósofo põe-se a aniquilar tudo aquilo que julga serem ídolos falsos e decadentes. Seus pensamentos apresentam uma força voraz, buscando libertar as pessoas das amarras da moralidade tradicional e incentivando a reavaliação de todos os valores com o propósito de potencializar o amor à vida e a grandiosidade da criatividade humana, conceito esse associado por Nietzsche ao “super-homem”.

Sinta-se convidado à audição do 469º. *Domingo Sinfônico*, deste dia 12, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei o estilo de regência do músico alemão Otto Nossan Klemperer (1885-1973). Ele enfrentou seu transtorno bipolar e encontrou na arte e no amor recebido de sua filha Lotte um meio para criar o Amor fati para conviver com suas falhas psíquicas e superar os intensos conflitos existenciais. Ele acolheu seus amigos refugiados nos EUA durante e após a Segunda Guerra Mundial, regendo obras deles para promovê-los internacionalmente e assim ajudá-los financeiramente.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Novos tempos para as “coisas” de cinema

Houve um tempo em que, para se elogiar a beleza de alguém, dizia-se: “Você parece um(a) artista de cinema!”. Lembram dessa expressão? Pois bem, hoje, uma cortesia assim não faz o menor sentido. Nem mesmo comparando-se a Madonna, agora mais do que, tão em ascensão. Elogios dessa natureza já não são aceitos nos dias atuais. Com uma Hollywood menos *hors-concours*, tais civilidades ficaram no passado...

Contudo, no caso específico do cinema como arte, pelo sim, pelo não, há quem ainda o goze como uma singular e bela fantasia. Alegoria que a própria *movi art* nos tem mostrado ao longo de todos esses anos de mais de século. São fascinantes luzes e sombras, algumas delas travestidas de super-heróis intergalácticos, ou, ainda, “mocinhos e mocinhas de telas”, como aqueles já produzidos pelo glamour hollywoodiano, que já não nos maravilham tanto a imitá-los.

Mas, nem tudo está perdido. As nossas memórias continuam em suporte de celuloide, ou não. E hoje, nesses novos “tempos modernos” (como previu, alegoricamente, em seu filme de idêntico título, aquele “cinemista” de todas as épocas, jamais olvidado, Charles Chaplin), nossas invenções continuam sendo guardadas sob a forma de *scanner* (digitalizadas). Sobretudo, as coisas dos bons momentos do cinema. Também, os tempos são outros...

Toda essa ponderação é para brindar um amigo, que, na semana passada, mandou-me um vídeo contendo memoráveis imagens e sequências de filmes



Zé Nilton foi parceiro do colunista e de documentaristas paraibanos como fotógrafo

inesquecíveis. Esse amigo, que considero um irmão, se chama José Nilton da Silva. Batalhador incansável em defesa das coisas da cultura popular, onde se insere também o nosso cinema; um de seus fetiches.

A rigor, não foram poucas as vezes que Zé Nilton se fez parceiro comigo e de outros documentaristas paraibanos, exercendo uma de suas habilidades – a fotografia. Desde os tempos de “Padre Zé Estende a Mão”, de Jurandy Moura, passando por “O Romance do Dinosauro”, do cineasta cearense Pedro Jorge de Castro (professor e meu orientador

de tese na Universidade de Brasília); “A Ninhada”, curta-metragem nosso, baseado em conto do prof. Nivaldo Miranda, da UFPB, dentre outras realizações.

Mas, como um “cinemista” (segundo o meu netinho Arthur, aquele que é também artista de cinema), Zé Nilton atuou, mais recentemente, em nosso média-metragem “Poltrona Rasgada”. Alegoria nostálgica sobre o antigo Cine Rex e os costumes das pessoas, na cidade de João Pessoa, numa época em que cinema mostrava ser o *bon début pour le plaisir*. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Arquivo de cartas

Vez em quando gosto de rastrear meu arquivo de cartas. Houve um tempo de cartas, e, nesse tempo de cartas, a experiência viva da correspondência, com todo o repertório de trocas simbólicas, vivências emotivas, discussões estéticas, gostos e desgostos literários que o gênero permite em sua flexibilidade e ambivalência semânticas.

Acumulei, ao longo dos anos, um estoque razoável desses documentos da alma humana, da alma de uma época, dos traços peculiares deste ou daquele contexto histórico e geográfico. Fui, portanto, à semelhança de muitos autores, um correspondente regular. Gostava de escrever e de receber cartas, como se fizesse parte de um antigo e consagrado ritual que estabelece contato entre os homens, suas expectativas, seus interesses, suas ideias, suas afinidades eletivas, como diria Goethe.

Não sei o destino das que enviei a múltiplos destinatários, pois nunca as guardei. Devem ter se perdido na dispersão anônima de outros arquivos pessoais. No entanto, preservei as que me destinaram. Tenho, assim, um bom acervo daquilo que os teóricos da epistolografia chamam de correspondência passiva.

Rever essas cartas me dão a sensação de que a vida literária possui uma espessura singular. Se me vejo, ali, sob a mira do outro com quem dialogo (ou dialogava), vejo também que o lia ou o interpretava a partir de matrizes e valores que já não são mais os mesmos, mas que, no entanto, sinalizam para aspectos curiosos da mentalidade de um período ou de uma geração.

Tudo muda, tudo se move, embora, para citar o poeta, de tudo fica um pouco. Por isto, colho, aqui e ali, nessas releituras que são, na verdade, incríveis reencontros, alguma coisa que perdura e que faz das cartas pequeninos relicários da paisagem literária, de sua parte, tão relevante para a reconstrução histórica da literatura, dos escritores e das obras.

As cartas são um gênero de discurso de natureza híbrida, difusa, transversal, bem próximo do diário, das memórias, dos testemunhos, das autobiografias, da ficção. Em certo sentido, ao observarmos a atividade de certos autores, constituem o outro lado de sua própria obra, ou, noutra perspectiva, uma obra à parte, uma obra paralela. Gustav Flaubert, em França, e Mário de Andrade, no Brasil, são dois exemplos basilares. Em cada um deles, as cartas não podem nem devem ser consideradas apenas como escritos secundários ou, pejorativamente, como discursos paraliterários.

Voltemos ao meu arquivo, que tanto me estimula o pensamento quanto me toca a sensibilidade. Meu arquivo vem me acompanhando em minha trajetória de homem de letras e me ditando secretas lições, sobretudo no silêncio daquelas horas vagas nas quais nos doamos ao pedido gratuito dos prazeres mais íntimos. Meu arquivo tem alguma coisa de refúgio. Nele, convivo com muitos que já se foram, embora façam parte decisiva de minha vida literária.

Relevo principalmente as cartas que abordam assuntos literários, temas transpessoais, tópicos do conhecimento que possam ir além do interesse específico do seu destinatário. Essas cartas, quero crer, mesmo que integrem o patrimônio privado do destinatário ou de seus herdeiros, possuem a qualidade de coisa pública, na medida em que o seu conteúdo pode trazer contribuição inestimável no plano das ideias e do debate artístico e cultural.

Tenho pensado nisso ultimamente. Sinto que muitas dessas cartas, sobretudo em certas passagens, deveriam vir a público, para enriquecer e diversificar o acervo das fontes históricas da coisa literária. A história e a crítica literárias, considerada a mudança de paradigmas em todas as áreas e disciplinas da pesquisa científica, não podem prescindir de seus valiosos serviços.

Os arquivos de cartas, organizados ou não, estão aí e devem ser explorados como fonte privilegiada de conhecimento. O meu não me parece diferente. Guarda cartas preciosas de autores com os quais me respondi num determinado período da minha vida. Informações, reflexões, opiniões, argumentos, conceitos, juízos de valor, expectativas e perplexidades brotam dessas páginas ao sabor do fluxo informal da palavra, tão característico do gênero.

Vou dar apenas um exemplo, para comprovar a verdade do meu raciocínio. Em 25 de novembro de 1991, remetida de São Paulo, recebia carta do poeta e compositor Marcus Vinicius, um dos mentores do grupo Sanhaú. Depois de comentar alguns aspectos de *O Livro da Agonia e Outros Poemas*, que lhe remetera, regozija-se com o selo recém-criado da editora Ideia e afirma: “(...) No momento em que a vida cultural do país reflete realmente a indigência histórico-social em que vivemos, é importante saber de propostas editoriais novas, de gente que aposta na qualidade, que sabe que a mídia não é tudo e que esse país sobreviverá, sobretudo graças à inteligência ‘outsider’ que, felizmente, temos de sobra”.

Registros como este valem muito, sem contar com o fato de que o missivista aborda outros temas de indiscutível importância histórica e literária. A propósito, quem quiser ler a carta em seu completo teor, vá às páginas 116 e 117, do meu jornal literário, *Às Horas Mortas*, de 2006.



APC agenda contatos para ações em maio

Representada por seu presidente, prof. João de Lima Gomes, a Academia Paraibana de Cinema fará contato com a secretaria da Academia Paraibana de Letras (APL), na próxima terça-feira (14). Esse encontro foi acertado na reunião desta semana, na APC, que contou com participação da diretoria e do conselho da instituição.

O objetivo do encontro com a Academia de Letras, conforme foi tratado na reunião da APC, visa acertar os detalhes para uma promoção conjunta entre as duas instituições. A programação, que será na próxima quinta-feira de tarde, na APL, terá lançamento de livro, do prof. José Octávio, e exibição de um curta-metragem sobre Wills Leal, que fez parte das duas academias.

Em cartaz

Programação de 2 a 8 de maio, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos.

ESTREIAS

PLANETA DOS MACACOS – O REINADO (*Kingdom of the Planet of the Apes*). EUA, 2024. Dir.: Wes Ball. Elenco: Owen Teague (em captura de movimento), Freya Allan, William H. Macy. Ficção científica/ aventura/ drama. Em um futuro onde macacos dominam a Terra e caçam humanos, um jovem primata começa a questionar o que foi ensinado a eles. Quarto da série iniciada em *Planeta dos Macacos – A Origem* (2011). 2h25. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h30, 18h30; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h30, 17h30, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h30, 21h30; leg.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro XE): qui. a dom.: dub.: 13h, 19h; leg.: 16h, 22h; seg. a qua.: leg.: 16h, 22h; dub.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 18h, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: qui. a dom.: 13h, 16h, 19h, 22h; seg. a qua.: 16h, 19h, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h, 18h, 21h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h45, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h, 17h45, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h, 17h45, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h45, 19h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 20h. CINE GUEDES 3: dub.: 15h30, 18h30, 21h05. MULTICINE PATOS 1: dub.: 17h15, 20h30. MULTICINE PATOS 3: dub.: 15h40.

CONTINUAÇÃO

THE CHOSEN – OS ESCOLHIDOS – PARTE 2 (*The Chosen – Part 2*). EUA, 2024. Dir.: Dallas Jenkins. Elenco: Jonathan Roumie, Elizabeth Tabish, Shahar Isaac. Drama/ religioso. Compilação dos episódios 3 e 4 da quarta temporada da série que reconta a vida de Jesus. 2h07. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 16h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 17h30.

O DUBLÊ (*The Fall Guy*). EUA, 2024. Dir.: Da-

vid Leitch. Elenco: Ryan Gosling, Emily Blunt, Aaron Taylor-Johnson. Aventura/ comédia/ ação. Dúplé precisa encontrar o astro desaparecido do filme blockbuster dirigido por sua ex-namorada. Adaptação da série *Duro na Queda* (1981-1986). 2h06. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a dom.: dub.: 13h30, 18h45; leg.: 16h15, 21h15; seg. a qua.: leg.: 16h15, 21h15; dub.: 18h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 21h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h20. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 20h15. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 21h. MULTICINE PATOS 4: dub.: 21h.

FÉRIAS TROCADAS. Brasil, 2024. Dir.: Bruno Barreto. Elenco: Edmilson Filho, Carol Castro, Klara Castanho. Comédia. Dois homens com a mesma aparência e o mesmo nome, mas de classe social diferente, levam suas famílias para férias na Espanha, mas têm os destinos trocados. 1h39. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h15, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 19h45. CINESERCLA TAMBIA 4: 16h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 16h20. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: 18h50.

GARFIELD – FORA DE CASA (*The Garfield Movie*). Reino Unido/ EUA/ Hong Kong, 2024. Dir.: Mark Dindal. Comédia/ aventura/ animação. O gato Garfield reencontra o pai e acaba metido em um arriscado assalto. 1h41. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h45, 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: qui. a dom.: 13h15, 15h45, 18h15; seg. a qua.: 15h45, 18h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: qui. a dom.: 13h45, 16h45, 19h15; seg. a qua.: 16h45, 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h45, 17h15, 19h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h45, 17h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: qui. a dom.: 13h15, 15h45, 18h15, 20h45; seg. a qua.: 15h45, 18h15, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: sab. e dom.: 14h45. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 16h, 18h, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h, 18h, 20h. CINE-

SERCLA PARTAGE 4: dub.: sab. e dom.: 14h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h10, 17h10, 19h10. MULTICINE PATOS 1: dub.: sab. e dom.: 14h30. MULTICINE PATOS 3: dub.: 3D: 19h20. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: sab. e dom.: 16h20; seg. a qua.: 16h.

GUADALUPE, MÃE DA HUMANIDADE (*Guadalupe, Madre de la Humanidad*). Espanha, 2024. Dir.: Andrés Garrigó e Pablo Moreno. Elenco: Mario Alberto, Karyme Lozano. Drama/ religioso/ documentário. A história de Nossa Senhora de Guadalupe, que, pela tradição católica, há 500 anos fez uma aparição para um indígena mexicano. 1h42. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 17h45.

GUERRA CIVIL (*Civil War*). EUA/ Reino Unido, 2024. Dir.: Alex Garland. Elenco: Kirsten Dunst, Wagner Moura, Nick Offerman. Guerra/ drama/ aventura. Jornalistas de guerra registram a escalada de violência quando uma guerra civil se instaura nos EUA. 1h49. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 15h15; leg.: 17h45, 20h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 18h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h10.

RIVAIS (*Challengers*). EUA, 2024. Dir.: Luca Guadagnino. Elenco: Zendaya, Mike Faist, Josh O'Connor. Drama/ romance. Treinadora de tênis e seu marido jogador encontram num torneio um rival além das quadras: é o ex-namorado dela e o melhor amigo dele. 2h11. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 20h45.

A TEIA (*Sleeping Dogs*). Austrália/ EUA, 2024. Dir.: Adam Cooper. Elenco: Russell Crowe, Karen Gillan, Marton Csokas. Policial/ mistério. Ex-policial que sofre de Alzheimer precisa refazer a investigação do passado. 1h50. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 21h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h45.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tamba [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaíra [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Indígena potiguara lança registros da pandemia

Livro 'Diários na Aldeia' tem prefácio de Maria Valéria Rezende

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O paraibano João Irineu de França Neto é poeta, linguista, psicólogo e comunicador popular. Mas de todas as atribuições que poderíamos elencar para defini-lo, a mais importante está em sua origem: ele é indígena, do povo potiguara. Sua história de vida e seu dia a dia são o tema de sua primeira publicação literária e autobiográfica – o livro *Diários na Aldeia*, editado pela Folhas de Relva e lançado há algumas semanas. Com o subtítulo *Escritos de um Indígena Potiguara*, a publicação traz ainda o prefácio da escritora Maria Valéria Rezende – incentivadora do projeto.

“Tenho o privilégio de conhecer João Irineu desde que ele era apenas um garotinho, com a curiosidade brilhando nos olhinhos rasgados, marca de sua et-

nia (...). Desde então nossos caminhos foram se cruzando em vários momentos e espaços da nossa generosa Paraíba”, detalha Maria Valéria, na introdução. A curiosidade em torno de aspectos sensíveis da vida e da espacialidade citadas pela ilustre colega de Irineu são temas recorrentes em muitos momentos do livro, organizado de fato em formato de diário, com textos editados a partir da data e do local. O relato modula passagens literárias e trechos mais objetivos sobre atividades habituais, como a que descreve no dia 30 de agosto de 2021: “Estava mexendo com as ervas preparando algumas para a manipulação ritualística do cachimbo, através de nossas fumaçadas mágicas, curativas, com as plantas aromáticas...”.

O período compreende os anos de 2021 e 2022, momento em que vivíamos o isolamento da pandemia de Covid-19 e em que passamos a vislumbrar os primeiros gestos de abrandamento da crise sanitária. O diário inclui, além dos relatos nas localidades paraibanas em que esteve, as impressões coletadas nas cidades para onde viajou a trabalho ou a passeio, como Salvador e Rio de Janeiro. Em 18 junho de 2022, quando estava em Curitiba, João escreveu: “Permito-me sentir o que as palavras querem dizer, o que querem ocultar, nessa sua dança de materialização performática nos múltiplos tex-

tos nascidos no ato da escrita”.

Vivendo na aldeia

João Irineu é natural do município de Araçagi. Apesar de ter crescido próximo da zona rural, seu contato com sua ancestralidade foi estreitado apenas após ter completado 18 anos, período em que passou a viver mais próximo das aldeias do município de Baía da Traição. Em 2022, mudou-se para a Aldeia Akajutibiró e logo em seguida solicitou em cartório a inclusão do pertencimento étnico como indígena no seu registro civil.

Também indivíduo LGBTQIAP+, João revela que ao longo de sua trajetória de vida sofreu muitos episódios de preconceito por conta de sua sexualidade. Ele ainda pontua que a discussão sobre esse assunto dentro das aldeias ainda é recente. “Esse tema tem sido pauta no Acampamento Terra Livre (ATL) (*evento anual de mobilização da causa indígena*) e ainda é um desafio diário a promover a superação das discriminações e preconceitos em relação à população indígena LGBTQIAPNB+, tanto no contexto das aldeias quanto nas cidades”, lamenta.

O último registro de *Diários na Aldeia* é um diálogo travado entre João Irineu e Maria Valéria Rezende justamente sobre o lançamento de seu novo livro, ainda um projeto naquela época. Inquieto com a possibilidade de relevar aspectos de sua vida através desta obra, Irineu é interpelado pela colega que pontua: “É o leitor quem muitas vezes se lê em nosso texto”. Hoje feliz com a repercussão de *Diários*, João Irineu planeja outras produções para breve. “Lançaremos a segunda edição de meu livro-pesquisa sobre as rezadeiras e rezadores da Paraíba. Também será lançado um livro de poesias”, adianta.



Foto: Divulgação

João Irineu de França Neto é poeta, linguista, psicólogo e comunicador popular e publicou suas impressões do isolamento na aldeia durante a pandemia de covid-19

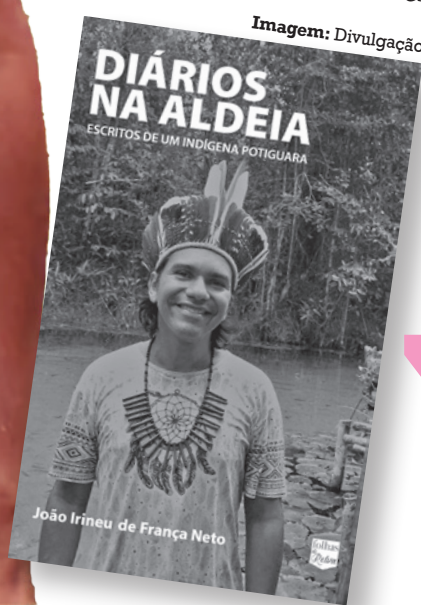


Imagem: Divulgação

DIÁRIOS NA ALDEIA – ESCRITOS DE UM INDÍGENA POTIGUARA

■ De João Irineu de França Neto.
Editora: Folhas de Relva Edições. 142 páginas.

■ R\$ 57,90.

Livraria
AUNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/



SESSÃO LEGISLATIVA

Deputados propõem 712 novas leis

Jornal A União mapeou atividade do Parlamento Estadual nos meses de fevereiro, março e abril de 2024

Tiago Bernardino
tiago.bernardino@gmail.com

Direitos e garantias para pessoas com deficiência foram os temas mais aprovados pela Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) nos três primeiros meses da atual sessão legislativa. O Jornal A União fez um levantamento das matérias aprovadas pelo legislativo paraibano nos meses de fevereiro, março e abril deste ano, com base nas informações disponibilizadas pelo Sistema de Apoio ao Processo Legislativo (SAPL) da ALPB.

De acordo com os dados da plataforma, no início da sessão legislativa até o fim de abril, foram aprovados 280 projetos de leis ordinárias e três projetos de leis complementares. O ano tem sido de grande produção legislativa na ALPB, tendo sido protocoladas pelos legisladores paraibanos 4.448 matérias legislativas, sendo 712 projetos de leis

ordinárias, 3.032 requerimentos, 55 projetos de resolução, 143 indicações, 58 requerimentos de sessão especial, 55 vetos, 147 ofícios, 197 autógrafos, quatro propostas de emenda à Constituição da Paraíba, além de ofícios, projeto de código e emendas aos demais projetos em tramitação na Casa de Epi-tácio Pessoa.

O segundo tema mais recorrente foi a proteção à mulher, com destaque para leis focadas na garantia da igualdade de direitos; assistência às vítimas de violência; combate à misoginia; e inclusão no mercado de trabalho. Outras leis bastante apreciadas pelo legislativo são concernentes à concessão de título de cidadania paraibana para autoridades, ao reconhecimento de utilidade pública para associações e entidades de apoio a população e à inclusão de festas e eventos no calendário estadual de eventos, bem como ao reconhecimento de festas e eventos



Quase 4,5 mil matérias foram produzidas pela Assembleia no início da atual sessão legislativa

como patrimônio histórico e cultural imaterial da Paraíba.

Pessoas com deficiência

Na sociedade, ganharam bastante atenção os cuidados, tratamentos e direitos das pessoas com deficiência, com transtornos do neurodesenvolvimento, transtornos globais do desenvolvimento, doenças congênitas ou graves. Como reflexo, o tema foi bas-

tante discutido na ALPB, sendo o mais recorrente entre as matérias aprovadas pelo legislativo paraibano. Foram votadas 37 matérias sobre o tema. Os Projetos de Leis Ordinárias (PLO) foram apresentados entre 2023, quando começou a presente legislatura, e 2024.

Entre os PLOs sobre a temática, destaque para o que instituiu o Programa de Diagnóstico Precoce e Atendimento

Multiprofissional para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), de autoria do deputado Tovar Correia Lima (PSDB), aprovado em 20 de março deste ano e convertido na Lei nº 13.162/2024. Outros projetos aprovados pela ALPB tratam da proteção ao emprego para pacientes oncológicos, do reconhecimento de pessoas diagnosticadas com fibromialgia como pessoas com deficiência no Estado, da criação de um portal com informações e atendimento a pessoas com deficiência, entre outros assuntos.

Proteção às mulheres e combate à misoginia são destaques na Casa

Em março, a ALPB lançou a Campanha “Março Mulher, Rompa o Ciclo da Violência” com o objetivo de enfrentar os altos índices de feminicídio. A deputada Camila Toscano (PSDB), idealizadora da campanha e presidente em exercício da Comissão dos Direitos da Mulher da ALPB, explicou que o objetivo é ir além de sessões e debates, buscando impactar a sociedade. A ALPB também lançou um livro com as leis sobre a temática. No levantamento do Jornal A União, o tema foi o segundo mais debatido e aprovado pelos legisladores paraibanos.

Nas sessões ocorridas entre fevereiro e abril, foram aprovados 26 PLOs com a temática da proteção, direitos e garantias às mulheres paraibanas. Entre os projetos, destaca-se o que gerou a Lei nº 13.143/2024 que instituiu o Programa de Atenção à Saúde Sexual e Reprodutiva das Mulheres em Situação de Rua. A lei garante o fornecimento de absorventes e produtos de higiene pessoal

■ Campanhas contra altos índices de feminicídios e violência psicológica estão entre as iniciativas propostas por deputados

para as mulheres em situação de rua durante o período menstrual; o acesso facilitado a consultas médicas; e a realização de exames e vacinas. A lei é de autoria do deputado João Gonçalves (PSB) e foi aprovada em 12 de março.

De autoria da deputada Silvia Benjamin (Republicanos), foi aprovado o PLO que instituiu, no calendário oficial do Estado, a Semana de Conscientização e Enfrentamento à Violência Psi-

cológica contra as Mulheres (*wollying*). O projeto, convertido na Lei nº 13.193/2024, determina que durante a semana de conscientização sejam realizadas atividades educativas, palestras, debates, seminários, campanhas de conscientização, distribuição de materiais informativos, entre outras iniciativas, visando sensibilizar a população e fomentar o debate público sobre o tema.

A ALPB aprovou, ainda, a lei que instituiu o Programa Elas no Trânsito, da deputada Jane Panta (PP), que busca a promoção e fortalecimento de motoristas e usuárias mulheres do Serviço de Transporte Remunerado Individual de Passageiros.

De autoria de Danielle do Vale (Republicanos), a ALPB aprovou a criação da Política Estadual de Qualificação Técnica de Profissional e traz ainda a preferência de vaga às mulheres vítimas de violência doméstica e familiar na Paraíba, a lei aguarda a sanção ou veto do Poder Executivo.

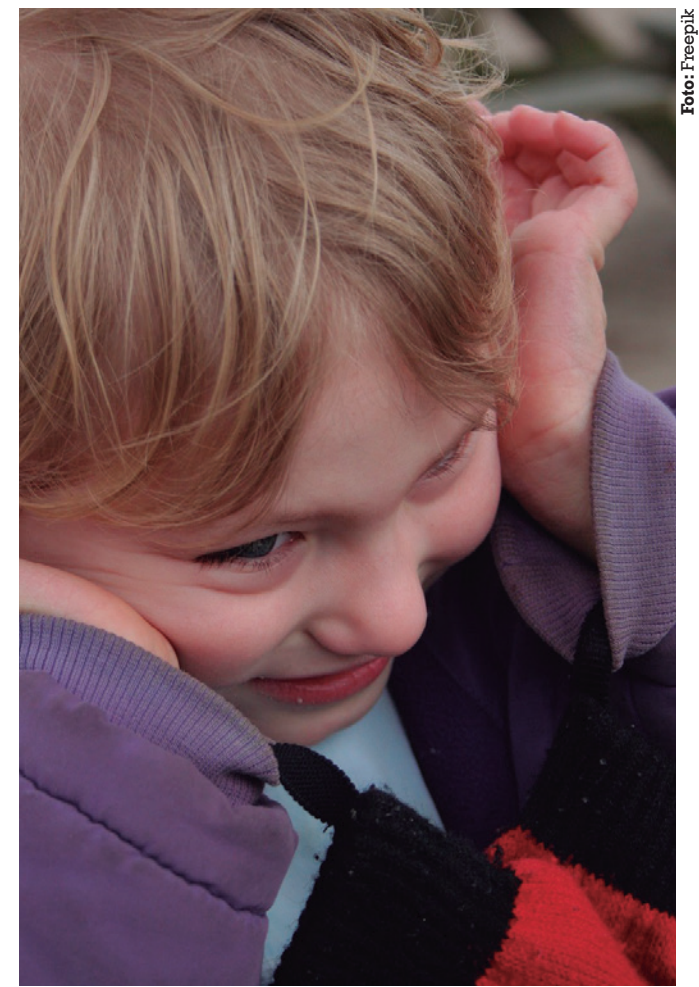
Pautas de apelo popular repercutem na atuação de parlamentares na PB

Alguns temas aprovados na ALPB ganharam uma grande repercussão na sociedade. Um deles foi o projeto de lei de autoria da deputada Doutora Paula (PP), com coautoria do deputado Professor Francisco (Rede), que proíbe o uso de fogos de artifício que produzam estampidos na Paraíba. De acordo com a Doutora Paula, o projeto busca proteger direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), animais e pessoas que estão hospitalizadas que podem sentir-se incomodadas com o barulho alto produzido pelos artefatos.

Uma outra lei que ganhou destaque foi a que garante a gratuidade no transporte intermunicipal para os estudantes que vão fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) nos dias de prova. A matéria estabelece o passe livre nos ônibus intermunicipais, trens, metrô e barcas. Para ter direito à gratuidade nos transportes, os candidatos precisam apresentar o cartão de confirmação da inscrição, junto ao documento oficial com foto.

“Acredito que essa matéria contribui diretamente para a promoção da equidade educacional, assegurando que todos os candidatos, independentemente de sua situação econômica, tenham condições de participar do Enem”, destaca Wilson Filho, autor da proposta.

A ALPB também aprovou a lei de autoria do deputado Felipe Leitão (PSD) que proíbe a permanência de crianças menores de 12 anos desacompanhadas em áreas comuns de condomínios e a instalação de equipamentos de segurança e alerta para os moradores. “Com esta medida, nós buscamos garantir mais segurança para as crianças e também prever a adoção de medidas de segurança nos condomínios. Alguns casos de acidentes envolvendo crianças em áreas co-



Pessoas com TEA são sensíveis aos estampidos dos fogos

muns e desacompanhadas de um adulto causaram grande comoção em nossa sociedade. Dialogando com especialistas na área e ouvindo a população, nós chegamos a este projeto de lei que foi apreciado pelos nos-

tos colegas que compreenderam a importância de garantir essa proteção a todos”, explicou Felipe Leitão.

Outra matéria de Felipe Leitão que causou uma repercussão foi a proibição de cobrança de estacionamento aos estudantes pelas instituições de ensino superior.

“Algumas instituições estão em locais de difícil acesso por transporte coletivo. Além disso, há a questão muito forte no interior do estado de estudantes de cidades distantes das instituições que precisam utilizar o veículo particular para assistir a aula. Sabemos que, para muitas famílias, curso superior é um sonho e que esse sonho tem um custo elevado. Por isso, compreendemos ser um abuso, na relação consumerista entre os estudantes e as instituições, a cobrança de estacionamento aos estudantes”, argumentou.

“

Essa matéria assegura que todos os candidatos tenham condições de participar do Enem

Wilson Filho



Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil

Legislação garante distribuição de absorventes a pessoas em vulnerabilidade social

Memórias

A União

Carlos Vieira

Trilhou os próprios caminhos e construiu uma história de 45 anos

Do começo, ainda estudante, até a edição das páginas repletas de notícias, o jornalista conta sua trajetória profissional em **A União**, marcada por desafios, conquistas e momentos que estão gravados no jornalismo paraibano

Luiz Carlos Sousa
lulojpp@gmail.com

A relação de Carlos Vieira da Silva com o jornal começou quando, ainda estudante de Comunicação, aceitou uma oferta para trabalhar como operador da antiga máquina teletipo. Do emprego na redação, soube aproveitar bem o convívio com nomes já renomados do jornalismo paraibano para aprender as técnicas da notícia e escrever reportagens. Depois disso, passou por várias editorias e acompanhou, de perto, fatos históricos na empresa, como uma greve que parou a impressão do periódico na década de 1980. Também lidou com as mudanças tecnológicas que transformaram o modo de fazer jornalismo na Paraíba e no mundo. Ao gravar este depoimento para o Memórias A União, Carlos Vieira não conteve a emoção. Lembrou das dificuldades para conseguir se formar no curso de Comunicação da UFPB, da persistência para aprender o ofício e das amizades contruídas ao longo dos 45 anos dedicados ao jornal. Aposentado no início de 2024, garante que deixou a função com sentimento de dever cumprido e, ao olhar para a história construída em todos esses anos, reforça um sentimento que já foi compartilhado por entrevistados anteriores, de que **A União** é uma grande escola de jornalismo.

Entrevista

■ Como foi que você chegou em **A União**?

A minha trajetória em **A União** começou em 78. Cheguei aqui por intermédio de Fernando Melo, meu amigo, que foi editor geral do jornal. Surgiu uma vaga e, por intermédio de meu irmão, ele perguntou se eu queria vir para **A União**. Eu disse que queria, porque estava desempregado, e vim.

■ Mas você passou antes pelo jornal **O Norte**?

Na verdade a minha vida de jornalismo paraibano começou em **O Norte**. Houve um concurso público para revisores e eu passei em sexto lugar. Foi quando eu conheci muitas pessoas que depois terminaram parando em **A União**, como Gonzaga Rodrigues, Natanel Alves, [Luiz Augusto] Crispim, Martinho Moreira Franco, Marcos Tavares. Todas as pessoas estavam lá e eu ficava revisando, mas olhando a redação, que só tinha gente renomada. O jornal **O Norte** naquela época era, na verdade, um dos maiores do Nordeste e do Brasil.

■ Voltando para **A União**, você conhecia Fernando Melo?

Ele conhecia meu irmão, Luís Vieira, pois trabalharam juntos na Saelpa. Ele recebeu convite de Agnaldo [Almeida] e veio trabalhar na política. Foi quando surgiu a vaga, e meu irmão disse que tinha um irmão que trabalhou em **O Norte** e perguntou se não tinha uma vaga. Aí surgiu a vaga.

■ Você já fazia **Comunicação** nessa época?

revisava muitas páginas, eu ficava olhando aquilo ali, os textos dos jornalistas, e pensando. Eu sei que ser jornalista não é fácil, trabalhar com português não é fácil, mas foi me dando uma noçãozinha. Quando eu cheguei para trabalhar nessa máquina teletipo... Eu comecei a fazer o trabalho e fui observando a formação de uma matéria, os textos que vinham prontinhos, redigidos, e ali foi me dando uma noção exata de como se fazia um texto. Eu fui fazendo o meu trabalho e fui procurando também me fortalecer jornalisticamente para aprender texto, porque eu não dominava. Eu fiquei na máquina e comecei a ter uma visão de como é que se fazia uma notícia.

Quando eu chegava em casa, ficava “burilando” para ver se fazia texto e aprendendo os serviços de redação. Às vezes, Agnaldo estava fazendo a primeira página e eu ficava ali observando, porque ele era inquestionável, nosso amigo de saudosa memória. Aí eu comecei a trabalhar na área e a desempenhar minhas atividades. E fui procurando observar como era feita uma notícia. Depois eu comecei a pedir para fazer reportagem. De vez em quando, eu trazia uma matéria e pedia para aproveitar. E isso foi me dando estímulo e fui progredindo. Depois fui repórter de geral e surgiu uma oportunidade na área policial, e eu fui. E depois Agnaldo me botou como editor da página. Acontece que eu fiz um material sobre espancamento nos presídios. Para você ver como é **A União**, que tinha es-



“A União é a maior escola de jornalismo de todos os tempos. Para mim, a minha maior escola”



Vieira experimentou diferentes atividades na redação até chegar à editoria de páginas, função que desempenhou até os últimos dias de atividade no jornal

tigma de ser oficial, mas Agnaldo mandou botar. Quando eu cheguei na segunda-feira, eu estava demitido.

■ Conta como foi esse episódio.

Entrevistei uma mulher que perdeu um filho no presídio do Róger, de espancamento; ela estava grávida. Foi uma repercussão grande. O secretário na época, Geraldo Navarro, mandou me demitir. Quando eu cheguei na segunda-feira, estava um zunzunzum que eu iria ser demitido. O superintendente era Natanael Alves, e eu liguei para ele, e ele mandou eu ir no gabinete. Eu mostrei a matéria, expliquei, e ele disse: “Isso aqui não tem problema nenhum. A matéria não tem nada de mais. A gente tem que denunciar o que está errado. Vá para a redação. Aqui quem manda sou eu. Pode ficar tranquilo”. Aí fiquei trabalhando.

■ Quer dizer que tu enfrentaste um perrengue desses?

Enfrentei e fiquei lá um bocado de tempo na reportagem. Depois fiz esporte, fiz tudo n’**A União**. Só não trabalhei na área de cultura, mas geral, policial, política, e ainda fui assessor de Ney Suassuna. Fui desempenhando as atividades e aprendendo serviços de redação com Agnaldo, Frutuoso Chaves... **A União** é a maior escola de jor-

nalismo de todos os tempos. Para mim, é minha maior escola. Sabe por quê? Porque aqui chegamos com a cabeça cheia de teorias, de estudante, com vontade de revolucionar o mundo, mas na redação de jornal é que você aprende. Por aqui passaram Wellington Farias, Sebastião Lucena, Chico Pinto, Gisa [Veiga], Cleane Costa, Babi Neves e tantos outros. **A União** tem uma grande vantagem: mesmo com outros jornais em atividade, era aqui que aportavam os jornalistas do curso de Comunicação.

■ Sempre casou bem **A União** com a universidade.

Por isso que eu digo que é preciso manter essa parceria. **A União** é uma mãe que tem essa vocação para acolher seus filhos. Aqui você chega engatinhando e você sai profissional.

■ Quantos anos em **A União**?

Quarenta e cinco anos e nunca deixei **A União**. Trabalhei paralelamente em outros veículos. Trabalhei no jornal **O Momento**, em assessorias de imprensa, na Secretaria da Cidadania e Justiça, no Instituto de Terra e Planejamento Agrícola, mas eu sempre gostei de **A União**. Não é à toa ficar 45 anos na empresa se não tiver algo que não seja amor. Eu sou de um tempo que a gente trabalhava com di-

letantismo, pelo prazer de ver o nome no outro dia. Eu, sinceramente, jamais tive interesse de trabalhar em jornalismo. Eu fiz dois vestibulares para Engenharia Civil e num deles eu tirei uma ótima nota, mas, quando eu vi a euforia no mercado sobre a imprensa na Paraíba e no Brasil, eu decidi fazer Comunicação.

■ E tinha dificuldades?

Eu sou de uma família de 12 irmãos. Meus pais vieram do interior, de Caiçara, com 11 filhos e com o sonho de querer vencer. Eu morava no João Agripino, tinha que pegar dois ônibus para chegar na universidade. Tinha dia que eu pegava um ônibus tão superlotado para ir à UFPB, que os caras vinham pendurados na porta. Muitas vezes sem café, mas me esforçei. Antes de chegar na imprensa, eu trabalhei no comércio.

■ No começo você ficou na tradução do telegrama, depois você foi para a reportagem e depois aprendeu os serviços da redação. Como foi esse processo?

Primeiro eu comecei na máquina, passei a observar os textos e fui desempenhando. Na universidade tinha um professor, Zé Luiz, que também me ajudava. Mas a universidade foi aqui. Vi Agnaldo fazendo a primeira página e comecei a pe-

gar as páginas dos jornais antes de colocarem os títulos e eu ficava na máquina só treinando. Aí Agnaldo foi abrindo espaço para mim e eu fui titulado. E, antes de morrer, sabe o que ele disse? “Eu conheci o melhor ‘tituleiro’ da Paraíba: Carlos Vieira, pela rapidez e pelo número de toques das palavras”.

■ Você disse que trabalhou com algumas feras d’**A União**. Vamos complementar essa história?

Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco, Barreto Neto, Verneque Barreto, Carlos Aranha, Petrônio Souto, Marcondes Brito, Tarciso Neves, Antônio Hilberto, Quati, Abmael Moraes, José Nunes. **A União** é um espelho e é por isso que eu fiquei aqui 45 anos. Eu fico até emocionado. Aqui eu fiz raízes e construí amizades. Eu conheci pessoas de verdade.

■ Como você encarou o salto tecnológico de sair das velhas máquinas de datilografia para o computador?

Foi um “rebu” na redação o avanço tecnológico, a chegada dos computadores. Mas é a velha história novamente: **A União**, uma escola, botou a gente para fazer curso no Senac para nos adaptarmos, e tiveram muitos que ficaram enferrujados. Mas, apesar desses percalços que alguns companheiros enfrentaram para não

Relações

Além do afeto pelo jornal e pela atividade profissional, Carlos Vieira fez várias amizades ao longo das décadas que se mantêm até os dias atuais

se adaptar ao processo, a gente tinha que seguir em frente. Eu me adaptei, outros se adaptaram. Logo no início foi difícil, porque é uma coisa nova, uma tecnologia totalmente diferente; tecnologia é cheia de melindre. Logo no início todo mundo dizendo que vai acabar o jornalismo e tal. Muitos jornais acabaram na Paraíba, mas por conta de má gestão, porque é possível conviver com a tecnologia, com o avanço tecnológico. Nenhum jornal sobrevive só de vendas; o jornal tem que ter projetos paralelos, alternativas para conviver com o mercado.

■ E, dessas lições todas d’**A União** às quais você já fez referência, alguma você acha que você vai levar até os últimos dias?

Vou. As coisas boas que eu aprendi n’**A União** e o gerenciamento que eu vi aqui. **A União** não é só o mar de rosas que contei aqui. **A União** já sobreviveu a muitas crises. Chegou a passar por crises que todo mundo achava que não ia suportar.

■ Você falou de dificuldades que a gestão enfrentou...

Teve outra. **A União** foi regida pela CLT e devia uma quantia exorbitante à Previdência Social, de recolhimento de contribuição dos funcionários. A Previdência ameaçou **A União** de penhorar bens, e foi quando mudaram o regime, de celetista para estatutário. E todo mês era um inferno, porque a diretoria ficava correndo atrás da Secretaria de Administração e Finanças, para ter dinheiro para pagar a folha.

■ E no jornalismo **A União** enfrentou alguma crise?

Existia a rejeição do mercado de alguns profissionais. Muitos, na verdade, deixavam **A União** por esse estigma de ser oficial. Mas isso é ilusão, porque em qualquer jornal do mundo às vezes tem matéria que pode sair e que não pode sair. E a gente tem que conviver com essa realidade, porque o jornal é oficial. Tem matéria que o governo não vai querer botar, uma maté-

Nos anos 80, após bons lucros, chegou uma crise com atraso de salários. Foi feita uma greve histórica que parou o Diário Oficial, Diário da Justiça e o jornal, enlouqueceu o governador Tarcísio Burity. Na época tinha uma associação chamada Astral, que tinha uma força para defender os funcionários, e ele mandou demitir todos. Aí três secretários foram falar com ele para rever a decisão, porque ia repercutir, e para tentar resolver dentro de casa. O governador recuou, mandou o secretário de Comunicação e mais outro negociar com a associação, acabou a greve, resolveu o problema salarial, foi quando implantaram uma gratificação e, depois, criou-se o quadro [de funcionários].

■ Essa foi uma das crises. Teve outra?

Teve duas crises no governo Burity, com seis meses de salários atrasados. **A União** não tinha carro de reportagem, ninguém queria mais trabalhar no jornal. Foi quando Ronaldo [Cunha Lima] ganhou as eleições, e Itamar Cândido assumiu **A União**. Comprou dois carrinhos, e eu dei uma sugestão para o diretor técnico, Geovaldo Carvalho, para chamar os repórteres da Secretaria de Comunicação do Estado e disse que “os caba” estavam sem fazer nada. Fiz uma lista, botei um monte de gente e aceitaram. Itamar recuperou o jornal.

■ Você falou de dificuldades que a gestão enfrentou...

Teve outra. **A União** foi regida pela CLT e devia uma quantia exorbitante à Previdência Social, de recolhimento de contribuição dos funcionários. A Previdência ameaçou **A União** de penhorar bens, e foi quando mudaram o regime, de celetista para estatutário. E todo mês era um inferno, porque a diretoria ficava correndo atrás da Secretaria de Administração e Finanças, para ter dinheiro para pagar a folha.

■ E no jornalismo **A União** enfrentou alguma crise?

Existia a rejeição do mercado de alguns profissionais. Muitos, na verdade, deixavam **A União** por esse estigma de ser oficial. Mas isso é ilusão, porque em qualquer jornal do mundo às vezes tem matéria que pode sair e que não pode sair. E a gente tem que conviver com essa realidade, porque o jornal é oficial. Tem matéria que o governo não vai querer botar, uma maté-

ria contra ele próprio. E foi por conta desse estigma que o jornal carrega nas costas que muitos profissionais deixaram o jornal e a Paraíba para voos altos em outros estados.

■ Diante da sua experiência, dessa história de 45 anos, vê **A União** como patrimônio?

A União é algo que tem que ser intocável. **A União** transcende só coisas de jornal. É cultura, é um patrimônio cultural. Poucos jornais têm essa história.

■ Você acha que, diante dessa tecnologia toda, dessa facilidade de acesso à notícia na mão, com o celular e o computador, ainda há espaço para um veículo de uma plataforma antiga, como o impresso?

É claro que tem, meu amigo. As redes sociais são uma ferramenta que a sociedade precisa. Temos que conviver com essa realidade. Eu vou dar um exemplo prático. Quando surgiu a televisão, todo mundo dizia que o rádio iria se acabar, não disse? E acabou? Não. O rádio é o maior veículo do mundo. O jornalismo tem condições de conviver com isso, porque a notícia para um jornal tem que ser apurada, tem que ter os dois lados. Você tem que apurar os fatos com responsabilidade e profissionalismo. Onde está uma notícia verdadeira, o jornal está presente.

■ Tem alguma coisa que deixei de abordar e você queira acrescentar?

Estou deixando **A União** com sentimento de dever cumprido, com orgulho de ter trabalhado nessa casa, que foi a minha segunda casa por 45 anos. Aqui eu criei raízes, fiz amizades, construí família. Saio de cabeça erguida. E quem vier depois da nossa geração tem por obrigação de levantar o bastão, porque aqui é a maior escola de jornalismo de todos os tempos.



Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube



MAGISTÉRIO SUPERIOR

UFPB tem dois editais abertos para professores

Oportunidades abrangem mais de 20 áreas de especialidades diferentes

João Pedro Ramalho
joaoprimalhom@gmail.com

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) tem dois concursos abertos para professor do Magistério Superior. Um deles é a seleção para docente na área de Medicina da Família e Comunidade, processo que estava suspenso desde outubro de 2023, por decisão judicial. Os interessados na vaga única, destinada a pessoas pretas ou pardas, têm até o dia 24 de maio para se candidatar. As inscrições custam R\$ 80 e podem ser feitas presencialmente, por procuração ou via postal, na secretaria do Departamento de Promoção da Saúde, situado no Centro de Ciências Médicas, Campus João Pessoa.

Para concorrer ao cargo, é necessário ter graduação em Medicina, com residência médica em Medicina da Família e Comunidade e doutorado em Saúde Coletiva ou áreas afins. O regime de trabalho é de 20 horas semanais, com remuneração inicial bruta de R\$ 4.168,21. A seleção será dividida em quatro etapas: prova escrita (prevista para 12 de agosto), prova didática (15 de agosto) e prova de plano de trabalho (19 de agosto) – todas com caráter eliminatório –, além de exame de títulos, de natureza classificatória (21 de agosto). O resultado do certame deverá ser divulgado até o dia 26 de agosto. Para mais informações, o interessado deve consultar o Edital nº 123, de 6 de outubro de 2023.

Outro edital lançado pela UFPB para cargos do Magistério Superior prevê o preenchimento de 21 vagas para 20 áreas de conhecimento diferentes, nos campi de João Pessoa e Rio Tinto. As inscrições começam no próximo dia 20 e permanecem abertas até 20 de junho, podendo ser feitas pessoalmente, por procurador ou via Sedex, nas secretarias dos departamentos onde os aprovados irão trabalhar. O valor para participar do concurso varia conforme a vaga almejada: R\$ 60, para cargos de 20 ho-



Foto: Angélica Gorveia/Ascom-UFPB

Um dos concursos foi retomado após suspensão em outubro de 2023

ras semanais; R\$ 85, para os de 40 horas; ou R\$ 160, para as funções de dedicação exclusiva.

A única área que deve selecionar dois professores é Pediatria, cujo regime de trabalho é de 20 horas. Sob a mesma carga horária, há uma vaga para disciplinas em Prática Tributária e um cargo previsto para o campo de Saúde Mental. O concurso também destina uma vaga para docente em Prática Contábil e outra para professor de Práticas Atuariais em Fundos de Pensão, Seguro, Saúde e Capitalização, ambas com jornadas de 40 horas semanais.

Os outros cargos disponíveis são de dedicação exclusiva, com uma vaga cada, nas áreas de: Língua Inglesa e Estágio Supervisionado; Libras; Ensino de Ciências e Biologia; Linguagens e Ensino; Ciências Atuariais – ramo Vida; Materiais e Processos de Fabricação; Engenharia da Qualidade; Clínica Integrada IV e Farmacologia Apli-

cada à Odontologia; Atividade Física e Saúde; Atividade Física e Saúde Coletiva; Formação Profissional e Estágios Supervisionados nos diferentes campos de intervenção na Educação Física Escolar; Saúde Coletiva; Fundamentos da Terapia Ocupacional e Práticas da Terapia Ocupacional no Campo Social; Engenharia Química; e Zoologia.

A remuneração inicial bruta varia de R\$ 3.375,99 a R\$ 11.139,64, e a seleção será feita por meio de provas escrita, didática e de plano de trabalho, todas eliminatórias, concluindo-se com o exame de títulos, de caráter classificatório. A única exceção é para os cargos em Pediatria e Práticas Atuariais em Fundos de Pensão, Seguro, Saúde e Capitalização, cujos candidatos não precisam entregar um plano de trabalho. Já as datas das avaliações e da divulgação dos resultados foram definidas de forma diferente para cada área, podendo ser conferidas no Edital nº 32, de 30 de abril de 2024.

O que faz um “especialista em gente”

A coordenação do cuidado em saúde é o objetivo do médico da família e comunidade. Podendo trabalhar nas Unidades de Saúde da Família, na gestão pública ou no serviço suplementar, esse profissional é, conforme o jargão da área, um “especialista em gente”.

De acordo com Denise Mota, supervisora do Programa Mais Médicos e médica preceptora da residência em Medicina da Família na Secretaria de Saúde de João Pessoa, esse tipo de médico costuma ser responsável

por atender a uma população de, em média, três mil pessoas, contingente para o qual sua atenção pode ser dada de forma efetiva. “A gente busca prestar um cuidado com tempo de qualidade, para pensar o paciente como um todo: as doenças que apresenta, as dúvidas que tem, como as emoções afetam sua qualidade de vida, se é vítima de violência, se sua situação de vida é vinculada a pobreza ou vulnerabilidade. Não somos capazes de fazer isso se a população que cuidamos for muito grande”, afirma.

Além do atendimento às pessoas que procuram as unidades de saúde, o trabalho do médico da família e comunidade também envolve visitas domiciliares semanais aos seus pacientes. Assim, o profissional pode não apenas alertar sobre a prevenção de doenças que atingem comunidades vulneráveis, como dengue e leptospirose, mas avaliar como contextos familiares influenciam a saúde da população atendida.

A residência em Medicina da Família e Comunidade, um dos requisitos exigidos para os candidatos a docente em um dos concursos da UFPB, é também um passo essencial para a formação desse profissional. Segundo Denise, por meio dessa experiência, o médico desenvolve destreza na abordagem das doenças e das condições de vida dos pacientes. Estes, aliás, nunca têm alta, nem mesmo quando há uma indicação de consulta com um especialista. “O médico da família vai te ver sempre que você precisar, porque ele é o acesso fácil, aquela pessoa com quem você vai tirar suas principais dúvidas. E, dependendo da patologia, ele consegue tratar superbem. Quando a estrutura do adoecimento fica mais exigente, fazemos a referência para os serviços especializados”, esclarece Denise.

Carreiras

Bruno Cunha

brunocunha@carreira.combruno.com.br | Colaborador

Assédio sexual nas empresas: sinais e estratégias para lidar com essa realidade

O assédio sexual no ambiente corporativo é uma preocupação que afeta muitos profissionais, em especial mulheres. Segundo pesquisas recentes, cerca de 40% das brasileiras já sofreram algum abuso do tipo no trabalho. Esses dados alarmantes destacam a importância de se identificar os sinais de assédio e implementar estratégias eficazes para lidar com a questão. No artigo desta semana, vamos abordar o tema juntos!

Dados e estatísticas sobre assédio sexual no Brasil

De acordo com estudo do Instituto Datafolha, cerca de 43% das mulheres do país já foram vítimas de assédio sexual. Além disso, cerca de 70% delas relataram que o agressor era conhecido, como um colega de trabalho ou superior hierárquico.

O assédio sexual é uma violação grave de direitos e deve ser tratado com seriedade pelas empresas. Identificar os sinais de abuso e tomar medidas imediatas para denunciar e resolver esses comportamentos são passos essenciais para criar um ambiente seguro e respeitoso para todos os colaboradores. É fundamental que as empresas promovam uma cultura de tolerância zero ao assédio e ofereçam suporte adequado às vítimas.

Principais sinais de assédio sexual nas empresas

1. Comentários ou piadas inapropriadas

Comentários sexuais ou piadas inadequadas no trabalho podem indicar assédio sexual, criando um ambiente desconfortável e desrespeitoso. Isso pode causar constrangimento, humilhação ou até ameaças à vítima.

2. Abordagens sexuais não desejadas

Avanços sexuais não desejados por colegas ou superiores são assédio sexual, invadindo limites pessoais e causando desconforto e angústia emocional. As vítimas desse abuso, muitas vezes, se sentem coagidas, envergonhadas ou incapazes de lidar com a situação sem ajuda externa.

3. Comportamento constrangedor ou humilhante

Comportamentos sexuais indesejados no trabalho, como comentários inapropriados sobre aparência física, gestos sugestivos ou insinuações que causem desconforto ou constrangimento, podem constituir assédio sexual. Essas situações afetam o bem-estar emocional e psicológico da vítima, podendo gerar ansiedade, estresse e até depressão.

4. Pressão por favores sexuais em troca de benefícios no trabalho

Oferecer benefícios ou promoções em troca de favores sexuais é uma forma grave de assédio. Essa prática cria um ambiente de trabalho tóxico e desigual, onde indivíduos são coagidos a comprometer sua integridade pessoal em troca de vantagens profissionais. Isso pode ter um impacto devastador na carreira e na autoestima da vítima, além de minar a confiança no ambiente de trabalho.

5. Comentários sobre aparência ou corpo

Comentários persistentes e inapropriados sobre a aparência de alguém, incluindo observações sobre roupa, peso ou aspectos físicos específicos, podem criar um ambiente de trabalho hostil e constrangedor. Esse comportamento pode impactar negativamente a autoestima e o bem-estar da vítima no trabalho.

Estratégias para lidar com o assédio sexual

1. Denuncie internamente

Se você estiver enfrentando assédio sexual no trabalho, denuncie-o imediatamente aos Recursos Humanos ou aos canais designados pela empresa para esse tipo de questão. Muitas empresas têm protocolos específicos para lidar com isso, e é importante segui-los para garantir que sua queixa seja tratada adequadamente e com confidencialidade.

2. Mantenha registros

Manter um registro detalhado de todas as ocorrências de assédio é essencial. Anote datas, horários, locais e qualquer testemunha presente. Esses dados podem ser cruciais ao fazer uma denúncia formal ou buscar assistência legal. Documentar o assédio de forma precisa pode fortalecer sua posição ao apresentar sua queixa às autoridades competentes e preservar evidências importantes.

3. Busque apoio

Lidar com o assédio sexual no trabalho é estressante e angustiante. Busque apoio de amigos, familiares ou profissionais de saúde mental para aliviar o peso emocional. Considere entrar em contato com organizações especializadas em violência de gênero ou assédio sexual, que oferecem serviços de aconselhamento e suporte.

4. Considere recorrer a recursos externos

Se a empresa não resolver o caso ou não fornecer o suporte necessário, considere consultar um advogado especializado em direitos trabalhistas ou agências governamentais que protegem os direitos dos trabalhadores. Eles podem oferecer orientação jurídica e apoio para garantir seus direitos e lidar adequadamente com o caso.

Foto: Freepik



Médico da família e comunidade acompanha até três mil pacientes

Selic

Fixado em 08 de maio de 2024

10,50%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+0,29%

R\$ 5,157

Euro € Comercial

+0,20%

R\$ 5,555

Libra £ Esterlina

+0,38%

R\$ 6,463

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Abril/2024 0,38

Março/2024 0,16

Fevereiro/2024 0,83

Janeiro/2024 0,42

Dezembro/2023 0,56

Ibovespa



EM ALTA

Maior busca leva mercado vegano a crescer em JP

Empresárias criam negócios para suprir demandas reprimidas

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

O faturamento do mercado de alimentos veganos deve ultrapassar US\$ 34 bilhões até 2028 em todo o mundo, segundo levantamento da consultoria SkyQuest. No Brasil, as pesquisas no Google pelo termo aumentaram 300% entre 2016 e 2021 e, segundo o Ministério da Economia, na última década cresceu em 500% o número de empresas abertas com o nome “vegano” e suas variantes. Esta é uma tendência mundial, que se reflete na capital paraibana, tanto pela abertura de novos restaurantes, quanto pela adaptação do cardápio dos restaurantes já existentes.

“Dos nossos associados, 90% já têm em seus cardápios comida vegana”, afirmou a presidente da seccional Paraíba da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel-PB), Thamara Cavalcanti. Nui 360, Sapore D'Itália e Direto do Pé foram alguns dos exemplos citados por ela.

Além disso, é possível encontrar em João Pessoa diversos estabelecimentos voltados exclusivamente para esse público. É o caso do restaurante Papoula Veg, localizado no bairro do Miramar, criado há seis anos por Adriana Barcelos.

“Eu sou bióloga de formação e percebi que trabalhar com alimentação vegana seria uma forma de ativismo ecológico. Assim, não abandonei por todo minha primeira formação”, contou.

A preservação do meio ambiente é um dos argumentos a favor da dieta vegana, além é claro, da redução do sofrimento animal. Uma pesquisa divulgada pela revista científica Nature Food mostrou que a dieta de um vegano tem apenas 30% do impacto ambiental da dieta de uma pessoa que coma muita carne.

Nesse sentido, Adriana Barcelos afirmou que a maior parte da sua clientela não é realmente vegana, nem mesmo vegetariana. “São pessoas que querem uma alimentação mais saudável ou então querendo reduzir o consumo de carne e derivados. Incluem-se neste último grupo os alérgicos à proteína do leite e os intolerantes à lactose”, explicou.

A empresária Nara de Ferrer, conta que aprendeu a cozinhar justamente por não encontrar opções veganas na cidade. Pouco depois começou a participar de feiras e eventos oferecendo suas comidas, até que amigos a incentivaram a abrir o próprio restaurante. Foi assim que surgiu a Casa de Nara, bem pequena no início, e conforme a demanda cresceu, ela foi aumentando o espaço, que hoje ocupa um sobrado em Manaíra.



Foto: Divulgação/Casa de Nara



Foto: Evandro Pereira

Nara começou oferecendo seus produtos em feiras veganas e de cultura pop, mas em seguida instalou seu restaurante e empório



Foto: Divulgação/Casa de Nara

Clientela

vai além dos veganos. É formada por pessoas que querem uma alimentação mais saudável

Adriana Barcelos



Foto: Divulgação/Papoula Veg

Bióloga juntou ativismo ecológico e gastronomia com cozinha vegana

Opção filosófica ou por saúde

A nutricionista Sarah Mendonça encontrou não só um estilo de vida, mas também um nicho de trabalho quando se tornou vegana, há 10 anos, e precisou estudar sobre esse tipo de dieta para atender a demanda de clientes de uma loja de produtos naturais para a qual prestava serviços.

“Trabalhava em uma loja de produtos naturais e em um hospital infantil. Porém, a procura por atendimen-

tos começou a surgir e decidi arriscar um dia por semana para realizar os atendimentos. Desde então, o objetivo foi atender apenas os públicos vegano, vegetariano ou que tinha como objetivo reduzir o consumo de proteínas animais”, lembrou Sarah.

“Em pouco tempo, consegui crescer nos atendimentos e decidi viver apenas do consultório. Hoje sou exclusivamente nutricionista clínica com ênfase no veganismo e vegetarianismo”, completou.

Ela contou que a procura pelos serviços tem aumentando nos últimos anos. “Inclusive por pessoas não veganas, mas que optam por qualidade de vida, ter mais variedade alimentar ou até mesmo como tratamento. Sabe-se que a alimentação baseada em plantas é extremamente rica em fibras, compostos

antioxidantes e anti-inflamatórios, que reduzem sintomas de patologias, atuam de forma preventiva e melhoram marcadores bioquímicos e clínicos”, argumentou.

Vegetariano x vegano

Os vegetarianos não comem carne de animais, mas, em alguns casos, podem consumir outros produtos de origem animal, como ovos e derivados do leite. São os chamados ovolactovegetarianos. Já os veganos não consomem nenhum produto de origem animal, sejam alimentos, roupas, cosméticos ou acessórios.

Ultimamente, o termo flexitariano (união das palavras vegetariano e flexível), vem sendo usado para definir as pessoas que reduziram o consumo de produtos animais, sem abolirem completamente da dieta.



Foto: Arquivo Pessoal

A procura pelos serviços nutricionais tem aumentado, inclusive, por não veganos que optam por maior qualidade de vida

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Impactos e Resiliência Frente às Mudanças Climáticas

O texto de hoje trata de uma questão que está em evidência, mas nosso objetivo não é apontar culpas e culpados. Alguns podem achar que não têm relacionamento com a economia, mas tem. Bom, estamos todos comovidos com o que está acontecendo no Sul do Brasil, especificamente nas terras gaúchas.

Os efeitos climáticos extremos, agravados pelas mudanças climáticas, representam uma ameaça séria para as cidades ao redor do mundo, causando danos variados e significativos. Os danos à infraestrutura são visíveis, com tempestades e inundações destruindo estradas, pontes e redes de energia. Isso também leva à interrupção de serviços essenciais, como fornecimento de água e eletricidade, afetando diretamente a vida diária e a economia local. Não falo aqui apenas em relação ao que está ocorrendo em várias regiões do Rio Grande do Sul.

As questões de saúde pública são agravadas por esses eventos climáticos, com um aumento no risco de doenças transmitidas pela água e problemas causados por ondas de calor, afetando principalmente os mais vulneráveis. Economicamente, os prejuízos são enormes, afetando diretamente a agricultura, o turismo e outros setores dependentes das condições climáticas estáveis.

A mudança climática também provoca o deslocamento de pessoas, com comunidades inteiras sendo forçadas a deixar suas casas devido a inundações ou elevação do nível do mar ou dos rios, o que apresenta desafios complexos para o planejamento urbano e a gestão de refugiados climáticos.

A resposta a esses desafios envolve a criação de infraestrutura resiliente e o desenvolvimento de políticas através de secretarias ou coordenações dedicadas a ações climáticas. Esses órgãos são fundamentais na implementação de estratégias que fortalecem a resiliência urbana e estadual, como a criação de áreas verdes que ajudam na absorção da água das chuvas e redução do calor urbano.

Além disso, é essencial investir na educação da população sobre os riscos climáticos e as medidas de preparação e resposta, através de treinamentos e campanhas de informação pública. Essas ações não apenas preparam melhor as comunidades para futuros desastres, mas também promovem o desenvolvimento sustentável e melhoram a qualidade de vida a longo prazo.

Os recentes eventos de enchentes no Rio Grande do Sul exemplificam esses desafios, com danos substanciais e um longo caminho para a recuperação. Ainda é cedo para termos uma real dimensão dos estragos, mas superficialmente os dados primários apontam que os prejuízos causados pelas enchentes e deslizamentos de terra superam R\$ 1,3 bilhão, afetando mais de 350 mil pessoas.

Famílias desalojadas, casas destruídas que não serão mais recuperadas, comércio afetado e risco de desabastecimento de toda ordem. O sistema de saúde em colapso e uma total insegurança.

Os esforços de recuperação envolvem tanto o Governo Federal quanto as autoridades locais, que estão trabalhando intensamente para restaurar a infraestrutura e os serviços essenciais. Embora a normalidade possa parecer distante, o trabalho contínuo e a coordenação eficaz são essenciais para superar os desafios impostos pelas mudanças climáticas e eventos extremos. Até lá, o Rio Grande do Sul conta com a solidariedade de todos para superar o mais rápido possível esses desafios que ainda estão longe de uma solução.

680 MIL BENEFICIÁRIOS

Governo autoriza Garantia-Safra

Têm direito a receber, os agricultores familiares que tenham comprovadas perdas e que estejam no programa

Agência Gov

Conforme balanço do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), cerca de 680 mil agricultores familiares foram beneficiados com o Garantia-Safra (GS) entre os meses de março e abril. Os valores autorizados para esses dois meses, que totalizaram R\$ 817,5 milhões, foram distribuídos para agricultores de 954 municípios, localizados em 10 estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

O estado que contemplou agricultores em maior número de municípios com o benefício foi a Bahia (com 246 cidades), seguido de Paraíba (135 cidades), Rio Grande do Norte (122), Ceará (110) e Minas Gerais (106).

Benefício

O Garantia-Safra é uma ação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf),

que tem como objetivo garantir condições mínimas de sobrevivência aos agricultores familiares de municípios sistematicamente sujeitos a perda de safra por razão do fenômeno da estiagem ou excesso hídrico.

Têm direito a receber o benefício, em parcela única de R\$ 1,2 mil, os agricultores familiares com renda mensal de até um salário mínimo e meio, que tenham comprovadas perdas de produção igual ou superior a 50% e que estejam aderidos ao programa. O Garantia-Safra é liberado de acordo com o calendário de pagamento dos benefícios sociais.

Conforme informou o ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, Paulo Teixeira, os recursos são de extrema importância para os agricultores que aderiram ao programa, uma vez que contribuem para a segurança alimentar e ajudam nos custos durante a implementação de uma nova safra.



Foto: Agência Gov

Repasses para os meses de março e abril totalizam R\$ 817,5 milhões e foram distribuídos para agricultores de 954 municípios

Como regularizar

O MDA informa aos agricultores familiares que aderiram ao Garantia-Safra e tiveram a concessão do benefício bloqueada, de forma cautelosa, com autorização do pagamento nos meses de março e

abril de 2024, que eles devem cumprir as orientações dispostas na Portaria MDA nº 3, de 3 de abril de 2023, para regularizar a situação.

Caso o benefício esteja bloqueado, o agricultor deve acessar o seu perfil no Sis-

tema de Gerenciamento do Garantia-Safra e verificar o motivo do bloqueio — conferindo, assim, a notificação que consta no seu perfil.

O agricultor e a agricultora familiar terão até 30 dias, após a publicação da Portaria

que autoriza o pagamento do benefício, para se manifestar quanto ao bloqueio, por meio do serviço intitulado “Solicitar Requerimento de Defesa após bloqueio do Benefício Garantia-Safra”, existente na plataforma Gov.br.

EMPREENDEDORISMO FEMININO

Mães são 67% das empresárias no Brasil, aponta pesquisa elaborada pelo Sebrae

Grande parte das empreendedoras do Brasil (67%) têm filhos, segundo o estudo “Empreendedorismo Feminino”, elaborado pelo Sebrae. A necessidade de cuidar da prole influenciou mais a decisão de abrir o negócio entre as mulheres do que entre os homens que empreendem. Enquanto 68% delas disseram que a dedicação aos filhos “influenciou muito”, entre os homens esse índice foi de 56%. Outros 34% dos empresários apontaram que “não influenciou nada”.

A sobrecarga de tarefas e

a dificuldade em conciliar o tempo dedicado ao negócio e os cuidados com os filhos continuam sendo desafios enfrentados pelas mulheres. O estudo do Sebrae, que foi publicado em novembro passado, contabilizou a quantidade de horas destinadas a mais pelas mulheres que empreendem nos cuidados com pessoas da família e nos afazeres domésticos. Elas dedicam 3,1 horas aos cuidados familiares e consomem 2,9 horas do seu dia nos afazeres domésticos, praticamente o dobro dos homens, que gas-

tam 1,6h e 1,5h, respectivamente, com essas atividades.

Consequentemente, as mulheres empreendedoras acabam dedicando menos horas semanais ao empreendimento. A média fica em torno de 34 a 35 horas trabalhadas semanais, enquanto os homens que são empresários alcançam de 40 a 43 horas. Isso, no entanto, não implica que as mulheres são menos dedicadas aos seus empreendimentos, e sim que existe uma grande disparidade quando se analisa quem é encarregado do chamado

“trabalho invisível”, aponta o Sebrae.

A desigualdade de gêneros fica clara em relação à sobrecarga com a jornada dupla: 76% das mulheres se sentiram mais sobrecarregadas e 61% já tiveram que deixar de fazer algo para si ou para a empresa para cuidar dos filhos, de idosos ou parentes. Esses resultados foram de 55% para os homens que se sentiram sobrecarregados e 48% para que os que afirmaram ter que sacrificar algo em favor dos filhos ou parentes.

SERASA EXPERIAN

NE abriu quase 60 mil empresas em janeiro

Da Redação

Em janeiro, foram abertos 59.516 novos negócios no Nordeste, segundo o Indicador de Nascimento de Empresas da Serasa Experian.

O destaque ficou com a Bahia como a Unidade Federativa (UF) com a maior parte dos registros (16.012). A Paraíba ficou em 5º lugar nessa lista, com 4.786 empresas recém-criadas.

Veja os Números

Bahia	16.012
Pernambuco	10.766
Ceará	10.388
Maranhão	5.279
Paraíba	4.786
Rio Grande do Norte	3.868
Alagoas	3.190
Piauí	2.720
Sergipe	2.507

Empreendendo com o apoio da filha

Maristela Mendes é dona da Bala de Banana Bananina, empresa que fica em Antonina, no Paraná. A Bala de Banana é um produto legítimo do município no litoral paranaense e recebeu, em dezembro de 2020, o selo de Indicação Geográfica concedi-

do pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi). Ela administra o empreendimento com a filha, Bárbara. O fato de já estar empreendendo numa empresa familiar antes de ser mãe ajudou Maristela a ter mais tempo, com a filha quando pequena.

“É uma oportunidade que poucas mulheres têm. Eu podia trazer a Bárbara para o trabalho, ir em reuniões com ela, e até fiz uma salinha com um berço quando ela era pequena. Mas, como eu tive a oportunidade de estar dentro de uma empresa familiar, de não pre-

cisar pedir permissão do chefe para amamentar, ficou muito mais fácil para mim”.

A menina que cresceu dentro da fábrica de balas de banana agora trabalha junto com a mãe e atua principalmente no marketing digital da marca. Hoje a produção da Bananina já atinge seis toneladas por mês, conta com 15 funcionários e as donas planejam expansão do espaço físico para aumentar a fabricação de outros produtos.

Para apoiar mulheres que querem abrir um negócio ou já estão à frente de um empreendimento, o programa Sebrae Delas oferece cursos, workshops e consultorias. O objetivo é apoiar, incentivar e valorizar a jornada das empreendedoras, inclusive as mães. Elas também participam de redes de mulheres, por meio das quais trocam experiências, falam dos desafios e buscam soluções. Somente em 2023, mais de 150 mil mulheres foram atendidas por meio de cursos, consultorias e mentorias para o desenvolvimento de competências emocionais.



Foto: Arquivo Pessoal

Estar numa empresa familiar ajudou Maristela a ter mais tempo com a filha quando pequena

registradas em janeiro de 2024, com 281.784 aberturas. Comércio vem em seguida, com 73.031 empresas abertas, Indústria, com 22.601, e Demais, com 4.330.

Do total de empresas abertas em janeiro deste ano, quase 290 mil foram Microempreendedores Individuais (MEIs). Rabi analisa que o que pode explicar essa predileção dos empreendedores pela categoria são menor burocracia para abertura, tributação reduzida e benefícios atrativos. Empresa Individual, foram 12.812, Sociedade Limitada, 71.644, e Demais 7.388.

■ Do total de empresas abertas em janeiro deste ano, quase 290 mil foram MEIs

“Em janeiro, segundo o Banco Central, tivemos um crescimento de 0,6% na atividade econômica e uma variação acumulada de 2,47% nos últimos 12 meses. Esses fatores, atrelados à redução da taxa Selic para 10,75%, também influenciam o surgimento de novos negócios, pois afetam o custo de capital para os empreendedores e impactam positivamente os custos operacionais das empresas”, analisa o economista Luiz Rabi.

O setor de Serviços foi o responsável pela maior parte das novas empresas

PERFIL DOS NEGÓCIOS NO BRASIL

Paraíba é destaque em inovação

Foco está na resiliência do paraibano em acreditar na viabilidade mercadológica de seus projetos e investimentos

Márcia Dementshuk
Ascom - Secties

O Estado da Paraíba foi destaque em reportagem especial sobre as mudanças que a tecnologia está promovendo no perfil dos negócios no Brasil publicada na edição do mês de maio, da revista Época (nº 200). A forte estrutura das instituições públicas de ensino superior na formação humana, os equipamentos de ancoragem de projetos e impulsionamento como os parques tecnológicos, organizações como a Associação Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii), laboratórios e a tradição em inovação foram alguns dos destaques.

Mas outros fatores somam-se a este, como o ambiente regulador favorecido pelo Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação para o Estado da Paraíba, investimentos governamentais direcionados a projetos de inovação e a resiliência do paraibano acreditar na viabilidade mercadológica de seus projetos, investir e atravessar as dificuldades de cada fase do negócio.

Estar no centro de projetos tecnológicos e inovadores é uma tradição para Campina Grande que remonta à chegada dos primeiros computadores no Brasil, em meados do século passado. A autora da matéria, a jornalista Jennifer Ann Thomas narrou a histó-

ria da aquisição do IBM 1130 pela Escola Politécnica da Paraíba em 1967, um evento que envolveu doações da comunidade e até rifa de boi! O fato se tornou um símbolo da força e da capacidade das pessoas em transformar uma cidade interiorana no Brasil em um polo de desenvolvimento científico e tecnológico. E, como não pode deixar de ser a referência pessoal, um pilar para a consolidação desse movimento, o professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, cujas ações ultrapassaram as divisas da Paraíba atingindo o território brasileiro, quando foi presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entre 1980 e 1985.

A evolução dos tempos confirmou a predisposição de uma comunidade de cientistas, pesquisadores, tecnólogos, desenvolvedores e empreendedores para elevar o nível de projetos executados não só em Campina Grande, mas no estado inteiro. Uma das consequências positivas é a criação de empresas de base tecnológica, as *startups*. O “Sebrae Startups Perfil Paraíba” mostra que o número de empresas dessa categoria triplicou entre 2018 e 2022. Em números absolutos, por contagem através de CNPJ, o perfil aponta a existência de 96 *startups* operando na Paraíba, 58% delas sediadas



Integrantes de um treinamento com as startups do Expovafela incubadas pelo PTHI. Um sorriso expresso em cada rosto

em João Pessoa e 27% em Campina Grande.

Mas é na Rainha da Borborema, como é conhecida Campina Grande, onde está a universidade com o maior depósito de patentes no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) em 2023. A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) registrou 101 pedidos, 60 a mais, em relação a 2022.

Embora o esforço represente um indicativo de inovação, a professora da UFCG Francilene Procópio Garcia,

vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), levanta a ressalva de que as universidades, por meio de seus Núcleos de Inovação Tecnológica, os NITs, se especializaram em “redigir” patentes, “porém, não temos um plano estratégico, nem conexão com o desenvolvimento dos Institutos de Ciência e Tecnologia ou do Estado. A falta de estratégia implica no desperdício de conhecimento, geramos estoques sem impacto. Há um gargalo claro na capacitação de

gestores, na formação de talentos que se engajem na solução de problemas da sociedade”, avalia Francilene Garcia, fazendo referência à condição nacional no procedimento de criar as Patentes de Inovação.

Esse posicionamento é mencionado na reportagem da revista Época pelo diretor-executivo do Centro de Inovação e Tecnologia Telmo Araújo (Citta) Heleno Bispo, falando sobre o distanciamento entre a academia e o setor empresarial e defendendo a cultura empreendedora na

universidade.

Na esfera governamental, no que diz respeito ao plano estratégico para a ciência, tecnologia e inovação, a Paraíba finalizou recentemente as etapas preparatórias para a V Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. O secretário da pasta de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, declarou que o “Estado promoveu o levantamento de diversas demandas, as quais serão consideradas na confecção de um plano estratégico de C,T&I para a Paraíba”.

Empresa paraibana é exemplo de sucesso

“Abracadabra!” Na fantasia a palavra ordena abertura de um portal mágico com surpresas incríveis. A cena inspira o nome da *startup* que opera uma plataforma de gestão para consultoria on-line, especializada em viabilidade financeira de empresas. Nascida na Paraíba, a empresa foi fundada em 2020.

Com entusiasmo na voz, Bruno Cruz, consultor e criador do Abracadabra, contou que enfrentar os desafios é um exercício constante que resulta em aprendizado e fortalecimento. A empresa tem hoje quatro funcionários, um indicador de sustentabilidade, uma vez que 74% das *startups* brasileiras possuem entre um a cinco funcionários (ABStartups/Deloitte 2023).

O projeto passou pelos programas de incubação e aceleração StartPB, Capital Empreendedor, Inovativa Brasil e StartNE. A *startup* enveredou pelo segmento govtech, voltadas ao desenvolvimento de soluções tecnológicas para desafios dos governos (municipal, estadual, federal ou até no legislativo e judiciário), um cenário não detalhado pela reportagem na revista Época.

O estudo “Mapa Govtech Brasil 2024” feito e publicado neste ano pelo BrazilLAB, um hub de inovação GovTech, identificou 475 startups e Pequenas e Médias Empresas atuando no segmento govtech no Brasil: 68 no Nordeste e 10 na Paraíba.

De acordo com o estudo, “a Nova Lei de Licitações, a Lei do Governo Digital e o Marco Legal de Startups e do Empreendedorismo Inovador, e os novos instrumentos jurídicos introduzidos por cada uma das três leis, abre uma enorme oportunidade para o ecossistema GovTech no Brasil.” O ambiente regulatório promove uma tendência natural da busca por soluções que passam pela tecnologia.

Claudio Furtado, secretário da Secties, corrobora: “Essas leis amparam a contratação de soluções tecnológicas. Então, as demandas de governo podem ser atendidas agora por startups, por encomendas tecnológicas, modalidades de contratação que anteriormente encontravam certas dificuldades, devido a ambiência legal, ou seja, com este marco regulatório o governo pode demandar mais serviços e soluções tecnológicas que vão ao encontro de soluções de questões do dia a dia da administração e do atendimento ao público”.

Na Paraíba, o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação para o Estado da Paraíba, Lei Estadual 12.191, foi sancionado pelo governador João Azevêdo em 2022. Normatizações, investimentos, promove a continuidade dos processos de desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação, cria um ambiente favorável à pesquisa nas universidades, nas instituições públicas e nas empresas.

Estado já possui três parques tecnológicos

Há mais de 10 anos acompanhando o ecossistema de inovação na Paraíba, a especialista em negócios de impacto social da Fundação Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PTHI), Mayara Costa, salientou que “a Paraíba é cada vez mais destaque em inovação e isso é um mérito válido em vista das diversas organizações de apoio em conjunto com a formação de pesquisadores das universidades e institutos federais. Inovação científica e tecnológica é o DNA da Paraíba”.

Segundo Mayara, são três parques tecnológicos, 14 incubadoras, diversos laboratórios de inovação, Unidades e Centro de Competência da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii).

“Nesses últimos seis anos, cada vez mais organizações de apoio estão surgindo pela demanda da cidade e do mercado, como surgiu o PTHI, que trabalha diretamente com setores produtivos e áreas para o desenvolvimento econômico do Estado”, afirmou Mayara.

Em dois anos de operação, o PTHI incubou negócios, alguns deles premiados como o Game Start, *startup* que cria jogos sobre problemas ambientais e baseados nos ODS - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, agraciado no prêmio Diplomacia Ver-



Para Mayara Costa, do PTHI, “inovação científica e tecnológica é o DNA da Paraíba”

de da União Europeia (UE). “O PTHI entende que exemplos como essas *startups* são inovações e tecnologias socioambientais criadas e por essa razão intensificou o apoio ao setor de negócios de impacto socioambiental no estado com um programa exclusivo para esses modelos”, disse.

Atualmente o parque incubava 10 negócios apoiados na Expo Favela, três deles foram destaques nos últimos programas Pequenas Empresas e Grandes Negócios: a Do-

ces Tambaba, empresa criada com apenas R\$ 50 reais, mas com um crescimento exponencial. As Garças do Sanhauá, que trabalham o turismo na comunidade, reinventaram a forma de mostrar para o mundo como a Paraíba foi formada, seus mangues, rios e cultura. Outro negócio apoiado é a My Moon, a empresa cresceu 300% em menos de um ano e já faturou mais de 50% de todo o seu ano de 2023 apenas no primeiro semestre de 2024. A My Moon produz pe-

lúcias hipoalergênicas com personagens da fauna brasileira.

“Eu não tenho dúvidas que a inovação na Paraíba é de impacto e cada vez mais será, nós não estamos falando mais só de negócios em ideiação, de ecossistema em construção, estamos falando de investimento de impacto sendo realizado e prospectado em startups na Paraíba, o PTHI está atuando fortemente nessa frente e criando oportunidades e especialistas”.

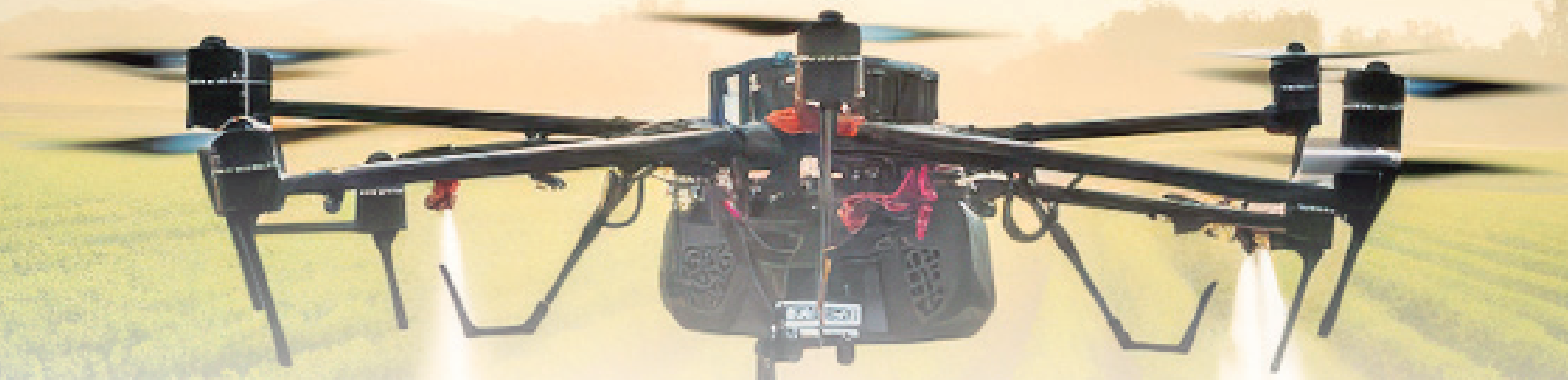


Foto: AVAC

AGRICULTURA 5.0

Tecnologia otimiza a produtividade

Novos recursos auxiliam o manejo de culturas e reduzem custos de produção, com uso de práticas sustentáveis

Samantha Pimentel
samanthapimentel.jornalista@gmail.com

Cada vez mais o uso de tecnologias vem ganhando espaço na produção rural, auxiliando no aumento da produtividade, redução de custos e do tempo de trabalho manual, além de facilitar o controle de pragas e melhorar a sustentabilidade. A agricultura 5.0 vem promovendo a automatização de várias etapas e atividades do processo produtivo, sendo usada tanto pelos grandes, como pelos médios e pequenos produtores.

Segundo o professor e doutor em entomologia, que integra o Centro de Ciências Agrárias (CCA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), José Bruno Malaquias, houve a transição da agricultura 4.0 para a 5.0, em que, além do uso da tecnologia, o foco é também a sustentabilidade. “Nós passamos recentemente por essa transição de agricultura 4.0 para a agricultura 5.0. Esse termo deriva do conceito da indústria 4.0 que surgiu na Alemanha em 2013, e aí foi sendo preconizado o uso de tecnologias de precisão, como, por exemplo a inteligência artificial, o uso da biologia sintética, uso da física computacional. Então hoje estamos vivenciando a agricultura 5.0, de uma forma que nós temos preconizado o uso da inteligência artificial, também temos nos preocupado com a sustentabilidade”, explicou.

O professor também destaca os três pilares da sustentabilidade que a agricultura 5.0 contempla: o economicamente viável; o socialmente justo; e o ecologicamente correto. A partir desses eixos, a tecnologia é usada para promover a automação de diversos processos, antes realizados de forma manual, além da análise de dados que orientam as atividades no campo. “Hoje nós temos máquinas inteligentes, nós temos explorado também o uso da Internet das Coisas, também utilizamos o Big Data, um grande volume de dados que são coletados nas lavouras, e são utilizados para tomadas de decisões, como por exemplo, controle de pragas, correção do solo, aumento de produtividade”, afirmou.

José Bruno dá um exemplo acerca do controle de pragas, que pode ser facilitado através do uso da tecnologia. Segundo ele, se pensarmos em 100 hectares de produção de milho, equivalente a 100 campos de futebol, para o controle de pragas, o agricultor tradicionalmente teria que fa-

zer uma pulverização de toda essa área. Com uso da tecnologia isso pode ser feito por drones, e de forma localizada, apenas nas regiões afetadas. “Assim, em vez de fazer a aplicação em 100 hectares, é possível fazer em 10 ou 15 hectares, por exemplo. Isso vai refletir na maximização de uso de recursos, em economia para o produtor e, também, na conservação de recursos naturais”, afirmou o professor.

O diretor técnico da Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas) e também produtor e exportador de bananas, Edson Brok, explica que a tecnologia também auxilia no manejo das plantações. “Hoje você consegue identificar até a deficiência nutricional da planta, uma coisa inimaginável alguns anos atrás”, destacou. Edson também afirma que todas as culturas podem se beneficiar do uso dessas tecnologias que, inclusive, impactam positivamente na produtividade.

“A nanotecnologia está ajudando a agricultura a produzir mais no mesmo campo do que se produzia há 10 ou 15 anos”, afirma. O diretor técnico da associação também destaca que também existem recursos que indicam o manejo adequado dos bioinsumos. “Há uma tecnologia pra ver qual melhor apuração nutricional para as plantas, e isso também é algo que no Brasil tem crescido muito. Nós estamos trabalhando com a mentalidade de promover a cultura regenerativa do solo e do meio ambiente, além da proteção do meio ambiente. Isso é algo que a gente não pode esquecer”, afirmou.



Foto: Abrafrutas

“

A nanotecnologia está ajudando a agricultura a produzir mais no mesmo campo do que se produzia há 10 ou 15 anos

Edson Brok



Foto: Arquivo pessoal

Em Itabaiana, aviário é totalmente automatizado para reduzir a mortalidade das aves e evitar desperdício de ração

Produtores automatizam o campo na PB

Na Paraíba, uma das culturas chaves onde a agricultura 5.0 vem sendo mais presente, é a cana-de-açúcar, segundo o professor da UFPB, José Bruno. No entanto, essas tecnologias também vêm sendo usadas na fruticultura, e em diversas outras produções como o milho, produção de peixes e avicultura.

Em Itabaiana, no Agreste do Estado, a Fazenda Lagoa do Monteiro possui dois aviários automatizados. O produtor rural responsável pelo espaço, Valdemir Azevedo Pereira, diz

que o sistema é o mais moderno.

“Temos, nos aviários, a chamada ‘pressão negativa’, que são exaustores, que ficam no final do aviário, puxando o ar, e tem um sistema de coolers que é para o ar entrar por ali”, descreve.

Valdemir ainda explica que o restante do espaço está fechado. “Isso permite que o ar tenha uma determinada velocidade e isso é tudo medido. Assim, é possível controlar a temperatura, para que ela se comporte dentro do que se precisa”, afirmou. De acordo com o produ-

tor, a depender da temperatura, os exaustores podem ligar sozinhos, para resfriar o espaço.

Já para o controle de umidade no local, Valdemir esclarece que há um equipamento automatizado. Segundo ele, essas tecnologias reduzem a mortalidade das aves, além de reduzir o trabalho. “Já imaginou você pegar um aviário como esse nosso, por exemplo, botando ração na mão, o desperdício, tudo isso. Então, tá tudo automático, ração é na hora que precisa, o sistema liga e enche todas

as vasilhas.”, destacou.

Hoje cada aviário comporta 35 mil aves, e a comercialização acontece através do Sistema de Integração da Guarapes, onde o que é produzido no local já tem venda garantida.

Além da avicultura, a Fazenda também trabalha com a produção de peixes, camarão, suínos, gado de leite e de corte, e o espaço ainda possui energia solar, sistemas de irrigação e outras tecnologias que facilitam a produção, além de receber orientação técnica constante.

Pesquisas priorizam sustentabilidade

Através do Departamento de Fitotecnia e Ciências Ambientais (CCA/UFPB), estão sendo desenvolvidas pesquisas quanto ao uso de tecnologias na produção rural.

Segundo o professor José Bruno, o local possui um setor voltado à experimentação e capacitações sobre o uso de drones para “imageamento” e também pulverização de culturas. Também há trabalhos de pós-graduação sendo desenvolvidos, e cursos de formação com o objetivo de oferecer mão de obra para este setor de mercado, que está em ascensão. O aluno do Programa de Pós-Graduação em

Agronomia da UFPB, Allef de Souza Silva, desenvolve um trabalho sobre a importância do sensoriamento remoto, através de drones, para detecção de pragas na cultura da cana-de-açúcar, e destaca que: “A partir desse ‘imageamento’, é possível processar as imagens e, através delas, saber como está a condição fitossanitária das culturas”, explica. Segundo Allef de Souza, os índices são usados na detecção de pragas na cultura da cana-de-açúcar. “Uma cultura importantíssima para o nosso estado, onde a Paraíba é o terceiro maior produtor do Nordeste”, destacou.

Outra pesquisa está

sendo realizada de forma integrada com a anterior, trata do uso de drones para a pulverização e controle de pragas do milho, usando defensivos naturais.

O aluno, Erisvaldo de Souza Buriti, é responsável pelo projeto. O estudante explica que são produtos, geralmente, mais biológicos, podem ser fungos, vírus ou bactérias, que atacam a lagarta do milho, fazendo com que haja um controle mais natural e localizado. “Ou seja, vai haver economia de tempo, economia de recurso, e o agricultor ou aplicador não vai ter contato direto com esse produto”, afirmou. Para o professor José

Bruno, orientador das pesquisas, a agricultura 5.0 veio para ficar, e estes recursos devem se popularizar. “A médio prazo, o uso dessas tecnologias estará inclusive na agricultura familiar, se a gente pensar numa política de associativismo, de cooperativismo, nós podemos possibilitar o uso dessas tecnologias, tanto dos drones de imageamento quanto de pulverização”, afirma com otimismo.

O professor diz que alguns agricultores já fazem a contratação de drones, por exemplo, de forma terceirizada. “Então é um futuro em que a gente não tem mais volta”, conclui.



Foto: Divulgação/UFPB

Universidade Federal da Paraíba desenvolve diversas pesquisas voltadas para a agricultura 5.0



Um dos personagens importantes para a ascensão de Silvana no esporte foi seu técnico, Adriano de Lucena. A parceria entre os dois tem levado a atleta a inúmeros pódios ao longo dos anos

Foto: Reprodução/Instagram

JOGOS PARALÍMPICOS

Silvana Fernandes quer medalhas

Paraibana será uma das representantes do Brasil na competição e deseja retornar com o ouro

Camilla Barbosa
acamilbarbosa@gmail.com

“Eu quero continuar tendo todos esses títulos e tentando bater recordes. Tive esses cinco títulos no *Grand Prix*, mas quero ter muito mais. Quero estar dentro da história, não só do esporte paraibano, mas dentro da história do Parataekwondo Brasileiro, para que sempre quando as pessoas falarem da modalidade, elas falem de Silvana Fernandes, e vejam, que eu fiz uma grande história”. Essas são as palavras ditas por Silvana Fernandes, a paratleta de taekwondo mais premiada, bicampeã mundial, bicampeã no Parapan-Americano e pentacampeã em *Grand Prix*.

A pouco mais de 70 dias a paraibana, de São Bento, será uma das representantes do país na competição e deseja retornar com o ouro dessa vez. Em Tokyo 2020, a atleta alcançou a medalha

de bronze, mas afirma que a conquista foi crucial para a carreira profissional. “Cada dia que passa, a ansiedade só aumenta. Infelizmente, eu bati na trave em Tóquio, mas eu sempre falo ‘Foi um bronze com gostinho de ouro’. Por pouco eu não cheguei à final. Mas eu estava inexperiente, era minha primeira Paralimpíada, era bem mais nova, e hoje a gente já vê uma outra Silvana, mais madura e mais experiente”, pontuou.

Ela subiu ao lugar mais alto do pódio duas vezes no Campeonato Rio Open de Para Taekwondo e no Campeonato Para pan Americano, competições realizadas no Rio de Janeiro, na última semana. As duas medalhas foram conquistadas por WO, já que não houve número suficiente de inscritos.

“Já que não teve essas lutas, a gente teve que mudar a estratégia. Agora iremos ficar trazendo duas atletas brasileiras para fazer simulação de luta, e para que eu entre nesse ritmo de competição sem precisar ir para competições na Eu-

ropa e na Ásia”, explicou.

Além dela, Joel Silva e Débora Menezes, companheiros de local de treinamento em João Pessoa, subiram ao pódio nas competições também. Sobre a relação entre eles, ela expressa: “é uma relação bem tranquila também, nós, além de parceiros de treinos, somos amigos, sempre estamos ali um ajudando ao outro. Mesmo o taekwondo sendo um esporte individual, acaba sendo coletivo”.

Um dos personagens importantes para a ascensão de Silvana no esporte foi seu técnico, Adriano de Lucena. A parceria entre os dois tem levado a atleta a inúmeros pódios ao longo dos anos. “É uma troca bem legal. Eu acho que quando há esse conjunto de objetivos tanto do atleta como do técnico, de chegar no topo, aí o trabalho flui. Ele desde o início tinha esse objetivo de me levar para Olimpíada, de me colocar na seleção e eu mais ainda na vontade de chegar ao topo também. Sempre brin-

co que eu e ele temos essa obsessão de sempre conquistar mais coisas. Esse é um grande diferencial da nossa equipe”, afirmou.

A expectativa e o trabalho realizado pelo treinador é para que as atletas tragam o ouro para o Brasil nos Jogos Olímpicos de Paris. “A pressão é um pouco maior pra gente, por a gente já ter sido medalhista a cobrança é maior, então a gente está mantendo o treinamento forte, com objetivos, estudando as adversárias para que agora em Paris a gente consiga fazer uma prova bem melhor, brigando pelo ouro das duas”, disse Adriano.

“O desafio é mais a questão psicológica mesmo. Os atletas já estão acostumados a lutar nas competições internacionais, competições de nível de maior porte e eles estão bem preparados. Mas como treinador a gente sempre espera que eles alcancem desempenhos cada vez melhores”, pontuou Adriano de Lucena.

FUTEBOL DE 7

Circuito VF4 para jovens atrai mais de 1.500 atletas

A segunda edição do Circuito VF4 de Futebol de 7 está agitando a Região Metropolitana de João Pessoa, Solânea e Guarabira, com a participação de 76 equipes em oito categorias distintas, abrangendo desde o sub-8 até o sub-15. Com mais de 1.500 atletas, incluindo escolhinhas, times profissionais e projetos sociais, os jogos ocorrem nos sábados à tarde e domingos de manhã no CT do VF4.

Para Ailton Souza, idealizador da competição junto com o VF4, é importante fomentar as competições de base na Paraíba.

“Promover a modalidade em nosso estado é muito importante, como também fazer a interação entre equipes, pais e principalmente as crianças, fazendo com que elas busquem seus objetivos de forma alegre, brincando e se divertindo da melhor forma, que é através do esporte” disse Ailton Souza, idealizador do circuito.

A competição terá duração de quatro meses e conta com o quadro de árbitros federados que atuam em competições a nível nacional.



Fotos: Divulgação/VF4

A preparação de atletas inclui jovens masculinos e femininos; acima, Ailton Souza, idealizador da competição junto com o VF4

BRASILEIRÃO

Rodada tem partidas adiadas pela CBF

Palmeiras recebe o Athletico do Paraná, e Vasco enfrenta o Vitória-BA, sob pressão da torcida, em São Januário

Da Redação

Com jogos envolvendo clubes gaúchos adiados, sem datas marcadas, por causa das enchentes no Rio Grande do Sul, a sexta rodada do Brasileirão tem cinco partidas marcadas para hoje e uma que acontece amanhã, em São Paulo.

Na Arena Barueri, o Palmeiras recebe o Athletico do Paraná, às 16h com transmissão do Premiere. A diretoria do Verdão decidiu que a renda líquida será revertida para ajudar vítimas da enchente no Rio Grande do Sul. Para esta partida a CBF escalou a seguinte arbitragem: Bráulio da Silva Machado (SC), auxiliado por Luan Anderson Lima dos Santos (BA)

e Henrique Neu Ribeiro (SC). VAR: Wagner Reway (ES).

O Palmeiras ocupa a 6ª posição com oito pontos. Na última partida pelo Brasileirão venceu o Cuiabá, por 2 a 0, na capital mato-grossense e na quinta-feira pela Libertadores aplicou uma goleada de 5 a 0 no Liverpool do Uruguai, assumindo a liderança do Grupo F com 10 pontos.

O Palmeiras chega para essa partida com três vitórias e um empate nos últimos quatro jogos.

Para a partida de amanhã, o técnico Abel Ferreira vai mandar a campo os seguintes jogadores: Weverton, Mayke, Luan, Gustavo Gómez e Piñeres; Aníbal Moreno, Richard Ríos (Zé Rafael) e Raphael Veiga; Lázaro (Estêvão),

Endrick e Flaco López.

Enquanto isso, o Athletico vem de uma série de duas vitórias, um empate e uma derrota. No último domingo, venceu o Vasco por 1 a 0. O técnico Cuca inicia o jogo com Bento; Léo Godoy, Kaitue Rocha, Gamarra e Esquivel; Fernandinho, Erick e Zapelli (Felipinho); Canobbio, Julimar (Cuello) e Pablo (Mastriani).

Atlético de Goiás e Cruzeiro jogam no Estádio Antonio Accioly, em Goiânia, às 16h, pela TV Globo e Premiere 3. O representante de Goiás chega para essa partida com um empate e três derrotas nos últimos quatro jogos. Está na penúltima colocação com apenas um ponto. Já a equipe mineira ocupa

a 10ª posição com sete pontos, com duas vitórias, dois empates e uma derrota.

Fortaleza e Botafogo se enfrentam às 16h na Arena Castelão. O Tricolor do Pici está na 12ª colocação com seis pontos e vem de um importante empate contra o Corinthians na Neo Química Arena. O objetivo é vencer o Alvinegro carioca para melhorar sua posição na tabela, enquanto isso a equipe comandada pelo português Artur Jorge vem de derrota, no Nilton Santos, por 2 a 1 para o Bahia. Mas, no último jogo pela Libertadores venceu a LDU Quito.

Primeiro da zona de rebaixamento e amargando quatro derrotas seguidas, o Vasco da Gama recebe o

Vitória (BA), que conta com apenas um ponto, na 18ª posição. Na última partida, perdeu para o São Paulo, no Barradão.

Às 18h30, na Fonte Nova, o Bahia joga contra o Bragantino. O Tricolor de Aço ocupa a segunda colocação do Brasileirão, com 10 pontos. Seu adversário está na 5ª posição, com nove pontos, e na última partida empatou com o Flamengo, dentro de casa.

Encerrando a sexta rodada, São Paulo e Fluminense se enfrentam amanhã, às 20h, no Estádio Morumbis. O Tricolor paulista venceu o Vitória na última rodada e o time comandado por Fernando Diniz empatou com o Atlético Mineiro, por 2 a 2, no Maracanã.

CANOAGEM

Isaquias Queiroz se destaca na Copa do Mundo e vai à final

Agência Estado

De volta às competições internacionais após quase um ano - não disputou o Pan-Americano para se dedicar à família - Isaquias Queiroz começou muito bem sua participação na Copa do Mundo de Canoagem e Velocidade, disputada em Szeged, na Hungria, ao se garantir na final do C1 500 deste sábado - prova que não estará em Paris-2024 - ganhando suas duas baterias e com a melhor marca do dia.

Nas semifinais, o quatro vezes campeão no mundo na modalidade melhorou o tempo das eliminatórias e voltou a vencer, desta vez com 1min50s91, demonstrando que já está muito forte fisicamente. Na final deste sábado, às 9h44 (de Brasília), o canoísta baiano terá como principal oponente, o ucraniano naturalizado moldávio Serghei Tarnovschi.

Isaquias Queiroz demonstrou que vai chegar forte para a defesa do título em Paris-2024 no C1 1000. Mesmo que a prova dessa sexta-feira não esteja no cardápio, ele abriu o dia com uma eliminatória em altíssimo nível no C1 500, superando o segundo colocado da bateria em quase cinco segundos.

Com início bem forte, Isaquias se garantiu na semifinal com vitória com 1min52s93. Fez quase cinco segundos sobre o segundo colocado, mesmo dando uma relaxada no fim. Gabriel Assunção também venceu sua bateria das eliminatórias, ainda mais rápido que o compatriota, ao fechar em 1min51s97. Mas não repetiu o desempenho e acabou caindo para o quarto lugar na semifinal (1min53s66).

Isaquias está encarando a Copa do Mundo como a preparação final para chegar forte em Paris-2024. Ele afirmou em vídeo na Confederação Brasileira de Canoagem (CBCA), antes da competição, que seria um teste definitivo para suas reais chances nas Olimpíada. E definiu a participação na Hungria como um "aquecimento".

■ Nas semifinais, o quatro vezes campeão no mundo na modalidade melhorou o tempo das eliminatórias e voltou a vencer



Foto: Divulgação

Os torcedores cruzmaltinos irão lotar o Estádio de São Januário para incentivar a equipe que vem de quatro derrotas seguidas e uma delas por 4 a 0, em casa

FEMININO

Seleção é convocada para amistosos contra a Jamaica

A Seleção Principal Feminina foi convocada para os amistosos contra a Jamaica. Nesta sexta-feira (10), o técnico Arthur Elias anunciou a lista das 26 jogadoras que representarão o Brasil durante a Data Fifa, que ocorrerá entre os dias 27 de

maio e 4 de junho.

As Guerreiras do Brasil enfrentarão as jamaicanas nos dias 1º e 4 de junho, na Arena Pernambuco, em São Lourenço da Mata (PE) e na Arena Fonte Nova, em Salvador (BA). A abertura da venda de ingressos para o

primeiro jogo está prevista para o dia 13 de maio. Mais informações serão divulgadas posteriormente.

"A gente enfrenta uma seleção que tem feito bons jogos, fez uma excelente Copa do Mundo e vai ser um bom teste para as Olim-

piadas", afirmou o treinador.

Dentre as novidades na lista do treinador, destacamos Bianca Brasil, que não era convocada desde 2017, quando teve sua primeira oportunidade de participar de um período de treinamentos com a seleção. Além dis-

so, a goleira Natascha, eleita a jogadora do mês de março do Brasileirão Neoenergia, também integrará a equipe. A última vez que a arqueira foi convocada foi em 2023, durante um período de treinamentos na Granja Comary.

Lista das Convocadas

■ GOLEIRAS

Lorena - Grêmio; Luciana - Ferroviária; Natascha - Palmeiras; Tainá - América-MG

■ DEFENSORAS

Rafaelle - Orlando Pride (EUA); Antonia - Levante UD (ESP); Tarciane - Houston Dash (EUA); Thaís Ferreira - Tenerife (ESP); Fê Palermo - Palmeiras; Yasmim - Corinthians; Tamires - Corinthians

■ MEIO-CAMPISTAS

Duda Sampaio - Corinthians; Vitória Yaya - Corinthians; Ana Vitória - Atlético de Madrid (ESP); Duda Santos - Ferroviária; Brenna - Palmeiras

■ ATACANTES

Adriana - Orlando Pride (EUA); Marta - Orlando Pride (EUA); Bia Zaneratto - Kansas City (EUA); Priscila - Internacional; Gabi Nunes - Levante UD (ESP); Gabi Portilho - Corinthians; Byanca Brasil - Cruzeiro; Cristiane - Flamengo; Ludmila - Atlético de Madrid (ESP) e Jheniffer - Corinthians

Foto: Rafael Ribeiro/CBF



Cris Gambaré, coordenadora técnica das Seleções Femininas, participa da convocação

SÉRIE C

Botafogo defende a invencibilidade

Contra a equipe carioca, o Belo perdeu os últimos três jogos e espera quebrar o tabu jogando no Rio de Janeiro

Danrley Pascoal
 danrley.p.c@gmail.com

O Botafogo entra em campo, hoje, pela quarta rodada do Campeonato Brasileiro Série C. O Belo enfrenta o Volta Redonda-RJ, às 19h, no Estádio Raulino de Oliveira. O Alvinegro da Estrela Vermelha perdeu os últimos três jogos em que duelou contra o time do Rio de Janeiro.

De acordo com o site ogol.com.br, o Xerife do Nordeste e o clube da Cidade do Aço realizaram sete jogos oficiais ao longo da história. Foram quatro vitórias do Volta Redonda, um triunfo do Botafogo e dois empates. Os seis últimos duelos ocorreram pela Série C.

“Assim que encerrou a partida contra o Remo, já voltamos as atenções para o jogo contra o Volta Redonda. Sabemos que eles têm um treinador que está por lá há muito tempo e isso dá ao time uma característica (padrão) e uma forma de jogar. Temos conseguido criar nossas próprias características desde que o professor Piza chegou e tivemos a semana para aprimorar. É ver as vulnerabilidades do Volta Redonda, ver o que o professor tem para passar e buscar o resultado positivo”, falou o zagueiro Reniê, capitão do Belo na última partida em

relação ao próximo adversário.

Para o confronto desta noite, o Botafogo não contará com o atacante Dudu, suspenso pelo terceiro cartão amarelo, e com o lateral-direito Lenon, que sofreu um estiramento na coxa e está entregue ao Departamento Médico. O atacante Will Viana e o volante Pedro Ivo, que se recuperaram de lesão, voltaram aos treinos com o grupo durante a semana e podem ser opção para o jogo.

Caso consiga um triunfo diante do Volta Redonda, o clube terá sua melhor campanha no atual modelo de disputa do campeonato, em que as 20 equipes se enfrentam em turno único, na primeira fase. Em 2022, quando o formato foi implantado, o Belo venceu o São José-RS e o Confiança-SE e perdeu para o Botafogo-SP e Ferroviário-CE, somando apenas seis pontos nas primeiras quatro rodadas. Já em 2023, não perdeu nas quatro partidas iniciais do torneio, mas somou apenas oito pontos. Além dos triunfos contra Operário-PR e Remo-PA, empatou com o América-RN e Pouso Alegre-MG. A terceira vitória em 2024 deixará a equipe com 10 pontos.

O adversário

O Voltaço, como é conhecido é o próximo adversário do Belo, não



A torcida do Belo tem esperança no goleiro Dalton para garantir um bom resultado na partida diante do Volta Redonda

atuou na última rodada. O clube enfrentaria o São José-RS no Sul do país, por conta das fortes enchentes no Rio Grande do Sul, o jogo foi adiado. A equipe venceu as duas partidas em que esteve em campo pela terceira divisão, somando seis pontos. Fora de casa, ganhou do Remo por 2 a 1 e do Floresta, em casa, também por 2 a 1, os mesmos adversários que o Alvinegro da Estrela Ver-

melha venceu no torneio.

De acordo com o portal diário do vale, da cidade de Volta Redonda, com uma semana a mais de preparação para a partida deste domingo (12), o técnico Rogério Corrêa aproveitou para trabalhar jogadas ensaiadas, promovendo novas variações táticas à equipe.

Botafogo e Volta Redonda

Os três últimos duelos entre Botafogo e Volta

Redonda acabaram com vitória do time do Rio de Janeiro, esses jogos ocorreram em 2023. O primeiro foi durante a primeira fase da Série C, no Estádio Raulino de Oliveira. Os donos da casa ganharam pelo placar de 1 a 0. Os outros dois confrontos foram pelo quadrangular final, o Botafogo saiu derrotado tanto dentro como fora de casa, ambas as partidas terminaram 2

a 1 para o time do Rio de Janeiro.

Arbitragem

Jose Magno Teixeira do Nascimento, da CBF-RN comanda a arbitragem da partida entre Volta Redonda e Botafogo. Lorival Candido das Flores (CBF-RN) e Matheus Lacerda Lemos (CBF-RN) são os assistentes. João Marcos Gonçalves Fernandes (CBF-RJ) é o quarto árbitro.

SOUSA

Dinossauro busca a primeira vitória no jogo contra o Potiguar, em casa

Danrley Pascoal
 danrley.p.c@gmail.com

O Sousa entra em campo, hoje, pela 3ª rodada do Campeonato Brasileiro Série D. Contra o Potiguar de Mossoró, o time do Sertão busca a primeira vitória no torneio. O Dino é a única equipe do grupo A3 que ainda não marcou gol. A partida acontece no Estádio Marizão, às 16h, em Sousa.

A equipe paraibana chega pressionada para esta partida, já que não venceu nenhum dos últimos sete jogos que disputou, tendo atuado pelo Campeonato Paraibano, Copa do Brasil e Série D. Neste recorte, foram seis empates e uma derrota. A última vitória aconteceu na semifinal do Estadual, contra o Treze, no dia 31 de março.

Na Série D, nos dois jogos que realizou, além de não ter vencido, o clube paraibano

também não balançou as redes. Em casa, empatou por 0 a 0 com o Iguatu-CE na estreia e perdeu para o Treze por 2 a 0. Hoje, além de quebrar o incômodo jejum sem triunfos, o Dino também pode vencer pela primeira vez o Potiguar de Mossoró. Até então, em dois confrontos, o time do Rio Grande do Norte ganhou um, por 2 a 1, e o outro acabou empatado por 1 a 1.

Preparação complicada

Paulo Schardong, técnico do Sousa, viveu um momento complicado nos últimos dias. O gaúcho precisou dar atenção aos seus comandados na busca dos ajustes necessários para finalmente vencer na Série D e também procurou entender a situação dos seus familiares que residem no Rio Grande do Sul, o estado passa por uma das maiores tragédias climáticas de sua história.

De acordo com a Defesa

Civil, cerca de 85% das cidades gaúchas foram afetadas pelas fortes chuvas que castigam a região. Segundo relatos do treinador, natural de Três Passos, no noroeste gaúcho, no município em que seus pais residiam, a ponte que liga a cidade a outras caiu. Schardong afirmou ter também parentes em Santa Maria-RS, os quais estão com muitas dificuldades.

Adversário

Após vencer o Atlético-CE por 2 a 1 na estreia e ser derrotado dentro de casa pelo Maracanã-CE também por 2 a 1 na rodada passada, o Potiguar de Mossoró busca surpreender o Sousa para conquistar seu segundo triunfo na Série D. A expectativa do time do Rio Grande do Norte é repetir a atuação da primeira rodada, quando longe de seus domínios obteve uma grande vitória.

TREZE

Galo enfrenta o Maracanã-CE pela terceira rodada da Série D

Danrley Pascoal
 danrley.p.c@gmail.com

O Treze enfrenta, hoje, o Maracanã-CE, às 15h30, no Estádio Almir Dutra, em Maracanaú-CE. Será o primeiro confronto entre as equipes ao longo da história. A partida é válida pela terceira rodada do Campeonato Brasileiro Série C. O Galo chega para o jogo com 100% de aproveitamento. Nas duas partidas que fez até aqui, marcou seis gols e sofreu três.

Para a partida desta tarde, Wallace Pernambucano deve iniciar como titular. Em mais uma passagem pelo Treze, o jogador de 38 anos foi regularizado no começo da semana. A entrada entre os 11 atletas que começam o duelo foi confirmada por Waguiinho Dias.

“Ele vai iniciar o jogo. Eu tenho essa preferência porque a partir do momento que ele sentir nós faremos a troca. O duro é ele entrar durante uma partida e não conseguir ter o ritmo necessário. E o que ele mais precisa agora é se ambientar com o time, conhecer os jogadores e jogar. Wallace não está na sua melhor forma e não vai fazer, talvez, uma grande partida. Espero que consiga, mas é difícil”, afirmou o treinador do time de Campina Grande.

Na coletiva antes da partida de hoje, Waguiinho reafirmou que, pelo elenco monta-

do, sua equipe vai brigar até o fim pelos objetivos traçados antes da competição. “Nós estamos trabalhando muito para isso. Sabemos onde nós queremos chegar. Nós queremos o acesso, mas isso é um processo. Dia a dia, treinamento, trabalho, vitórias, acerto da equipe e entrosamento que ainda vai vir. Mas nós estamos no caminho certo”, destacou.

O adversário

O time cearense faz, este ano, sua estreia no Campeonato Brasileiro, nunca havia atuado por qualquer divisão do futebol nacional. Nas duas partidas que realizou até aqui, ainda não perdeu. Empatou com o América-RN por 1 a 1, em casa, e venceu por 2 a 1 o Potiguar de Mossoró, fora de casa.

Até 2020, o Maracanã disputa a 3ª divisão do Campeonato Cearense. Naquele ano conquistou o título do torneio e o

acesso, já no ano seguinte, com alguns reforços também venceu a 2ª divisão. Em 2022, chegou à elite estadual. O time é da cidade de Maracanaú, no Ceará, que fica aproximadamente 24 km da capital, Fortaleza. Seu nome é uma homenagem ao município.

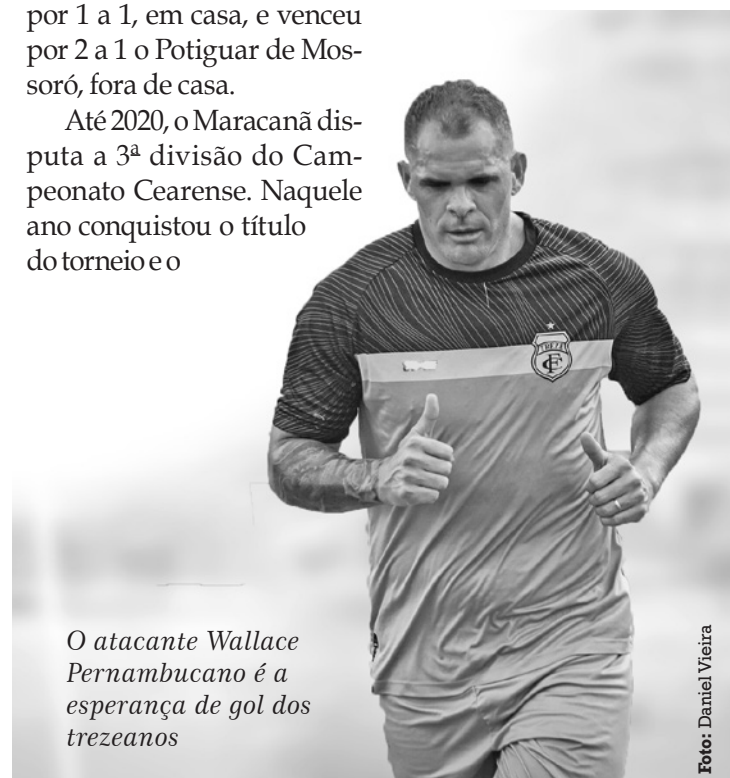
Arbitragem

Ranilton Oliveira de Sousa (CBF-MA) é o árbitro do duelo entre cearenses e paraibanos. Wesley Rodrigues Miguel (CBF-CE) e Deborah Beatriz Ferreira (CBF-CE) são os assistentes. Paulo Vitor de L. Pereira (CBF-CE) é o quarto árbitro.



Foto: Divulgação - Sousa

O Dinossauro do Sertão treina forte, e o objetivo é a primeira vitória na Série D



O atacante Wallace Pernambucano é a esperança de gol dos trezeanos

Foto: Daniel Vieira

Dia das Mães



A maternidade é um viver e um trabalho em tempo integral. Hoje, reconhecemos e honramos as mães da pelo seu esforço incansável e amor incondicional. Feliz Dia das Mães!



REVISÃO HISTÓRICA

Uma luta sem os grilhões da versão oficial

Amanhã, 13 de maio, é o Dia da Abolição da Escravatura; entenda por que os movimentos negros do país não comemoram mais a data

João Pedro Ramalho
joaoprimalho@gmail.com

Era 13 de maio de 1888 quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, extinguindo a escravidão no Brasil, e tornou-se uma “heroína nacional”... ao menos para a versão oficial da História, como o Estado brasileiro a contava. Esse viés, contudo, foi contestado, principalmente pelos movimentos negros do país a partir da década de 1970. E o chamado Dia da Abolição da Escravatura, antes visto como uma data de celebração, é, atualmente, um momento de conscientização e de luta pelos direitos da população negra.

Para entender os motivos da contestação da Lei Áurea como uma “lei divina”, conforme a cantou o samba “Liberdade, Liberdade, abra as asas sobre nós”, é preciso reconhecer as diferentes formas de encarar a sua criação. O historiador e integrante do movimento negro de Campina Grande, Ariosvalber Oliveira, conta que o caminho até o dia 13 de maio de 1888 passou por diversas leis que buscavam dar uma satisfação à sociedade e ao mercado internacional, os quais pressionavam o Império brasileiro pelo fim da escravidão. Tais legislações, porém, mais preservaram os privilégios dos grandes senhores de terra que beneficiaram as pessoas escravizadas.

“Nós vamos ter, em 1850, a Lei Eusébio de Queirós, que proíbe a entrada de escravizados africanos. Ela tenta contrapor a lei de 1831, que também proibia, mas ficou conhecida como ‘Lei para inglês ver’, porque foi desrespeitada. Já em 1871, a Lei do Ventre Livre determinava que os filhos dos escravizados deveriam nascer livres, mas ela não funciona, de fato. E, por fim, nós vamos ter, em 1885, a Lei dos Sexagenários, que considerava livres os escravizados com mais de 60 anos. Mas essa é uma lei perversa, a partir do momento que milhares de escravizados nem chegavam a essa idade, devido às condições abjetas de sobrevivência”, explica Ariosvalber.

Inflamada pelos movimentos abolicionistas, a esfera legislativa do país gesta diferentes projetos que propunham uma abolição mais robusta, com a previsão, por exemplo, de ações de reforma agrária. O Império, porém, atropelou as discussões com a criação da Lei Áurea. Uma norma curta, de apenas dois artigos, e tardia, já que o Brasil foi o último país das Américas a acabar com a escravidão. Sem nenhuma iniciativa oficial de inclusão e impedida, pela Lei de Terras de 1850, de possuir propriedades privadas, a população de ex-escravizados viu-se abandonada à própria sorte.

Com o tempo, o reconhecimento das contradições envolvendo a Lei Áurea levou os setores organizados da sociedade a questionar o costume oficial de comemorar a Abolição da Escravatura. Em 1978, surge o Movimento Negro Unificado, que se expande pelo país, chegando a João Pessoa, em 1980, e a Campina Grande, em 1986. Nomes como Abdias do Nascimento e Lélia Gonzalez, em âmbito nacional, e João Balula, Socorro Pimentel e Josemir Camilo, na Paraíba, tornam-se referência na busca por ressignificar a narrativa histórica.

“Esses militantes vão questionar a data de 13 de maio e exigir que a data significativa para o povo negro é o 20 de novembro. E vão denunciar como o 13 de maio foi um projeto que resultou no processo de exclusão dessa população negra”, relata Ariosvalber Oliveira. O dia 20 de novembro, escolhido por ser o aniversário da morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares, torna-se um marco oficial apenas em 2011, com a instituição do Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, pela Lei nº 12.519.

“Verdadeira abolição”

A luta dos movimentos negros pelos direitos dessa população consiste na busca por uma “verdadeira abolição”. Esse é o termo usado por Renálide Carvalho, doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e ativista da Marcha da Negritude Unificada e do Movimento de Mulheres Negras da Paraíba. “Abdias do Nascimento dizia que, de escravizados, os negros passaram a favelados, meninos de rua, vítimas preferenciais da violência policial, discriminados na esfera da justiça, invisibilizados nos meios de comunicação, negados nos seus valores, na sua religião, na sua cultura. Então, a gente só pode falar em abolição, quando, de fato, a gente abolir todas essas desigualdades”, defende.



Em João Pessoa, o dia de amanhã será marcado justamente por iniciativas que visam à conscientização sobre o tema. Uma delas é o evento “136 anos de resistência negra em busca da verdadeira abolição”, que será realizado, a partir das 13h, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da UFPB. A programação prevê roda de conversa, roda de capoeira, sarau e oficina de teatro. A oficina, aliás, será ministrada por Renálide Carvalho, que também é poeta, feminista negra e atriz.

Para Renálide, a arte é uma ferramenta de ativismo social que alcança brechas aonde outros discursos não chegam. “Muitas vezes, a pessoa não se concentra em uma fala política, mas vai prestar atenção e se emocionar com uma música, uma apresentação teatral, uma performance, um poema. Então, a gente acredita muito no poder da arte engajada e comprometida com a transformação da sociedade”, afirma a poeta.

Educação é vital no combate ao racismo

Um dos símbolos da resistência do povo negro durante o período da escravidão foram os quilombos. Destino de escravizados fugidos e locais de sociabilidade e preservação da cultura, as comunidades quilombolas consistem, para o historiador Ariosvalber Oliveira, em um espaço de alternativa aos modelos sociais vigentes. “A constituição dos quilombos no Brasil e na província da Paraíba foi um movimento de reação, de negação ao projeto do Estado brasileiro. São instituições de sociedade que se contrapõem e negam a estrutura oficial”, comenta o ativista negro campinense.

Na Paraíba, existem hoje cerca de 50 comunidades remanescentes de quilombos e reconhecidas pela Fundação Palmares. A pedagoga Luciene Tavares é de uma dessas localidades. Ela afirma que a vivência na terra natal, Catolé do Rocha,

Para o historiador Ariosvalber Oliveira, as comunidades quilombolas consistem em um espaço de alternativa aos modelos sociais vigentes

em Alagoa Grande, foi fundamental para sua atuação enquanto professora. “Eu fui criada dentro do quilombo. Eu sou filha, neta de mestres e mestras da cultura popular, do coco de roda e da ciranda. E, dentro da educação, algo que eu sempre pautei foram as questões étnico-raciais e culturais, as memórias do meu quilombo, sendo tratadas de forma eficaz dentro da sala de aula”, conta.

De acordo com Luciene Tavares, a educação formal como um todo tem acompanhado, de forma lenta, as transformações na abordagem de temas como a Abolição da Escravatura. A pedagoga defende a formação continuada de todos os agentes da educação como o caminho para um ensino mais inclusivo. “A gente ainda vê um trabalho efetivo de uma pequena parte das pessoas, aquelas que se sentem conscientizadas, mas há uma fragilidade em muitas instituições. Por isso, é importante a formação continuada dos professores e também ouvir a comunidade onde a escola está inserida, porque a escola tem um papel fundamental no combate ao racismo”, aponta a pedagoga.

Data significativa para o povo negro é o dia 20 de novembro, aniversário da morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares

Ilustração: Tônio

Allyrio Wanderley

Polêmico, jornalista “tinha a palavra certa para o momento certo”

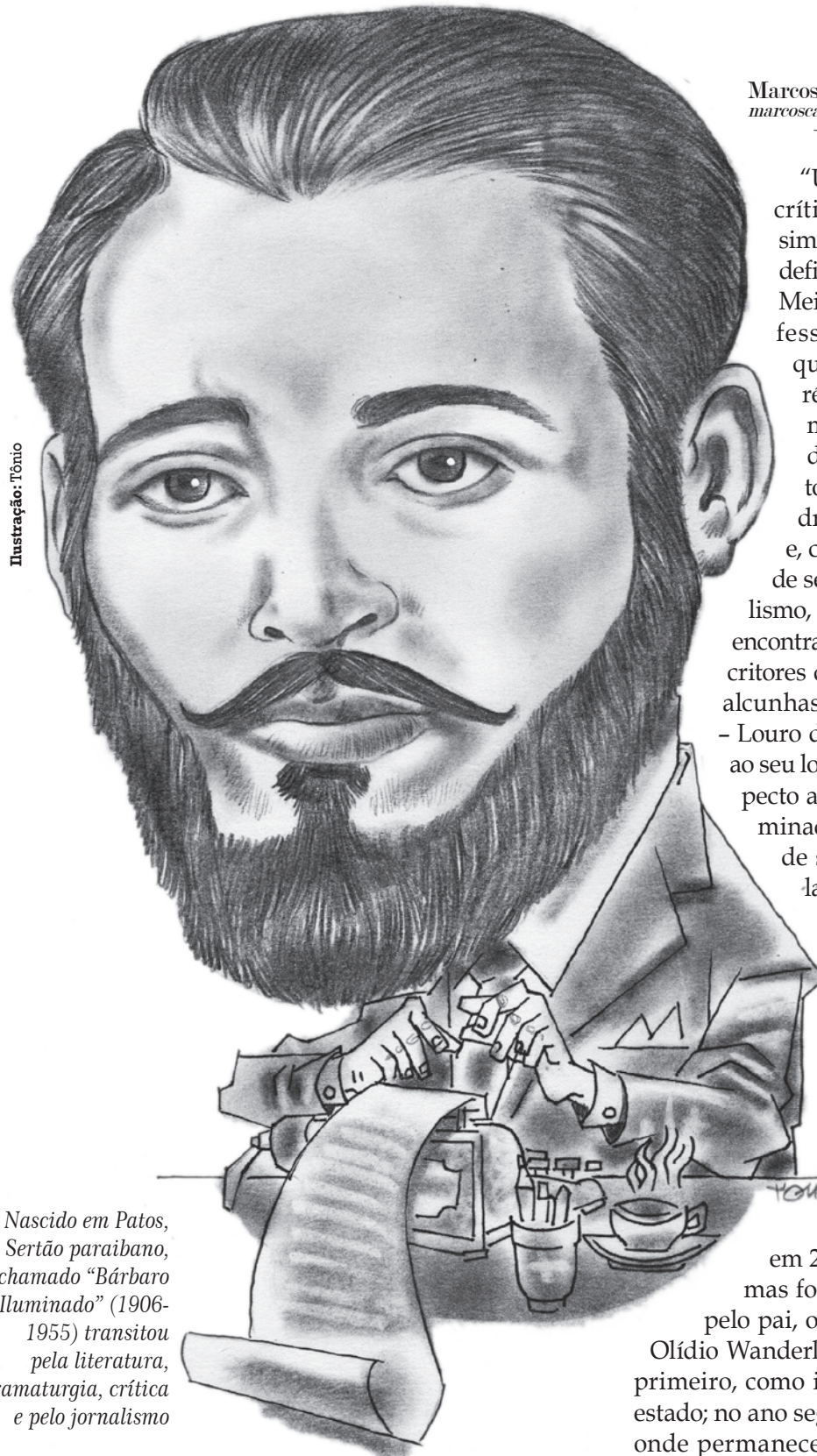


Ilustração: Vinícius

Nascido em Patos, no Sertão paraibano, o chamado “Bárbaro Iluminado” (1906-1955) transitou pela literatura, dramaturgia, crítica e pelo jornalismo

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

“Um jornalista intenso, crítico e polêmico”. É assim que Bruno Gaudêncio define o jornalista Allyrio Meira Wanderley. O professor e historiador faz questão de alertar, porém, que Allyrio foi, acima de tudo, um homem da palavra, que transitou pela literatura, pela dramaturgia, pela crítica e, como não podia deixar de ser, também pelo jornalismo, meio de sobrevivência encontrado pelos principais escritores de sua época. As duas alcunhas que lhe foram dadas – Louro do Jabre, em referência ao seu local de origem e seu aspecto alourado, e Bárbaro Iluminado, pela força e ironia de suas palavras – revelam também um pouco de sua personalidade, que deixou impressa em sua obra: preocupado com sua gente, debatia a realidade que o cercava, expressando-se em palavras tão duras quanto necessárias.

Nasceu em Patos, no Sertão paraibano, em 22 de outubro de 1906, mas foi enviado aos 12 anos pelo pai, o fazendeiro Francisco Olídio Wanderley, para estudar fora: primeiro, como interno, na capital do estado; no ano seguinte, no Recife (PE), onde permaneceu até a conclusão de

seus estudos secundários. De lá, seguiu para São Paulo (SP), no auge de sua juventude, na esperança de prosseguir com os estudos e aperfeiçoar seu talento literário, que já se avistava.

Na pauliceia desvairada, ele enfrentou muitos desafios, e os poucos empregos que encontrava eram temporários. As memórias dessa fase difícil da vida, dizem os estudiosos de sua obra, foram retratadas por Allyrio no romance *Bolsos Vazios*, escrito anos depois.

Ainda na capital paulista, ele começou a trabalhar como tradutor e crítico literário. “Como jornalista, na década de 1930, escreveu inicialmente em rodapés de jornais de São Paulo, como *O Dia* e *São Paulo*, trabalhando depois como crítico literário no *Correio Paulistano*, o que lhe deu notoriedade no campo literário da cidade”, sintetiza o jornalista e historiador Bruno Gaudêncio.

Foi também por essa época que escreveu boa parte de suas obras: *Sol Criminoso* (1931), *Cães sem Donos* (1932), *Serões de uma Traça* (1933), *Os Brutos* (1934), *A Seara do Próximo* (1934) e *As bases do separatismo* (1935). Essa última, apontada como a mais controversa delas, teve seus exemplares apreendidos pela polícia paulista e rendeu ao paraibano um processo no Tribunal de Segurança Nacional por incentivar a fragmentação da unidade nacional, defendida por Getúlio Vargas. “Ele escreveu que o destino do Brasil seria se desfazer, tornando-se vários países dentro de um mesmo país. Ele faz uma espécie de tratado, de que o Nordeste e o Sul do país teriam, em algum momento da história, a vocação para a separação. Esse discurso vai de encontro ao pensamento varguista e da maioria dos líderes políticos do país”, comenta Gaudêncio.

A perseguição obrigou Allyrio a se refugiar em sua terra natal, numa fazen-

da da família na Serra do Jabre. “Socada numa grotta – assim me disse ele –, perdido nos confins do Sertão, recebendo mantimentos e tinta e papel, escreveu [sua] trilogia. O primeiro volume, *Ranger de Dentes*, veio a lume”, revelou Geraldo Sobral, numa crônica escrita sobre o último encontro que teve com o escritor.

Mesmo com o arquivamento do processo, Allyrio Wanderley permaneceu por mais algum tempo na Paraíba, onde colaborou para o *Jornal A União* e, em 1945, chegou a dirigir o matutino independente *O Estado da Paraíba*. “Ainda em finais daquele ano, convidado, tornou-se crítico literário de *A Manhã*, editado no Rio de Janeiro, para onde se transferiu. Em julho do ano seguinte, ele ingressou nos *Diários Associados*. E, com total liberdade de expressão passou a escrever para *O Jornal*, onde manteve por quase três anos uma coluna sob o título *A Ronda dos Livros*”, descreve o professor e historiador José Ozildo dos Santos. Retorna à Paraíba em 1950, fixando residência em João Pessoa, onde passa a colaborar com os jornais locais.

Romanamente

Seu talento no jornalismo não se restringia somente à crítica literária. Foi também um editorialista de mão cheia, emprestando criticidade e precisão naquilo que escrevia, ainda que se discordasse de seus argumentos. Gonzaga Rodrigues, com quem trabalhou em *O Norte* e atualmente ocupa a cadeira que tem o escritor patense como patrono na Academia Paraibana de Letras (APL), descreve as habilidades do companheiro de redação: “Ele tinha a palavra certa para o momento certo. A palavra adequada para o momento. (...) era polêmico: não escrevia para agradar, escrevia para descrever um ponto de vista que ele considerava consequente”.

Gonzaga recorda um dos trabalhos emblemáticos de Allyrio por ocasião de um fato histórico importante, o suicídio do presidente Getúlio Vargas. “Nós rodamos uma edição especial (...) Chega Allyrio, o grande editorialista do *Jornal O Norte*, escolhido no Rio de Janeiro por Assis Chateaubriand. Ele escrevia um editorial antológico, um editorial que poucos jornais brasileiros tinham categoria para assinar... E ele chegou – me lembro demais –, subiu a escada do jornal, entrou, não deu uma palavra... Nós todos na redação estávamos chocados com a tragédia do Cateite. E ele vem, senta em frente à máquina e escreve aquele editorial que até hoje está na minha memória. O título foi este: ‘Morreu romanamente’. Romano quer dizer o trágico, o épico, o de guerra, o de luta. ‘Morreu romanamente’”.

“Nunca escrevi para críticos”

Com suas críticas aguçadas e cheias de ironia, não demorou muito para Allyrio Wanderley ganhar inimizades. Entre os companheiros de trabalho, onde atuou de 1953 até sua morte, cultivou a admiração de seus “confrades”, como o cronista esportivo João Carlos Franca, que, dias depois da partida do jornalista, escreveu: “Tinha sempre uma observação, ora um elogio, ora uma crítica”.

O cronista utilizou sua coluna para traçar um retrato do colega, que considerava também um meslidade do companheiro de redação: “Ele tinha a palavra certa para o momento certo. A palavra adequada para o momento. (...) era polêmico: não escrevia para agradar, escrevia para descrever um ponto de vista que ele considerava consequente”.

dois outros romances que compõem a trilogia. Não adiantaria. Eles não compreenderiam nada. Ficariam a escrever elogios idiotas”, reproduzia Sobral. E prossegue: “Escreveram ‘romance poderosos’, ‘romance telúrico’, ‘romance vigoroso’. Mas que significa romance poderoso, romance vigoroso, romance telúrico?”.

A pergunta inesperada feita por Sobral durante a conversa – se ele escrevia para os críticos – deixaria Allyrio desconcertado e pensativo. “Realmente, eu não escrevo para críticos, nunca escrevi para críticos literários. Primeiro a gente escreve para si e depois, sim, para os outros. E – a gente escreve para si mesmo”, responderia. O companheiro descreve que foi naquele exato momento que conseguiu perceber em Allyrio uma amargura “que refletia toda a tristeza da humanidade”.

“Ali estava o verdadeiro Allyrio, sem as influências e sem as deformações causadas pelo meio ambiente. Era o homem em si, em sua profundidade. Amargurado. Triste. Não se sentindo compreendido, por isso mais amargurado e mais irônico. Sarcástico mesmo. Foi ali, nesse instante de tão pouca duração, que o compreendi, que o vi sem a máscara que utilizou por tanto tempo. A máscara da ironia impiedosa, daquela ironia com que os seus escritos ou em suas palavras, analisava homens e situações, não estava presente”, revela o companheiro de jornada.

A conversa terminaria com Allyrio comparando-se a um teatro alemão que não havia logrado êxito em vida com suas peças, mas depois de sua morte tinha sido reconhecido. Provavelmente



Imagem: Arquivo da Biblioteca Nacional

Edição de 'O Norte' com o obitúário do jornalista

uma tentativa de autoconsolação: “Ainda pode haver – disse-me sorrindo – autores desse tipo, perdidos pelo mundo afora. Até mesmo no Brasil...”. Ao que completou Geraldo, para arrematar a conversa: “É. Até na Paraíba. Aqui na redação do *O Norte*”.

A história, porém, não se repetiu – ao menos não até agora. Quem estuda a vida e a obra do Bárbaro Iluminado considera que tem havido um processo de apagamento do autor, provocado, sobretudo, pela ausência de republicação de suas obras. A Fundação Ernani Sátiro (Funes), sediada em Patos (PB), vem empreendendo esforços para trazer à luz a contribuição do jornalista e escritor, e lançou, recentemente, um livro (*Allyrio em Sete*) e um documentário (*Allyrio*), este último disponível no YouTube. As duas produções foram organizadas pelo professor e historiador Delzymar Dias, que vem pesquisando a obra allyriana.

Allyrio Wanderley morreu aos 48 anos, vítima de um derrame cerebral, aos 15 de janeiro de 1955, deixando esposa e cinco filhos. Partiu precoce-mente, quando ainda estava em plena atividade, tanto que no dia seguinte ao seu falecimento, o mesmo jornal que noticiava sua morte, publicava também seu último editorial, fato que o próprio veículo fez questão de alertar ao leitor, destacando as qualidades persuasivas do jornalista.

“Pode-se dizer, sem equívoco algum, que é uma verdadeira joia de jornalismo. Obra, não há [como] negar, antológica, pelo tom comedido, pelo *sense of humour*, pelo estilo, sempre exato, matemático e limpo como as águas de uma fonte pura. (...) nessa página de jornalismo, no bom sentido da palavra, encontraram os nossos leitores algo mais do que uma crítica política, algo mais do que uma análise de um dado momento político. Encontraram, sem dúvida, um trabalho de alta qualidade literária, onde a expressão, a forma, se coadunam, numa justeza digna das ciências exatas, com o conteúdo. Se há dureza no seu julgamento, se há um tom irônico, a culpa não lhe cabe, e sim aos homens”, finaliza a nota.



Através do QR Code acima, acesse o documentário Allyrio

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Tempestade de desinformação em meio ao caos no RS

“Cadê a minha mãe?”. “Cadê o meu pai?”. Eram as principais perguntas ouvidas pela psicóloga Daniela Reis, em visita a abrigos no Rio Grande do Sul, castigado por enchentes desde o início do mês. Ela é voluntária e teve a iniciativa de criar, com outras duas amigas, um perfil no Instagram para divulgar nomes e imagens de crianças que se perderam dos pais durante as chuvas. Enquanto Daniella e as amigas Júlia e Yasmin fazem algo de bom, há indivíduos que atuam em outra frente: a produção nefasta de desinformação e *fake news* sobre a tragédia que abalou os gaúchos.

Conforme o Guia da Educação Midiática, publicado pelo Instituto Palavra Aberta, “desinformação é o termo mais amplo para nos referirmos a qualquer tipo de conteúdo falso, impreciso, tendencioso, distorcido ou fora de contexto, criado de forma intencional ou não”. Já *fake news*, aponta o documento, são um tipo bem específico de desinformação. “O tempo diz respeito a conteúdos propositalmente falsos, ou seja, que foram criados com intenção de enganar. (...) As motivações para criar e disseminar *fake news* vão desde ganhar dinheiro até conquistar apoio para determinada causa ou ideia”.

Dentre as informações falsas veiculadas recentemente sobre as enchentes no Rio Grande do Sul, há “relatos” de que nove pessoas teriam morrido numa UTI gaúcha; de que helicópteros do Exército brasileiro nem saíram da base em Santa Catarina, enquanto Luciano Hang teria salvado várias vidas com os seus helicópteros particulares; e de que a Secretaria da Fazenda do Estado estaria bar-



Em comitiva, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobrevoa as áreas do Rio Grande do Sul atingidas por enchentes desde o início do mês

rando os caminhões de doação, sem permitir a distribuição de comida e marmitta, além de várias mensagens alegando que as pessoas estavam sendo salvas e ajudadas por civis, e não por instâncias estatais.

Tais exemplos de propagação de desinformação e de *fake news* constam de um ofício da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República enviado ao Ministério de Estado da Justiça e Segurança Pública. No documento, o secretário Paulo Pimenta, titular da Secom, solicita que providências cabíveis sejam tomadas pelos órgãos competentes do Ministério: “Tanto para a apuração dos ilícitos

ou eventuais crimes relacionados à disseminação de desinformação e individualização de condutas quanto para reforçar a credibilidade e capacidade operacional das nossas instituições em momentos de crise”.

Como resposta ao ofício da Secom, o ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, pediu à Polícia Federal a abertura de investigações sobre a divulgação de conteúdos falsos a respeito das enchentes no Rio Grande do Sul, especialmente porque os conteúdos falsos têm atrapalhado as operações de resgate no estado montadas pelos governos federal, estadual e municipais. Ou

seja, *fake news* impactam diretamente o salvamento de vidas.

Custa-me crer que, num momento de tanta dor, desespero e aflição vivida pelos habitantes do Rio Grande do Sul, haja pessoas que se desdobram para propagar *fake news* e desinformação. Falta empatia e sobra vontade de ampliar o caos. Falta solidariedade e abundam objetivos políticos inescrupulosos. Sei que, onde não há coração, prolifera o fel, mas tais atitudes mesquinhãs e oportunistas, em meio a um momento de comoção nacional, são muito tristes. São desumanas, para dizer o mínimo.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os conjuntos vocais – XVI

Trio Madrigal – Criado no Rio de Janeiro, em 1946, o grupo vocal feminino caracterizava-se pelo perfeccionismo no trabalho interpretativo em que se sobressaiam arranjos mais complexos, porém inovadores e sugestivos. A ideia de sua formação veio do maestro Alceu Bocchino, integrante do *staff* da Rádio Mayrink Veiga. A primeira formação contava com as cariocas Edda Cardoso, Magda Marialba, esta advinda de um coral clássico do Cassino da Urca, e a paulista Margarida Oliveira, conhecida como Lila, imã de Dalva de Oliveira, que era ex-integrante do grupo de Pastoras de Ataulfo Alves. Lila permaneceu no grupo por pouco tempo, tendo saído para exercer o matrimônio e sendo substituída pela pernambucana Lolita Koch Freire, advinda de um coral de música sacra e de câmara. Na terceira formação do grupo, Magda foi substituída pela fluminense Yeda Tavares Gomes da Silva, que, também advinda de um coral, assim ratificava o estilo próximo do erudito adotado pelo trio.

Com um ano de atividade, em 1947, o Trio Madrigal foi convidado pela direção da Rádio Nacional para substituir o grupo Três Marias, que rumara para a Rádio Tupi. Apresentavam-se, praticamente, em todos os programas da emissora, sozinhas, com o Trio Melodia, o primeiro, de que faziam parte Paulo Tapajós, Albertinho Fortuna e Nuno Roland, ou acompanhando cantores da casa.

O primeiro disco (78 rpm) foi gravado em 1949, pela Continental, em que o Trio Madrigal acompanhava o intérprete Ivon Cury.

O Trio Madrigal gravou, até 1955, 49 discos (78 rpm), com 81 fonogramas, com alguns



Foto: Reprodução

Primeira formação do trio, que nasceu no ano de 1946, na Rádio Mayrink Veiga (RJ)

sendo gravadas mais de uma vez. De algumas dessas gravações, também participou o Trio Melodia.

A esse propósito, esses dois trios gravaram reunidos grandes sucessos no estilo canções folclóricas, como aconteceu com os

cinco álbuns *Cantigas do Rádio*, *Cantigas de São João*, *Cantigas de Natal* (todas em 1951), *Festa de São João* e *Cantigas Populares* (ambos, em 1952), sendo que, com o primeiro, ganharam o prêmio de Honra da Associação Brasileira do Disco.

Dentre as gravações que representam o acervo do Trio Madrigal, citamos alguns destaques: “Coimbra” (Ferrão/Galhardo), com o Trio Melodia; “Mamo a Mamo” (C. Cardel/Razzano/Ghiaroni); “Mulher Renderia” (Zé do Norte/tradicional); “Pau de Arara” (Luiz Bittencourt/José Menezes), com Carmélia Alves e Trio Melodia; “Ása Branca” (Humberto Teixeira/Luiz Gonzaga) e “Dominó” (Jacques Plante, versão de Paulo Tapajós), com Jorge Goulart e Trio Melodia. O Trio Madrigal participou da gravação de vários fonogramas de Aracy de Almeida, na interpretação da obra de Noel Rosa.

Fato relevante aconteceu na gravação do *fox* “Bom-dia, Mister Eco” (Lourival Faissal/Bill/Belinda Pittman) que, depois de exaustivos ensaios, com a ajuda técnica de Norival Reis, idealizaram e introduziram em um fonograma o efeito que ficou conhecido como “câmara de eco”. Outro fato a ser lembrado: em 1951, o trio, com uma sua gravação, “ajudou” na popularização da música “Parabéns a você”, uma versão do “Happy birthday to you” (composição das irmãs Patty e Mildred Hill, de Louisville, Estados Unidos, em 1893), que, entre nós, recebeu uma versão de Bertha Celeste Homem de Mello (1902-1999), mas que passou por uma nova adaptação e simplificação da letra feita pela paulista Léa Magalhães, quando venceu um concurso da Rádio Tupi (RJ), objetivando uma adaptação da versão original. Foi essa a versão popularizada na voz do Trio Madrigal, em gravação de um 78 rpm, em 1951.

Após 10 anos de carreira, as últimas apresentações do grupo aconteceram em 1956.



Eita!!!!

Um novo "Homem de Aço"

Ícone da cultura pop e dos comics (os quadrinhos norte-americanos, o Superman vai estreiar uma nova fase com o cineasta James Gunn (da franquia *Guardiões da Galáxia*) à frente do chamado Universo DC (o rival da Marvel). Nesta semana, nas suas redes sociais, o próprio realizador (que também é copresidente do DC Studios) publicou a primeira imagem do ator David Corenswet (de *Pearl*) como o super-herói (foto acima). O filme, que será um recomeço do personagem das HQs nos cinemas, tem estreia prevista para o dia 11 de junho de 2025, nos EUA. Além de Corenswet, o longa vai ter Rachel Brosnham (*The Marvelous Mrs. Maisel*) como Lois Lane e Nicholas Hoult (*X-Men: Fênix Negra*) como o vilão Lex Luthor.

Kirk Alyn, o pioneiro

O "Homem de Aço" apareceu pela primeira vez na revista *Action Comics* nº 1, no dia 18 de abril de 1938. Criação do roteirista Jerry Siegel (1914-1996) e do desenhista Joe Shuster (1914-1992), foi o ator Kirk Alyn (1910-1999) que levou o super-herói pela primeira vez às telas de cinema, em 1948, com *Superman*, uma série em preto e branco com 15 partes, da Columbia Pictures. Dirigido por Thomas Carr, a narrativa já conta a história da criança kryptoniana mandada para a Terra e adotada por um casal de fazendeiros. Alyn também interpreta o personagem em *Atom Man vs. Superman* (1950).

Outras encarnações

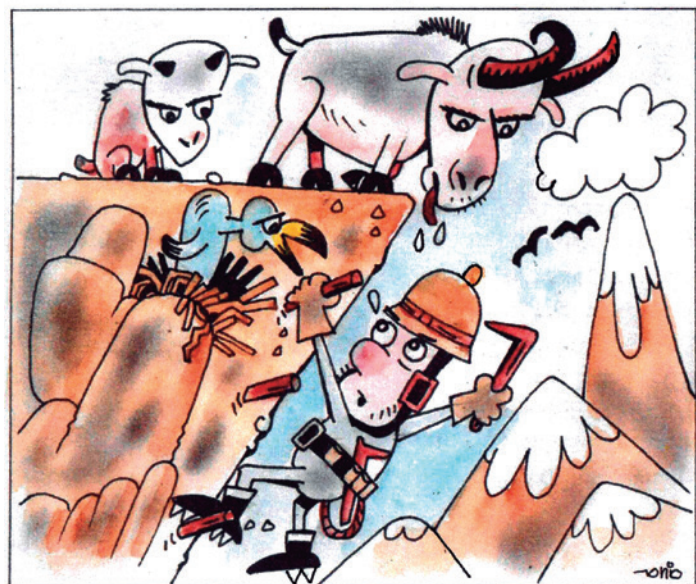
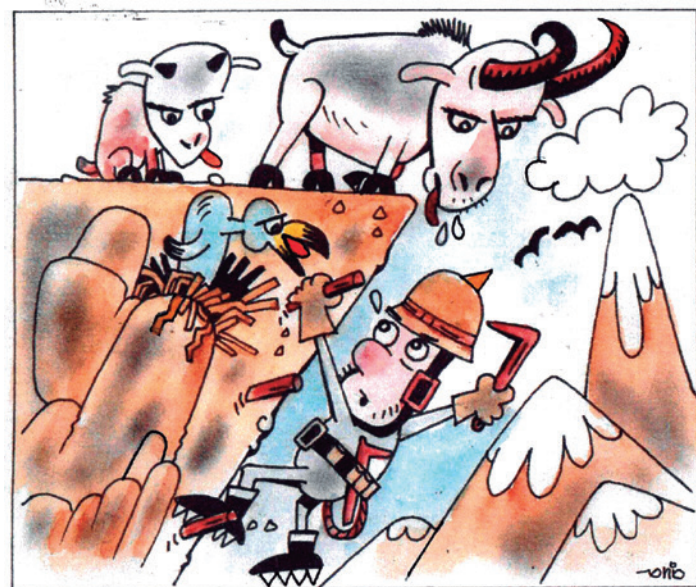
George Reeves (1914-1959) encenou o personagem para a TV em *As aventuras do Superman* (1951-1952-1958). Johnny Rockwell interpretou uma versão jovem do herói no piloto de *As aventuras do Superboy*, em 1961, cancelado antes de ir ao ar. Bob Holiday (1932-2017) foi o personagem 129 vezes no musical da Broadway *It's a Bird, It's a Plane, It's Superman!*, de 1966. David Wilson fez uma versão televisiva do mesmo musical, em 1975. John Haymes Newton encarnou uma versão jovem para a primeira temporada de *Superboy* (1988), sendo substituído por Gerard Christopher nas outras três temporadas. Dean Cain estrelou a série *Lois & Clark - As Novas Aventuras do Superman* (1993-1997), ao lado de Teri Hatcher. Tom Welling ganhou fama como o adolescente Clark Kent, alter ego do herói, no seriado *Smallville* (2001-2011). A segunda temporada da série *Supergirl* (2016) trouxe Tyler Hoechlin como Superman. No cinema, Brandon Routh protagonizou *Superman: O Retorno* (2006), de Bryan Singer, pensado como uma continuação dos clássicos estrelados por Christopher Reeve nos anos 1970/80. Último antes do reboot, Henry Cavill assumiu o papel na fase do Zack Snyder, em filmes como *O Homem de Aço* (2013), *Batman vs. Superman* (2016) e *Liga da Justiça* (2017).

O "escoteiro" definitivo

No cinema, quando a imagem é popularmente remetida ao personagem, a maioria pensa no saudoso Christopher Reeve (1952-2004), que estreou no papel em 1978, em *Superman: O Filme*, de Richard Donner (1930-2021), que ganhou três sequências (1980-1983-1987).

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - copacete; 2 - nuvem; 3 - montanha; 4 - travas da botica; 5 - língua do psittaco; 6 - baba do bode; 7 - ninho; 8 - língua do cabrito; 9 - pé de



Aparência da porta-voz digital batizada de Victoria Shi foi modelada com base na cantora ucraniana Rosalie Nombre

SALTO TECNOLÓGICO

Ucrânia apresenta uma porta-voz gerada por IA

Avatar fará declarações oficiais em nome do Ministério das Relações Exteriores

Henrique Sampaio
 Agência Estado

A Ucrânia apresentou na semana passada sua nova porta-voz digital, Victoria Shi. Modelada a partir de Rosalie Nombre, uma cantora e ex-participante da versão ucraniana do *reality show The Bachelor*, e gerada por inteligência artificial, a figura fará declarações oficiais em nome do Ministério das Relações Exteriores do país.

Dmytro Kuleba, ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, afirmou em nota à imprensa, que a criação de Victoria representa um "salto tecnológico" inédito no serviço diplomático mundial, e que suas declarações serão escritas e verificadas por pessoas reais, e não geradas por IA. "É apenas a parte visual que a IA nos ajuda a gerar". Segundo Kuleba, a IA ajudará a poupar recursos e tempo.

Informações pronunciadas pela Victoria Shi serão escritas e verificadas por pessoas reais, e não produzidas por inteligência artificial

Rosalie Nombre, a mulher que empresta sua aparência à porta-voz digital, nasceu na cidade de Donetsk, agora controlada pela Rússia, no leste da Ucrânia. Para seus seguidores nas redes sociais, ela fala sobre os estereótipos dos ucranianos mestiços e aqueles que cresceram como falantes de russo. Segundo o ministro, Nombre cedeu sua

imagem voluntariamente ao projeto.

A equipe por trás da criação de Victoria, uma ONG chamada The Game Changers, já havia trabalhado em conteúdos de realidade virtual relacionados à invasão da Rússia na Ucrânia.

Como forma de evitar a criação de vídeos falsos de Victoria Shi, suas declara-

ções serão acompanhadas de um código QR contendo um link para uma versão em texto do conteúdo no site do Ministro das Relações Exteriores da Ucrânia.

O governo ucraniano não forneceu detalhes de como a IA foi treinada e que modelos serão usados para a geração dos vídeos e áudio de Victoria.



Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: a favor (1) = pro + enxerido (3) = metido. Solução: Salvador (4) = Prometido. **Charada de hoje:** Não seja tendencioso (3), nessa faixa etária (3) da vida, pois isso pode levá-lo a agir com injustiça (6) nos seus julgamentos.

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

